



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

Mestrado em Linguística

Práticas identitárias da parentalidade na modernidade tardia: a reflexividade do homem-pai à luz da Análise de Discurso Crítica

Caroline Maria Vilhena de Souza Sifuentes

Brasília – DF 2017



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

Mestrado em Linguística

Práticas identitárias da parentalidade na modernidade tardia: a reflexividade do homem-pai à luz da Análise de Discurso Crítica

Caroline Maria Vilhena de Souza Sifuentes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestrado em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Juliana de Freitas Dias

Brasília – DF 2017

Práticas identitárias da Parentalidade na modernidade tardia: a reflexividade do homem-pai à luz da Análise de Discurso Crítica

Caroline Maria Vilhena de Souza Sifuentes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Juliana de Freitas Dias - Orientador (a) / Presidente (a) (UnB/PPGL)

Prof. Dr. Sostenes Cezar de Lima- Membro efetivo externo (UFG)

Profa. Dra. Francisca Cordélia da Silva- Membro efetivo interno (UnB/PPGL)

Prof. Dr. Guilherme Veiga Rios - Membro suplente (UnB/PPGL)

SSI573 SIFUENTES, CAROLINE MARIA VILHENA DE SOUZA
Práticas identitárias da parentalidade na
p modernidade tardia: a reflexividade do homem-pai à
luz da Análise de Discurso Crítica / CAROLINE MARIA
VILHENA DE SOUZA SIFUENTES; orientador Juliana de
Freitas Dias. -- Brasília, 2017.
109 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2017.

1. Paternidade. 2. Parentalidade. 3. Análise de
Discurso Crítica. 4. Identidades. 5. Masculinidades.
I. Dias, Juliana de Freitas, orient. II. Título.

*Para Pedro, motivação inicial desta caminhada, e
Laura, gestada e nascida durante a marcha, por me
possibilitarem novos olhares sobre a vida e darem
profundo sentido a todas as minhas escolhas.*

*Um dia
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter*

*Que nada
Minha porção mulher, que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É que me faz viver*

*Quem dera
Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem dera
Ser o verão o apogeu da primavera
E só por ela ser*

*Quem sabe
O Superhomem venha nos restituir a glória
Mudando como um deus o curso da história
Por causa da mulher*

*Superhomem, a canção
(Gilberto Gil)*

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da maternidade, que mudou tudo.

Ao Vitor, companheiro de caminhada. Pelo incentivo e apoio irrestrito, em tantos sentidos. Pela ajuda com as traduções, pelas sugestões de sinônimos, e por me emprestar as suas mãos quando as minhas estavam cansadas de digitar. Pelas batalhas vencidas, pelo amor fortalecido e pela amizade de sempre. Pela nossa família e pela vida compartilhada, tão leve e feliz, enfim.

Aos meus pais, Thales e Berna, por tudo que eu não conseguiria listar nestas páginas. A cada um, de modo especial: à minha mãe, mulher-modelo em quem me espelho, por ter sido meu esteio emocional nos muitos momentos difíceis vividos nos últimos dois anos; e ao meu pai, presença sempre tão terna e eloquente, meu poço sem fim de afeto, pelas conversas, os conselhos, e a orientação de toda natureza.

Aos meus irmãos, Thales e Bruno, amores e amigos da vida toda, pelas diversas trocas ao longo desta jornada e por sabê-los tão próximos, sempre.

Às minhas queridas cunhadas, Adria, Raíssa e Raquel, presentes valiosos que a vida me deu, pela amizade, pelos vinhos, e pela alegria de sermos família.

Às muitas mulheres da minha vida, amigas de todas as horas, pelas profundas conversas e pelos sambas que tornaram esta caminhada mais leve.

Aos queridos companheiros de jornada acadêmica, Rodrigo, Valéria, Núbia, Gina, Gissele e Atauan, professores a quem muito admiro, por me ensinarem tanto – dos livros e da vida.

À Gissele, de modo especial, pelo carinho e generosidade com que me recebeu em sua casa para me ajudar na fase final desta pesquisa. E, claro, pela melhor cuca de banana que eu já comi na vida.

Aos professores do PPGL, que me acompanharam em todo este processo, por tantos conhecimentos transmitidos e pelos incentivos e contribuições dados a esta pesquisa, desde o início, em cada disciplina.

Aos professores que aceitaram compor a banca de defesa desta dissertação, por sua disponibilidade e interesse. Em especial à Profa. Dra. Francisca Cordelia, que tão carinhosamente participou de minha qualificação, pela leitura atenta e pelas ricas contribuições que ajudaram a trazer este trabalho até aqui.

A Ritta Pinho, pela prosa que determinou os rumos deste trabalho, pela ponte que construiu para que eu chegasse aos homens-pais participantes da pesquisa, e por ter aberto a sua casa para a realização dos encontros.

Aos homens colaboradores deste estudo, pelo entusiasmo, disponibilidade e entrega, por terem falado aberta e honestamente sobre suas questões íntimas acerca da paternidade e tantos outros temas pessoais.

À minha querida orientadora, profa. Dra. Juliana Dias, pelo encontro. Por ter iluminado com seus saberes de modo determinante esta pesquisa, e por ter me enxergado além dela. Por tudo que não quero limitar em palavras. Pelo orgulho que eu sinto em carregar, neste trabalho e na vida, meu nome junto ao dela.

E, finalmente, mais uma vez, aos pais da minha vida: o meu pai, Thales Souza, e o pai dos meus filhos, Vitor Sifuentes, pela inspiração para esta pesquisa. Não fosse a paternidade amorosa que exercem, esta temática certamente não me falaria tão profundamente ao coração.

RESUMO

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico crítico que tem como escopo a investigação das práticas sócio discursivas que constituem os processos de reprodução, resistência e transformação referentes ao ‘lugar’ do homem-pai na sociedade atual, que desencadearam possíveis mudanças nas práticas sociais, nas identidades e nos discursos sobre a parentalidade, e especialmente sobre a paternidade, que vigoram na atualidade. Ancorada no referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (ADC), esta pesquisa fundamenta-se, em especial, nas concepções de Norman Fairclough (1989, 1992, 1995, 2003) e Chouliaraki & Fairclough (1999), e também nos estudos sobre ideologia e identidades, particularmente nas formulações de Thompson (1990), Hall (1990, 1992), Moita Lopes (2002), Woodward (2000) e Giddens (1991), a fim de compreender como as identidades são constituídas através do discurso, considerando a estreita e complexa relação entre discurso e prática social. Os corpora de análise são compostos por dados empíricos gerados em duas frentes metodológicas: (i) textos que abordam a temática da paternidade, gerados a partir de netnografia, escritos e publicados por homens-pais em seus blogs e páginas em redes sociais; (ii) trechos transcritos de falas geradas em grupo focal composto por homens-pais acerca da paternidade e seus desdobramentos. O trabalho analítico foi empreendido a partir dos conceitos de ‘micro’ e ‘macro’ análises (Fairclough, 2001), conduzido tanto por meio de micro categorias linguísticas, como a partir de macro categorias semânticas e discursivas, que abarcam a natureza socialmente constituída e constitutiva do discurso, considerando-se seus aspectos acionais, representacionais e identificacionais. Os resultados das análises apontam para uma realidade paradoxal acerca da paternidade na modernidade tardia: de um lado, a voz de poder dos homens-pais que constroem representações e (auto)identidades idealizadas sobre o pai contemporâneo na internet; e, de outro, pais da ‘vida real’, cujos discursos indicam um alto grau de crise de identidade.

Palavras-chaves: Paternidade. Parentalidade. Análise de Discurso Crítica. Identidades. Masculinidades.

ABSTRACT

This dissertation is a product of a qualitative research of critic ethnographic characteristics that has a scope on investigation of social and discursive practices which constitute process of reproduction, resistance and transformation relative to the 'place' of the father figure on nowadays society, that set in motion possible changes in social practices, on identities and on discourses about parenthood, and specially about paternity which prevail these days. Anchored on theoretical and methodological referential of the Critical Discourse Analysis (CDA), this research bases, in special, in Norman Fairclough's conceptions (1982, 1992, 1995, 2003) e Chouliaraki & Fairclough's (1999), and also in studies about ideology e identities, notably on Thompson's formulations (1990), Hall's (1990,1992), Moita Lopes (2002), Woodward's (2000) and Giddens (1991), in order to understand how identities are designed through discourse, considering a narrow and complex relationship between discourse and social practice. Analysis corpus texts are composed by empirical data on two methodological fronts: (i) texts that address the paternity theme, generated from netnography, written and published by fathers in their blogs and social network pages; (ii) transcript segments of speech generated in a focal group formed by fathers about paternity and its repercussions. Analytical work was undertaken using the concepts of 'micro' and 'macro' analysis (Fairclough, 2001), conducted either by micro linguistic categories, or by macro semantic and discursive categories, that cover the socially constituted and constitutive nature of discourse, considering its actional, representational and identification aspects. Analysis results point to a paradoxal reality about paternity in late modernity: on one side, the voice of power from fathers that build representations and (auto)identities inspired on the contemporary father in the internet; and, on another side, 'real life' fathers, whom discourses indicate a high degree of identity crisis.

Keywords: Paternity. Parenthood. Critical discourse analysis. Identities. Masculinities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	22
1.1. Primeiros passos: percurso teórico, os fundamentos da pesquisa.....	22
1.2. Da Teoria Social do Discurso à Análise do Discurso Crítica	22
1.3. A Análise de Discurso Crítica e as dimensões sociais do discurso	24
1.4. Ideologia e poder.....	25
1.5. ADC e transdisciplinaridade: outras contribuições teóricas para o debate	28
1.6. Modernidade tardia, Reflexividade e Identidade	29
1.7. A crise da masculinidade	35
CAPÍTULO 2.....	38
2.1. A voz e a vez do pai: escolhas metodológicas.....	38
2.2. ADC como teoria e método: o arcabouço teórico-metodológico	39
2.3. Definindo o caminho: etnografia crítica e netnografia	41
2.4. Empreendendo o caminho.....	43
a) A paternidade nos blogs e redes sociais.....	43
b) A formação do grupo focal.....	46
c) A condução dos encontros	47
2.5. Constituição e definição dos corpora.....	48
CAPÍTULO 3.....	50
3.1. Quem é o pai? A figura paterna na história da humanidade	50
3.2. O Movimento Feminista e os novos arranjos familiares	54
3.3. Outras concepções sobre o lugar do pai.....	58
3.3.1. Noções jurídicas: a função do pai aos olhos da lei	58
3.3.2. Contribuições da psicologia: o ser e o fazer paterno	59
CAPÍTULO 4.....	62
4.1. Empreendendo as análises	62
4.2. Divisão dos capítulos analíticos: “micro” e “macro” análises.....	62
4.3. Primeiro momento analítico.....	63
4.3.1. O que eles escrevem: uma microanálise da realidade virtual paterna	63
4.4. A PATERNIDADE COMO LUGAR DE PODER	65
4.4.1. Microanálise texto 1:.....	66
4.4.2. Microanálise texto 2:.....	76
CAPÍTULO 5.....	88
5.1 Segundo momento analítico.....	88
5.2. O que eles falam: uma macroanálise das vozes paternas da vida real	88
5.3. A PATERNIDADE COMO IDENTIDADE	90
5.3.1 A PATERNIDADE COMO IDENTIDADE RELACIONAL.....	91
5.3.2 PATERNIDADE COMO IDENTIDADE SOCIAL.....	94
5.3.3 A PATERNIDADE COMO CRISE	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110

INTRODUÇÃO

O parto: quando nasce um pai

Era por volta das 13h quando comecei a sentir as dores. Foram algumas horas de caminhada pelo corredor do hospital e exercícios, enquanto o trabalho de parto evoluía. No escuro do quarto, de olhos fechados, eu tentava controlar a respiração e me conectar com o Pedro, que estava quase chegando. Minha mãe alisava meus cabelos e cantava baixinho, me passando força e tranquilidade, e fazendo-me sentir plenamente capaz e segura. Meu marido, pai da criança que eu carregava no ventre, ficou o tempo todo ao meu lado, ansioso, mas calmo, e eu podia ver no olhar dele um profundo respeito por aquele momento.

Quase 21h e eu, exausta, investia toda a força que me restava para parir o Pedro. No centro obstétrico estavam apenas a médica, uma enfermeira e o pediatra, além de mim e do meu marido. Ele, que tinha levado a câmera fotográfica para registrar o nascimento do nosso primeiro filho, deixou-a posicionada em um lugar estratégico filmando tudo e pôs-se inteiramente dedicado a me dar apoio naqueles minutos finais. Entre uma contração e outra, em alguns segundos de descanso, ouvia sua voz carinhosa encorajando-me: “Isso! Está quase!”, e repetindo: “Muito bem! Você está sendo maravilhosa!”

Às 21h05 Pedro veio ao mundo, com os olhos bem abertos, entre beijos e lágrimas de alegria. A obstetra, que até então chamava o meu marido pelo nome, de repente evocou: “Vem, pai, cortar o cordão umbilical do seu filho!” Em seguida, foi a vez do pediatra: “O pai poderia me acompanhar na pesagem, por favor?” E lá foi ele, feliz da vida, registrar os primeiros momentos de vida do nosso bebê.

Na noite em que eu dei à luz o Pedro, nascemos também eu como mãe e o meu marido como pai. E, depois, muitas vezes ele levantou durante a madrugada porque ouviu primeiro o choro do bebê, muitas vezes trocou fralda, deu banho, preparou mamadeira ou comida. E após dois anos, quando veio a nossa caçula, nada mudou. Ele continuou adequando seus horários de trabalho para me acompanhar nas consultas das crianças com o pediatra, ou para levar ao posto em dias de vacinação, ou para buscar na creche. Continuou brincando com os filhos e contando histórias e dando carinho ou bronca quando necessário. Um pai responsável, presente, participativo e vinculado aos filhos afetivamente.

Foi quando a temática da parentalidade¹ e as questões concernentes aos papéis de homem e mulher na criação dos filhos (sobretudo na primeira infância) passaram a despertar em mim especial atenção. Comecei a perceber com certa surpresa a frequência com que as pessoas se dirigiam a mim admiradas, com palavras de elogio e congratulações pela paternidade considerada excelente que meu marido exercia. “Como ele te ajuda com as crianças!” era um dos comentários mais frequentes. Curiosamente, ouvi de outras mulheres o mesmo relato e passei a observar que o debate em torno desta temática crescia, sobretudo nos meios midiáticos e virtuais.

A “glamourização” do “bom pai”

Depois do surgimento – e do enorme sucesso – da chamada “blogosfera materna”, em que muitas mulheres começaram a escrever e a compartilhar na internet relatos e dicas sobre criação de filhos, conquistando tamanha visibilidade a ponto de (algumas) gerarem renda por meio de patrocínios e anúncios de grandes marcas em seus espaços virtuais, recentemente foi a vez do pai. Blogs escritos por eles – além de páginas e canais nas redes sociais – também começaram a surgir e a fazer muito sucesso. Tanto que alguns desses homens-pais se tornaram verdadeiras celebridades, acumulando milhares de seguidores na internet e viajando Brasil a fora para dar palestras e participar de eventos. Suas publicações ganharam tamanha visibilidade que chamaram a atenção de algumas das principais editoras do País e, assim, “O Papai é pop”² (Piangers, 2015), “Diário de um grávido”³ (Kaufmann, 2010) e “Do seu pai” (Fonseca, 2016) foram lançados e ficaram durante meses encabeçando o ranking dos dez livros mais vendidos no Brasil.

Diante disso, nasceu a questão motivadora desta pesquisa, a partir de uma dupla percepção (em minha vida pessoal e na internet) acerca do mesmo fenômeno social: o homem-pai em evidência. Imersa, então, neste contexto e atraída por esta temática e seus desdobramentos, convenci-me de que a paternidade (especialmente as práticas, as

¹ Este termo foi utilizado pela primeira vez em 1961 pelo psicanalista francês Paul-Claude Racamier, para marcar a dimensão de processo e de construção no exercício da relação dos pais com os filhos. Racamier propôs o termo *maternalidade* para definir “o conjunto dos processos psicoafetivos que se desenvolvem e se integram na mulher por ocasião da maternidade”; e propôs, então, acrescentar a esse primeiro neologismo os termos *paternalidade* e *parentalidade*, seguindo a mesma lógica de significação. (HOUZEL *apud* SOLIS-PONTON e SILVA, 2014, p. 47)

² Livro que se tornou *best-seller* junto com “O Papai é Pop 2” (2016), de Marcos Piangers.

³ Renato Kaufmann também é autor de “Como nascem os pais” (2011).

representações e as identidades em torno dela) pedia e merecia um olhar mais profundo e atento.

A paternidade à luz da ADC

E por que tratar de uma questão social como essa no bojo dos estudos críticos do discurso? Tendo em vista a centralidade da linguagem nas sociedades contemporâneas, Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem uma agenda de pesquisa para a Análise de Discurso Crítica (ADC) que, dialogando com teorias críticas de outros autores⁴ sobre a modernidade tardia⁵, busca investigar, em uma perspectiva linguística, o papel da linguagem a partir de temas centrais como: *globalização; identidade; reflexividade*⁶; etc.

Dessa forma, julguei apropriado colocar a temática da paternidade na agenda de pesquisa da ADC, apoiando-me, para isso, nas concepções de Norman Fairclough (1999, 2001) sobre a estreita e complexa relação entre discurso e prática social, que me interessam especialmente e de onde emergem o alicerce teórico e metodológico desta pesquisa. O autor considera o uso da linguagem como um modo de ação, identificação e representação sobre o mundo e sobre os outros, que contribui tanto para a reprodução quanto para a transformação das sociedades.

Sendo assim, esta pesquisa será de natureza qualitativa de cunho etnográfico crítico, e os dados empíricos que compõem o corpus de análise foram gerados em duas frentes metodológicas: por meio de (i) netnografia⁷ – dois textos gerados na internet, escritos e publicados por homens-pais em seus blogs e páginas pessoais nas redes sociais, com abordagem similar acerca do papel do pai na criação dos filhos⁸; e (ii) entrevistas abertas com

⁴ Como as propostas por Harvey (1990), Giddens (1991, 1995) e Habermas (1984).

⁵ Utilizo neste trabalho a concepção de “modernidade tardia” definida por Giddens (1991), sobre a qual discorro mais detidamente no capítulo um, intitulado *Primeiros passos: percurso teórico, os fundamentos da pesquisa*.

⁶ Também discorro mais detidamente sobre as noções de “identidade” e “reflexividade” no capítulo um, intitulado *Primeiros passos: percurso teórico, os fundamentos da pesquisa*.

⁷ Netnografia é o ramo da Etnografia que analisa o comportamento de indivíduos e grupos sociais na Internet e as dinâmicas desses grupos no ambiente on-line e off-line. Acredita-se que o termo foi empregado pela primeira vez por R. V. Kozinets (1997). Aprofundarei a explicação deste caminho metodológico e sua aplicação nesta pesquisa no capítulo 2: *A voz e a vez do pai: escolhas metodológicas*.

⁸ Detalharei este processo de seleção dos dados no capítulo 2, intitulado *A voz e a vez do pai: escolhas metodológicas*.

cinco homens-pais participantes de grupo focal⁹. Ao empreender o trabalho de campo e a geração e análise dos dados, orientei-me pelos seguintes questionamentos:

- 1) Como, no contexto da modernidade tardia, a paternidade é representada textualmente, sob a ótica discursiva e ideológica, em textos publicados na internet, considerando principalmente o universo dos blogs e redes sociais?
- 2) Que práticas sócio discursivas, desveladas nas vozes dos homens-pais, colaboram para os processos de reprodução, resistência e transformação no âmbito das vivências familiares na modernidade tardia?
- 3) Como os homens autores dos textos analisados se identificam e se auto-representam como pais, em termos discursivos e ideológicos, em suas próprias narrativas?
- 4) Como os homens participantes do grupo focal se identificam e se auto-representam como pais em suas próprias narrativas?
- 5) Que marcas discursivas, desveladas nas falas dos sujeitos participantes da pesquisa, caracterizam indícios de uma crise de identidade paterna em cruzamento com a crise de masculinidade?

Considerando, portanto, estas perguntas, o **objetivo central** deste estudo é investigar, à luz da Análise de Discurso Crítica, as práticas sócio discursivas constitutivas das reproduções e transformações referentes ao ‘lugar’ do homem-pai na sociedade atual, que desencadearam possíveis mudanças nas práticas sociais, nas identidades e nos discursos sobre a parentalidade, e especialmente sobre a paternidade, que vigoram na atualidade. Tendo em vista as práticas identitárias desses homens-pais, desveladas em seus discursos pela reflexividade, buscarei averiguar ainda, por meio da análise linguístico-discursiva, quais marcas discursivas, nos dados gerados, apontam para uma possível crise de identidade produzida por tais mudanças.

No percurso dessa reflexão acerca das mudanças sociais e discursivas ocorridas nos últimos séculos e seus impactos nas práticas identitárias dos homens-pais e nas vivências familiares na modernidade tardia, focalizo ainda os seguintes **objetivos específicos**:

⁹ Apresentarei mais detidamente cada um deles no capítulo 2, *A voz e a vez do pai: escolhas metodológicas*.

- 1) Compreender como a paternidade é representada nos textos analisados, publicados em blogs e redes sociais, e como seus autores se auto-representam e se identificam em suas próprias narrativas.
- 2) Desvendar, nas falas dos sujeitos participantes da pesquisa, quais são as práticas sócio discursivas que colaboram para os processos de reprodução, resistência e transformação em suas vivências familiares e sociais?
- 3) Investigar como os homens-pais integrantes do grupo focal se identificam e se auto-representam em suas próprias narrativas e se, delas, depreendem-se indícios de uma possível crise de identidade.

A pesquisadora na pesquisa

Partindo do entendimento de que o pesquisador é parte do mundo que pesquisa, Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem que o estudo se origine na percepção de um problema, que pode ser encontrado na própria prática social (atividade concreta) ou ser fruto da construção reflexiva de uma prática social (ou seja, das representações que os sujeitos fazem de suas atividades – que são, elas mesmas, partes constitutivas de tais atividades). Assim, os autores afirmam que a pesquisa social crítica deve ser reflexiva, a partir da posição da qual ela é realizada, de modo que:

o conhecimento aplicado de forma reflexiva sobre uma prática é um saber posicionado, formado a partir de posições particulares dentro de uma prática ou fora dela (isto é, dentro da prática teórica), ele é tanto recurso quanto espaço para as lutas sociais (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 26).

Neste sentido, Bourdieu (1998) afirma que a relação que o pesquisador mantém com seu objeto de análise vai determinar sua própria visão do objeto. Partindo desta perspectiva, portanto, deixo claro que este processo de pesquisa foi desencadeado por meu interesse pessoal nesta temática como pesquisadora, mulher e mãe, o que certamente me fez conduzi-lo a partir destas lentes. Consciente, então, de que toda pesquisa é feita de escolhas e recortes, deixo claro que as escolhas teóricas, empíricas e epistemológicas adotadas por mim constituíram de modo determinante o recorte do corpus e a metodologia utilizados na condução desta pesquisa. No entanto, para além de minha motivação pessoal e interesse pelo tema, deixo claro também que ele é, sobretudo, de suma relevância científica para a comunidade social e acadêmica da qual faço parte, e sua justificativa será explicitada mais adiante nesta introdução.

Assim, faz-se necessário demarcar em definitivo o aspecto dialógico deste trabalho entre os universos feminino e masculino, materno e paterno, de modo que sua proposta consiste justamente em abordar as mudanças ocorridas com a chegada de um filho na vida do pai, a partir do olhar de uma mãe. Isto é, o fato de ser a paternidade uma temática considerada própria do universo masculino não a torna de estrito interesse dos homens. Ao contrário, considero plenamente possível e necessário estabelecer um diálogo com esses homens-pais a partir de meu olhar feminino materno, razão pela qual escolhi dar voz a eles em um grupo focal, além de ter passado todo um ano concentrada em suas mais variadas manifestações na internet, ter percorrido uma série de congressos e eventos acadêmicos nos quais os escutei atentamente, e ter, ainda, ao final desta pesquisa, projeções de retorno ao campo para concretizar proposições de possíveis artigos em parceria com pesquisadores interessados nesta temática.

Finalmente, julgo importante referir também que venho da formação superior em jornalismo¹⁰, de modo que esta caminhada acadêmica e, em especial, a escrita desta dissertação constituíram um grande desafio. Apesar de meu empenho, foram muitas as limitações encontradas para tratar em profundidade os fundamentos teóricos e metodológicos específicos da linguística que compõem este trabalho, por ter de abarcar conhecimentos em sua maioria alheios à minha formação de origem.

Isto posto, retomo a apresentação desta pesquisa e o relato de como defini os moldes que conduziram sua realização. Além do foco inicial de analisar textos sobre a paternidade publicados em blogs e páginas nas redes sociais, moveu-me a intenção de averiguar se o discurso escrito naqueles gêneros midiáticos na internet correspondia à vivência dos homens-pais da “vida real”. Diante da necessidade de um recorte e dada a pluralidade de contextos sociais em que se encontram, restava definir quem seriam esses pais e onde eu os encontraria, tendo em vista a clareza de que a reunião desses sujeitos se daria a partir dos critérios de exclusão/seleção que se mostrassem mais proveitosos ao alcance dos objetivos da pesquisa já expostos.

O recorte

Assim, introduzo previamente, de forma breve, os sujeitos participantes desta pesquisa e o contexto em que vivem, de modo que fique definida a realidade de que partimos e o

¹⁰ Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo, graduada pelo UniCeub, 2005.

recorte com o qual estamos trabalhando. Não é minha pretensão, nem poderia ser, abarcar em um único trabalho todas as possíveis variáveis de raça, gênero, classe social, ocupação, naturalidade, idade, orientação social, etc. dos homens-pais que existem na contemporaneidade. Os homens colaboradores que conheceremos neste trabalho são pais, residentes no Distrito Federal, três moradores do plano piloto e dois de cidades satélites, quatro brancos e dois negros, 3 casados e dois solteiros, todos heterossexuais, de classe média, com acesso a internet, formação superior, um deles envolvido em estudos acerca das masculinidades e temas transversais, e os outros quatro comprometidos na causa dos partos assistidos em ambiente domiciliar, na condição de companheiros ou ex-companheiros de mulheres imbuídas das responsabilidades e implicações de gerar, parir e criar seus filhos.

Devo explicar, contudo, que a reunião desses homens se deu de forma espontânea sem que eu os selecionasse diretamente. Ao empreender esta caminhada acadêmica, imersa na leitura de variados textos sobre a temática da paternidade e atenta a seus muitos desdobramentos, fui apresentada por minha orientadora, a Profa. Dra. Juliana Dias, a uma parceira tradicional chamada Ritta, que havia sido grande parceira de Dias à época de sua tese de doutorado¹¹, há 10 anos. Com mais de 20 anos de experiência no acompanhamento de gestantes e famílias no contexto do nascimento de uma criança, Ritta conheceu, em sua longa caminhada profissional, muitos homens, pais dos bebês que ajudou a trazer ao mundo. Por isso fomos ao encontro dela, para uma conversa informal em busca de luz naquele momento de definição sobre o caminho mais proveitoso para esta pesquisa.

Durante a conversa, Ritta¹² falou sobre sua observação acerca da mudança no exercício da paternidade ao longo desses 20 anos em que passou acompanhando casais e seus bebês, e disse que configurações tidas atualmente como modelos podem não funcionar em todas as dinâmicas familiares. “É importante questionar e refletir sobre algumas práticas; seria ótimo ouvir esses homens, provocar essa reflexão”, disse, para em seguida sugerir: “Se você quiser, eu promovo essa conversa, convido alguns deles, explico o objetivo do encontro e te apresento, vem quem quiser”. E assim se deu, meses depois.

¹¹ DIAS, Juliana de Freitas. O renascimento do parto: discurso e identidade. 2007. 248 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

¹² No capítulo 2, intitulado *A voz e a vez do pai: escolhas metodológicas*, faço um relato mais detalhado desse encontro e da definição do grupo focal formado por homens-pais com quem trabalhei na pesquisa.

Trata-se, portanto, de um recorte muito específico. Os homens-pais participantes deste trabalho vivem neste contexto particular e, depois de serem convidados pessoalmente pela parteira, apresentaram-se espontaneamente em duas ocasiões para colaborarem com a pesquisa.

Aproveito para destacar aqui, que esta dissertação dialoga, então, com a tese de doutorado de Juliana Dias (2007) – o que, devo dizer, me enche de alegria e gratidão. Naquela ocasião, Dias escutou mulheres-mães acerca do processo de nascimento e suas implicações ideológicas, nas esferas discursiva e social, no contexto da medicina. Dez anos depois, eu volto ao cenário da chegada de um filho, não mais para falar de medicina e parto, mas, desta vez, para conversar com os homens sobre o papel paterno e seu ‘lugar’ na dinâmica familiar e na sociedade, diante das mudanças que ocorrem interna e externamente após o nascimento de uma criança. Fica claro, assim, que o campo etnográfico no qual trabalhamos é semelhante, pois trata-se mulheres e homens que buscam partos humanizados e práticas de parentalidade mais próximas da natureza, com o mínimo de medicalização, intervenção e hospitalização, desde o processo de gestação e nascimento, até a criação dos filhos.

Para concluir, então, a apresentação do tema, bem como as motivações e justificativas de minha pesquisa, vale destacar por fim a minha grande surpresa ao constatar que, embora esteja claro que a paternidade é um assunto em voga, o interesse por ele no campo acadêmico ainda é tímido, especialmente no contexto específico da Universidade de Brasília (UnB). Em breve pesquisa no Repositório Institucional e na Biblioteca Central da UnB, descobri que não existe qualquer estudo acerca do papel do pai na sociedade e na família produzido no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras. É possível encontrar alguns (poucos) trabalhos relacionados a essa temática apenas nos Departamentos de Sociologia e Psicologia de outras Universidades do País (em contraste com a grande quantidade de pesquisas sobre as conquistas das mulheres e, especialmente, sobre a maternidade), o que me leva a crer que, de uma forma geral, priorizou-se nos últimos anos os estudos sobre a importância da relação mãe-filho, de modo que ainda é recente e muito incipiente as investidas em pesquisas sobre a importância da figura paterna no desenvolvimento da criança desde os primeiros dias de vida.

Apresentação dos capítulos

Diante de todo o exposto nesta introdução, dou a conhecer a seguir a divisão em que este trabalho será apresentado. Esta dissertação foi formulada em quatro capítulos, além da

introdução e das considerações finais, e está configurada segundo o arcabouço teórico-metodológico¹³ de Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), em sua versão recontextualizada por Juliana Dias (2011, p. 237), de modo que:

❖ A introdução, intitulada *O parto: quando nasce um pai*, corresponde à etapa inicial do arcabouço – 1) Questão Motivadora. Nela, apresento o processo de definição da temática principal desta dissertação, bem como as motivações, justificativa, questões e objetivos que nortearam a pesquisa.

❖ Os capítulos um (teórico) e dois (metodológico), intitulados, respectivamente: *Primeiros passos: percurso teórico, os fundamentos da pesquisa* e *A voz e a vez do pai: escolhas metodológicas*, não correspondem exatamente a etapas específicas do arcabouço, mas configuram toda a base teórica que sustenta e orienta este trabalho e a trajetória metodológica que tornou possível sua execução, ambas apoiadas nas concepções da Análise de Discurso Crítica, nos estudos sobre identidades, e em algumas contribuições da psicologia social.

❖ O capítulo três, cujo título é *Quem é o pai? A figura paterna na história da humanidade*, corresponde à primeira parte da segunda seção do arcabouço – 2) Aprofundando a questão: a) Análise da Conjuntura. Neste capítulo, apresento a contextualização da paternidade e as circunstâncias em que se encontram os homens-pais na modernidade tardia, em perspectiva histórica e social.

❖ E os capítulos analíticos: capítulo quatro, intitulado *Empreendendo as análises*; e o capítulo cinco, que traz o título *O que eles falam: uma macroanálise das vozes paternas da vida real*; que, juntos, correspondem à segunda e à terceira partes da etapa dois do arcabouço, além da terceira etapa – 2) b) Análise linguístico-discursiva, c) Análise das identidades, 3) Definindo os principais desafios. Nele, apresento as análises dos *corpora* definido para esta pesquisa divididos em duas partes: primeiramente, nomeamos microanálise o olhar minucioso, com base nas categorias analítico-discursivas de Fairclough (1999) e nos modos de operação da ideologia de Thompson (1990), sobre as práticas discursivas e sociais relacionadas ao discurso publicado em textos da internet sobre o que é ser pai; e, num segundo momento, nomeamos macroanálise a investigação, a partir de macro categorias

¹³ Que explicarei mais detidamente no capítulo 2, intitulado *A voz e a vez do pai: escolhas metodológicas*.

semânticas, dos discursos desvelados em alguns trechos de falas transcritas de homens-pais reunidos em grupo focal.

❖ As Considerações Finais correspondem às últimas partes do arcabouço, denominadas: 4) Reconfigurando a questão motivadora e 5) Refletindo sobre a análise. Nesta última fase, proponho reflexões a partir das percepções que emergiram de todo o processo de pesquisa e dos frutos analíticos.

Sendo assim, inicio este trabalho no intuito de contribuir para a reflexão acerca de questões sociais que permeiam nossa vida cotidiana, e de vivências familiares cada vez mais complexas, nesse tempo em que os papéis masculino e feminino, paterno e materno, na sociedade estão paulatinamente mais fluidos e pouco definidos. Farei isso sob a perspectiva da construção das identidades e das crises que as transformações sociais mais recentes têm causado em vários âmbitos.

CAPÍTULO 1

1.1. Primeiros passos: percurso teórico, os fundamentos da pesquisa

1.2. Da Teoria Social do Discurso à Análise de Discurso Crítica

O arcabouço teórico-metodológico deste trabalho ancora-se na Análise de Discurso Crítica (ADC), como disciplina situada na interface entre a Linguística e a Ciência Social Crítica, com amplo escopo de aplicação no tratamento de diversas práticas da vida social.

Em breve percorrido histórico, vemos que a ADC origina-se da chamada Linguística Crítica, nascida na década de 1970 como uma forma de análise do discurso e do texto que reconhecia o papel da linguagem na estruturação de relações de poder na sociedade. Em 1985, o termo Análise do Discurso Crítica foi cunhado pela primeira vez pelo linguista britânico Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster, em um artigo publicado no periódico *Journal of Pragmatics*. Mas, segundo Wodak (2001), foi apenas no início dos anos 1990 que a ADC se consolidou como disciplina, quando uma rede de estudiosos emergiu de um pequeno simpósio em Amsterdã, em janeiro de 1991. Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak passaram dois dias juntos discutindo teorias e métodos de análise do discurso, especificamente de ADC. Eles procuraram equacionar as questões sem resposta de múltiplas tradições intelectuais, em um esforço de síntese crítica, voltada para os problemas sociais mais urgentes.

Para esta pesquisa, interessam de modo particular as contribuições de Norman Fairclough (2001, 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999), especialmente a proposta de investigação da mudança discursiva em sua relação com a mudança social e cultural. Em sua concepção tridimensional de discurso, Fairclough (2001) relaciona os conceitos de texto, prática discursiva e prática social, considerando o uso da linguagem como um modo de ação, uma forma pela qual as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros, como também representá-los.

“Ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. (...) O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90-91).

Segundo Fairclough (2001), isto implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura

social, em que a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. Ou seja, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis. O autor afirma que o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: “suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

A partir da visão dialética entre discurso e estrutura social, Fairclough (2001) propõe uma tripartição dos efeitos constitutivos do discurso: ele contribui para a construção, em primeiro lugar, das identidades sociais; segundo, das relações sociais entre as pessoas; e terceiro, de sistemas de conhecimento e crença. Para o autor, portanto, o discurso tanto tem o poder de reproduzir a sociedade como é, como também contribui para transformá-la.

Deste modo, a Análise de Discurso Crítica consiste, portanto, em uma abordagem científica transdisciplinar para estudos críticos da linguagem como prática social. Em sua concepção, o discurso não representa apenas a linguagem em uso, mas, sim, em seu uso imbricado nas relações e processos sociais, no sistema de valores e crenças, na constituição das identidades dos sujeitos sociais que interagem na atividade material concreta, sob a forma verbal ou não-verbal. (DIAS, 2011)

Outra propriedade do discurso enfatizada por Fairclough (2001) é a intertextualidade, conceito vastamente tratado nos estudos de Bakhtin, especialmente em sua teoria de gênero. Para Fairclough, intertextualidade é a combinação de diferentes vozes em um mesmo discurso e pode ser entendida em dois níveis: a intertextualidade manifesta, quando “se recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 152), e a intertextualidade constitutiva ou interdiscursividade, que se dá quando há a combinação de diferentes gêneros ou quando “um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos de diferentes ordens de discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 152).

A interdiscursividade característica dos gêneros discursivos, que incorporam outros gêneros e sentidos de outros discursos, é compreendida por Chouliaraki e Fairclough (1999) em termos de uma heterogeneidade, ou prática híbrida. De acordo com os autores, o hibridismo não é uma questão de movimento de práticas “puras” para práticas híbridas – as pessoas estão sempre atuando com práticas que já são híbridas. “O hibridismo como tal é inerente a todos os usos sociais da linguagem” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 13).

1.3. A Análise de Discurso Crítica e as dimensões sociais do discurso

Neste sentido, os autores (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999) recobram a formulação de Harvey (1996) sobre a importância social do discurso e os outros momentos das práticas sociais. Harvey (1996) identifica os seguintes momentos das práticas: relações sociais, poder, práticas materiais, crenças/valores/desejos, instituições/rituais e discurso, e defende que cada momento internaliza os outros sem ser redutível a nenhum deles.

Chouliaraki e Fairclough (1999) reformulam os momentos apresentados por Harvey (1996) e afirmam: “Ao invés de tratar as ‘práticas materiais’ como um momento do ‘processo social’, nós vemos o processo social como constituído de ‘práticas sociais’ e a ‘atividade material’ como um momento da prática social”. (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 29) Assim, os autores sugerem que a prática social é composta de: discurso (ou semiose), atividade material, relações sociais (relações de poder e luta hegemônica pelo estabelecimento, manutenção e transformação dessas relações) e fenômeno mental (crenças, valores e desejos – ideologia).

De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), portanto, o discurso é um momento da prática social, ao lado de outros três momentos igualmente importantes.

“Os momentos da prática social são articulados dialeticamente, ou seja, cada momento incorpora o outro sem ser reduzido a ele. As práticas sociais se articulam conjuntamente dentro de redes de práticas, e as suas características ‘internas’ são determinadas por suas relações ‘externas’.” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 37).

Fairclough (2001) remete-se aos estudos arqueológicos iniciais de Foucault (1972) e sua primeira visão constitutiva do discurso, que envolve uma noção de discurso como ativamente constituindo ou construindo a sociedade em várias dimensões. No entanto, Fairclough (2001) critica a abordagem do filósofo sobre a subjetividade no discurso como uma dimensão secundária da prática social.

“A insistência de Foucault sobre o sujeito como um efeito das formações discursivas tem um sabor pesadamente estruturalista, que exclui a agência social ativa de qualquer sentido significativo. Isso é insatisfatório (...). A posição sobre o discurso e a subjetividade é dialética, que considera os sujeitos sociais moldados pelas práticas discursivas, mas também capazes de remodelar e reestruturar essas práticas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 70).

Fairclough (2001) reconhece que o trabalho de Foucault é uma grande contribuição para a visão do sujeito constituído, reproduzido e transformado na prática social (que Foucault chama de prática discursiva) e por meio dela, mas identifica limitações nos estudos do

filósofo. “As fraquezas relevantes do trabalho de Foucault têm a ver com as concepções de poder e resistência, e com questões de luta e mudança” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 82).

De fato, Foucault (1986) defende que o discurso é secundário aos sistemas de poder. Ou seja, para o autor, poder e ideologia estão implícitos nas práticas sociais cotidianas e seu caráter nas sociedades modernas está ligado ao controle das populações. De acordo com ele, não se trata das situações ou das práticas que ela (a ideologia) reflete de um modo mais ou menos consciente; nem, tampouco, de sua utilização eventual ou de todos os empregos abusivos que se possa dela fazer; “a questão é sua existência como prática discursiva e seu funcionamento entre outras práticas.” (FOUCAULT, 1986, p. 207)

1.4. Ideologia e poder

Nesta perspectiva, Bakhtin (1992) defende que o sujeito não é autônomo e, portanto, não é capaz de arbítrios pessoais, já que sua consciência individual adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. “A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 1992, p. 34). Para o autor russo, todo signo é ideológico e se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes, mas “aquilo mesmo que torna o signo ideológico, vivo e dinâmico, faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser.” (BAKHTIN, 1992, p. 46)

Na releitura da teoria marxista de Fairclough apresentada por Althusser (1983) em suas teses sobre os aparelhos ideológicos do Estado e o assujeitamento, o sujeito também é atravessado pela ideologia e pelo inconsciente. No entanto, o filósofo não concebe a ideologia como falseamento, lacuna ou inversão da realidade, mas como “uma ‘representação’ imaginária dos indivíduos em suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1983, p. 85).

Segundo Thompson (1990), só há ideologia quando houver legitimação de relações de dominação. Nessa abordagem, os movimentos rebeldes não seriam ideológicos. Thompson distingue-se dos outros autores por tentar sistematizar os modos pelos quais a ideologia está presente na linguagem. Mas os “modos de operação da ideologia” e “estratégias de construção simbólica” limitam-se aos sistemas de crenças que lutam pela manutenção das relações de dominação. Tais modos e estratégias seriam empregados apenas pelos grupos dominantes, enquanto os dominados não os utilizariam por não serem ideológicos.

“O conceito de ideologia pode ser usado para se referir às maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas – que eu chamarei de ‘relações de dominação’. (...) As formas simbólicas são ideológicas somente enquanto servem para estabelecer e sustentar relações assimétricas de poder; e é essa atividade, a serviço das pessoas e grupos dominantes, que tanto delimita o fenômeno da ideologia, dando-lhe especificidade e distinguindo-o da circulação das formas simbólicas em geral, como dá a essa concepção de ideologia proposta um sentido negativo” (THOMPSON, 1990, p. 15-16; 90-91).

John B. Thompson (1990) esclarece ainda que “por ‘formas simbólicas’, eu entendo um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e por outros como construtos significativos” (THOMPSON, 1990, p. 79). Isto é, tais relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas por meio de construções discursivas¹⁴ que operam, através de estratégias e construções simbólicas, de cinco modos. São eles os modos gerais de operação da ideologia¹⁵, a saber: “legitimação”, “dissimulação”, “unificação”, “fragmentação” e “reificação”. (THOMPSON 1990, p. 81-89)

O autor reforça, contudo, que estes modos pelos quais a ideologia opera podem sobrepor-se e reforçar-se mutuamente, pois não existem isoladamente e independentes umas das outras, podendo também operar de outras maneiras. Vejamos cada uma delas no quadro abaixo:

Modos de operação ideológica	Estratégias típicas de construção simbólica
LEGITIMAÇÃO	RACIONALIZAÇÃO: constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender ou justificar, com o intuito de persuadir a uma audiência e apoio. UNIVERSALIZAÇÃO: acordos que servem aos interesses de alguns são apresentados como servindo ao interesse de todos. NARRATIVIZAÇÃO: histórias narradas desde o passado até o presente como parte de uma tradição.
DISSIMULAÇÃO	DESLOCAMENTO: usado para se referir a um determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a um outro, e com isso as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para outro objeto ou pessoa. EUFEMIZAÇÃO: ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas de modo a despertar uma ‘valoração positiva’. TROPO: uso figurativo da linguagem (sinédoque - o todo pela parte; metonímia – metáfora – aplicação de um termo a um objeto ou ação)

¹⁴ A ideologia é classificada por Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 26) como construções discursivas.

¹⁵ Constam Explicados um a um de forma detalhada no capítulo teórico.

UNIFICAÇÃO	<p>PADRONIZAÇÃO: estratégia seguida, por exemplo, pelas autoridades de Estado, que procuram desenvolver uma linguagem nacional, em um contexto de grupos diversos.</p> <p>SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE: envolve a construção de símbolos de unidade, de identidade e identificação coletiva, que são difundidas através de um grupo. Ex: bandeiras, hinos nacionais. Ao unir indivíduos de uma maneira que suprima as diferenças e divisões, a simbolização da unidade pode servir, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de dominação.</p>
FRAGMENTAÇÃO	<p>DIFERENCIAÇÃO: ênfase que é dada às distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes, ou um participante efetivo no exercício do poder.</p> <p>EXPURGO DO OUTRO: essa estratégia envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo.</p>
REIFICAÇÃO	<p>NATURALIZAÇÃO: um estado de coisas que é uma criação social e histórica pode ser tratado com um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais.</p> <p>ETERNALIZAÇÃO: fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes.</p> <p>NOMINALIZAÇÃO: acontece quando sentenças, ou parte delas, descrições da ação e dos participantes nelas envolvidos, são transformadas em nomes, apagando os atores responsáveis por elas.</p>

Quadro 1 – Modos de operação da ideologia e suas respectivas estratégias de construção simbólica, segundo Thompson (1990).

Na abordagem de Fairclough (2001), o conceito de prática social emerge de sua relação intrínseca com questões de ideologia e poder. Para o autor, as ideologias são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. Ou seja, o sujeito é ao mesmo tempo constituído e constituinte das formações ideológicas.

“Aqui também é importante adotar a posição dialética que defendi anteriormente: os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras. O equilíbrio entre o sujeito ‘efeito’ ideológico e o sujeito agente ativo é uma variável que depende das condições sociais, tal como a estabilidade relativa das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), qualquer prática social é uma prática de produção, não apenas no sentido material, mas simbólico. E toda prática tem um elemento reflexivo, ou seja, as representações da prática são geradas como parte da própria prática. O

discurso, no entanto, figura de duas maneiras dentro das práticas: as práticas são parcialmente discursivas (falar, escrever, etc. são um modo de ação), mas elas são também discursivamente representadas.

1.5. ADC e transdisciplinaridade: outras contribuições teóricas para o debate

Chouliaraki e Fairclough (1999) lembram que a ADC traz uma variedade de teorias ao diálogo, especialmente teorias sociais, por um lado, e teorias linguísticas, por outro, “de forma que a teoria da ADC é uma síntese mutante de outras teorias; não obstante, o que ela própria teoriza em particular é a mediação entre o social e o linguístico”. (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 16). Trata-se, portanto, de uma transdisciplinaridade com um foco específico sobre a relação entre o mundo social e a linguagem.

Em sua obra “A família em desordem” (2003), a historiadora e psicanalista Elizabeth Roudinesco apresenta um percorrido histórico-cultural da evolução da família e propõe uma reflexão sobre sua desordem atual e a saúde de seus membros, do ponto de vista da psicologia. A autora dialoga com importantes pensadores, como Lévi-Strauss, Freud e Lacan, e considera três grandes períodos: 1. A família tradicional (sob a ordem do mundo imutável e submetida à autoridade patriarcal, Deus Pai); 2. A família dita “moderna”, de lógica afetiva, sob divisão de poderes, entre Estado e pais; 3. A família dita “contemporânea”, ou “pós-moderna”, valorizadora da vida privada, e na complexidade com a autoridade, de transmissão cada vez mais problemática (com rupturas e recomposições conjugais), imagens destituídas de pai heróico ou guerreiro.

Roudinesco (2003) afirma que as concepções freudianas estiveram “na origem de uma nova concepção da família ocidental capaz de lidar, à luz de grandes mitos, não apenas com o declínio da soberania do pai, mas também com o princípio de uma emancipação da subjetividade” (ROUDINESCO, 2003, p. 88). A autora aborda ainda a questão do controle normalizador da libido na conjugalidade burguesa, a mudança do filho-objeto para filho-sujeito; a homologação da autoridade parental dividida, com a “maternalização”, no século XX, da família nuclear.

Ainda sobre a desordem familiar, Roudinesco (2003) destaca a posição feminina no que chama de “poder das mães”, com acusações, temores sobre fertilidade e masculinização femininas, além da feminilização dos homens. Para a autora, “todas essas metamorfoses não faziam senão traduzir as angústias de um mundo abalado por suas próprias inovações” (p.

152), no qual surgiu a contestação à família edipiana e emergiu a "família recomposta", contemporânea, "frágil, neurótica, consciente de sua desordem" (p. 153), mas interessada na busca de equilíbrio, de onde brotou também seu vigor.

A psicanalista Françoise Hurstel, em seu livro "As novas fronteiras da Paternidade" (1999), postula que as representações da família contemporânea, bem como seu futuro, se fazem segundo dois modos dominantes: 1. Os pais se tornam idênticos às mães; 2. Os pais se tornam múltiplos e assim agem diante de uma mãe que permanece um ser único e estável. Para a autora, a mãe continua sendo o modelo de referência: o modelo materno de cuidadora, provedora de afeto e protetora dos filhos, parece não ter mudado. Nos dois casos, ela afirma que "a maternidade é o termo ao qual se opõe e se compara a paternidade. À desagregação de um responde a permanência do outro, como se somente a paternidade se modificasse"¹⁶ (p. 30).

1.6. Modernidade tardia, Reflexividade e Identidade

Início esta seção demarcando claramente que utilizo neste trabalho a concepção de "modernidade tardia" definida por Giddens (1991) como a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização dos traços básicos da modernidade, quais sejam: a separação de tempo e espaço; os mecanismos de desencaixe e a reflexividade institucional (GIDDENS, 1991, p. 25-36; 2002, p. 221). Ainda segundo o autor, as sociedades encontram-se, na modernidade tardia, em um momento em que são levadas a uma autoconfrontação sobre si, o que Ulrich Beck (1997) chamará de "modernização reflexiva".

A reflexividade crítica, na concepção de Chouliaraki e Fairclough (1999), é inerente a toda prática, uma vez que as pessoas sempre produzem representações do que elas fazem como parte daquilo que fazem. De acordo com os autores, a reflexividade tem dois aspectos essenciais: (i) é alcançada por meio da luta social, visto que o saber sobre as práticas cria posições particulares dentro da própria prática ou fora dela; (ii) a reflexividade de uma prática resulta que todas as práticas possuam um aspecto discursivo irreduzível, não só no sentido de que todas as práticas envolvem, em algum grau, a linguagem, como também no sentido de que as "construções discursivas das práticas são em si mesmas partes das práticas". (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 26)

¹⁶ No capítulo de análise da conjuntura, retomarei e aprofundarei alguns tópicos desta seção.

Na concepção de Giddens (1991, p. 39), a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”. Isto é, na modernidade tardia, a atividade social e as relações materiais são constantemente revisadas pelos atores à luz de novo conhecimento ou informação, de modo que vivemos todos uma contínua construção reflexiva de nossa auto-identidade. Para o autor, “cada um de nós não apenas ‘tem’, mas vive uma biografia reflexivamente organizada em termos de fluxo de informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida” (GIDDENS, 2001, p. 20).

Neste sentido, Chouliaraki e Fairclough (1999) consideram que a ADC está situada na ciência social crítica e na pesquisa crítica sobre a mudança social na modernidade tardia (Giddens 1991). No entanto, questionam a argumentação de que a modernidade tardia é uma forma ‘pós-tradicional’ social em que os indivíduos têm que realizar o ‘projeto’ de construção de seus próprios estilos de vida e identidades.

“Eles têm acesso, via quase-interação mediada a uma gama de recursos de conhecimentos, práticas, modos de ser, e assim por diante, aos quais podem recorrer. Mas estes recursos são moldados em outros lugares, e são oriundos de sistemas sobre os quais eles não têm controle algum. Assim, a autonomia sem precedentes dos indivíduos é acompanhada por uma dependência sem precedentes de recursos simbólicos mediados pela massa.” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 44)

Segundo Giddens (2001), os novos modos de vida produzidos pela modernidade tardia nos apartam de todos os tipos tradicionais da ordem social de uma maneira sem precedentes. Para o autor, as transformações produzidas pela modernidade tardia seriam mais profundas tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, o que significa dizer que essas transformações são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança dos períodos anteriores.

Em decorrência das transformações em escala global, os indivíduos em seus mundos internos também passam por inúmeras mudanças de ordem identitária, emocional, ideológica e, conseqüentemente, discursiva. Tais mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais atingem a esfera global na modernidade tardia, acarretando, de acordo com Giddens (2002), mudanças na própria identidade dos sujeitos sociais, que têm seus sentidos de lugar e do seu próprio ‘eu’ (*self*) profundamente afetados, predominando uma sensação de ‘perda de sentido’.

Neste sentido, Giddens (2002), em sua obra “Modernidade e Identidade”, aborda as noções de confiança e risco, e postula que a confiança básica está relacionada com um senso precoce (no sentido de primário) de segurança ontológica, que é desenvolvido nos seres humanos em sua mais tenra infância a partir do relacionamento mais primitivo do homem, no vínculo com a mãe ou com a pessoa que assume o papel maternal de proteção contra ameaças e perigos externos. Giddens associa o risco da vida moderna à contínua construção reflexiva do eu e do conhecimento, de modo que o futuro é constantemente trazido para o presente por meio da reflexividade, geralmente acompanhado da incerteza e da dúvida.

A modernidade tardia, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais. (GIDDENS, 2002, p. 38) Assim, o autor defende que, na modernidade tardia, a auto-identidade torna-se reflexivamente organizada, no sentido de que “cada um de nós não apenas ‘tem’, mas vive uma biografia reflexivamente organizada em termos de fluxo de informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida.” (GIDDENS, 2002, p. 20)

De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), o elemento da reflexividade é inerente a todas as práticas sociais, e essas práticas possuem três características essenciais:

“Primeiro, são formas de produção da vida social; segundo, cada prática está inserida dentro de uma rede de relações com outras práticas; e terceiro, as práticas sempre têm uma dimensão reflexiva: pessoas sempre geram representações do que elas fazem como parte do que elas fazem” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 22).

A reflexividade, por sua vez, também é composta por dois importantes aspectos, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999): primeiro, é alcançada por meio da luta social, visto que o saber sobre as práticas cria posições particulares dentro da própria prática ou fora dela; segundo, a reflexividade de uma prática resulta que todas as práticas possuam um aspecto discursivo irreduzível, “não só no sentido de que todas as práticas envolvem, em algum grau, a linguagem, como também no sentido de que as ‘construções discursivas das práticas são em si mesmas partes das práticas’.” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 26)

Ulrich Beck (1997) cunha o termo “modernização reflexiva” que define como “a radicalização da modernidade, que vai invadir as premissas e os contornos da sociedade industrial e abrir caminhos para outra modernidade” (BECK, GIDDENS, LASH 1997, p. 13).

Ele alerta para o fato de que o conceito não implica reflexão (como pode sugerir o adjetivo “reflexivo”), mas – antes – autoconfrontação. Na visão do autor, a modernização reflexiva necessita de uma reforma da racionalidade, uma vez que a racionalidade da ciência e seus padrões e métodos explicativos não são capazes de controlar o fluxo contínuo de novas ameaças e riscos vivenciados nas sociedades atuais. Beck defende ainda que a racionalidade científica deve ser substituída por uma ética reflexiva, que se baseie na evidência de que “o microcosmo da conduta da vida pessoal está inter-relacionado com o macrocosmo dos problemas globais, terrivelmente insolúveis” (BECK, GIDDENS, LASH, 1997, p. 61).

Sobre o caráter da reflexividade na modernidade tardia, Dias (2005, p. 87) afirma:

Nas condições da alta modernidade, sensações de inquietude e ansiedade podem se infiltrar na experiência cotidiana dos indivíduos, pois a narrativa da autoidentidade torna-se inerentemente frágil diante das intensas e extensas mudanças que a modernização provoca. Entretanto, ainda que a modernidade seja inerentemente suscetível à crise, favorece, por outro lado, a apropriação de novas possibilidades de ação ao indivíduo, oferecendo oportunidades de revisão de hábitos e costumes tipicamente tradicionais.

Na obra “Modernidade Líquida”, Zygmunt Bauman (2001) afirma que conceitos, instituições, valores, comportamentos e padrões, que antes eram considerados sólidos e duradouros, vêm perdendo a sua solidez para a liquefação da sociedade de hoje. Isto é, os parâmetros sociais “sólidos” da modernidade têm sofrido um “derretimento”, de modo que a sociedade atual encontra-se em fase de redistribuição e realocação dos valores tradicionais, infinitamente mais dinâmica, onde tudo é fugaz.

São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta. Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade para obter as plantas e os materiais de construção. Mas quer dizer que estamos passando de uma era de 'grupos de referência' predeterminados a uma outra de 'comparação universal', em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual (...) não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças. (BAUMAN, 2001, p. 14)

De acordo com Bauman (2001), enquanto na modernidade sólida havia uma rigidez e dureza frente às possibilidades de adequação ou adaptação a novas formas e situações, na modernidade líquida o indivíduo passa do estado de agente passivo para o de agente ativo. No

entanto, Bauman afirma que é a sociedade quem dá forma à individualidade de seus membros, ao passo que os indivíduos também formam a sociedade a partir de suas ações na vida, enquanto seguem estratégias plausíveis e factíveis na rede socialmente tecida de suas dependências. “A ‘individualização’ consiste em transformar a identidade humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’ e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências de sua realização. Em outras palavras, consiste no estabelecimento de uma autonomia *de jure* (independentemente de a autonomia *de facto* também ter sido estabelecida).” (BAUMAN, 2001, p. 40)

Neste sentido, Kathryn Woodward (2000) assevera que, diante das transformações culturais e sociais da modernidade tardia, surgem mudanças no campo da identidade, que chegaram a produzir, nas últimas décadas, “identidades em crise”, que estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, para as quais elas contribuem. De acordo com a autora, o passado e o presente exercem importante papel na construção dessa crise de identidade que surge na modernidade tardia, e tem feito ressurgir formas antigas de identificação étnica, religiosa e nacional.

Woodward (2000) afirma que a contestação do presente busca justificção para a criação de novas identidades, buscando origens, mitologias e fronteiras do passado. Segundo a autora, na modernidade tardia o sujeito busca recuperar a “verdade” sobre seu passado na tentativa de uma “unicidade” com a nova conjuntura do presente. A identidade cultural, portanto, é aquela que tenta relacionar o “ser” com o “tornar-se”, que não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que nós podemos reconstruí-la.

Stuart Hall (2000) vai ao encontro de Woodward e afirma que o sujeito pós-moderno tem sido transformado continuamente pela globalização, que o liberta de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas, e transforma sua identidade, tornando-a menos fixa, mais plural, política e diversa. Ou seja, as diferentes identidades que o homem tem assumido, com a complexidade da vida moderna, podem estar em conflito, e tal conflito pode estar enraizado nas quebras de paradigmas que, durante muito tempo, deram estabilidade à posição social ocupada por ele.

Ainda segundo o autor (HALL, 2000), essa mudança na concepção das identidades – e o reconhecimento do declínio das velhas identidades somado ao reconhecimento consequente de um sujeito moderno fragmentado – está inserida em um amplo processo de mudanças centrais nas sociedades modernas. Neste contexto de transformações e descentramentos,

destaco o impacto recente do movimento feminista, que vem crescendo, ganhando força, e questionando sistematicamente estruturas sociais até então bem definidas, como a família, o trabalho, a divisão doméstica, o cuidado com os filhos, etc. A contestação da posição social da mulher provocou também reflexão e mudança no que tange as questões ligadas à subjetividade e à identidade, colocando em xeque a categorização de homens e mulheres como dicotomias da mesma identidade (mãe/ pai, mulher/homem, esposa/o).

De acordo com Moita Lopes (2003), a identidade social de uma pessoa é definida e construída “nos e pelos discursos que a envolvem ou nos quais ela circula (...). Desse modo, as instituições e as coletividades operam na legitimação institucional, cultural e histórica de certas identidades sociais”. Essa identidade, ressalta, é um construto social/político, “e que não tem nada a ver com uma visão de identidade como parte da natureza da pessoa, ou seja, identidade pessoal (...).” (MOITA LOPES, 2003, p. 20-21)

Segundo o autor (MOITA LOPES, 2003, p.19), o discurso é construído conforme finalidades estratégicas, visando seu público-alvo. Assim, “é impossível pensar o discurso sem focalizar os sujeitos envolvidos em um contexto de produção: todo discurso provém de alguém que tem suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de um modo singular assim como seus interlocutores”.

Para Judith Butler, a identidade é desde sempre significada e, mesmo assim, continua a significar à medida que circula em vários discursos interligados. Ou seja, as condições que possibilitam a afirmação do “eu” são providas pela estrutura de significação, pelas normas que regulam a invocação legítima ou ilegítima desse pronome, pelas práticas que estabelecem os termos de inteligibilidade pelos quais ele pode circular. “A linguagem, portanto, não é um *meio* ou um *instrumento externo* em que despejo um ‘eu’ e onde vislumbro um reflexo desse eu.” (BUTLER, 2014, p. 207)

A autora defende a necessidade de uma adequação potencial entre o “eu” que confronta seu mundo – inclusive sua linguagem, como objeto –, e o “eu” que descobre a si próprio como objeto nesse mundo. No entanto, para Butler, a dicotomia sujeito/objeto condiciona a própria problemática da identidade que ela busca resolver. Ela defende que a linguagem de apropriação, da instrumentalidade e do distanciamento que se adequa à forma epistemológica, também pertence a uma estratégia de dominação que joga o ‘eu’ contra um ‘outro’, e, “uma vez efetuada a separação, cria um conjunto artificial de questões sobre a possibilidade de conhecer e resgatar esse ‘outro’”. (BUTLER, 2014, p. 208)

Butler (2014) afirma ainda que, quando se diz que o sujeito é constituído, isso quer dizer simplesmente que o sujeito é uma consequência de certos discursos regidos por regras, os quais governam a invocação inteligível da identidade. Segundo ela, o sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque “a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto se oculta quanto impõe suas regras (...)”. A ação, portanto, deve ser situada na possibilidade de uma variação dessa repetição. “(...) É somente no interior das práticas de significação repetitiva que se torna possível a subversão da identidade.” (BUTLER, 2014, p. 209)

1.7. A crise da masculinidade

Neste contexto de identidades em crise e em se tratando de um trabalho sobre a paternidade na modernidade tardia, faz-se importante abordar ainda a questão da (des) construção da masculinidade. Robert Connell (1995) define masculinidade como sendo “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”, e salienta que, normalmente, existem “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade” (CONNELL, 1995, p. 188). Dada esta pluralidade, não deveríamos falar em “masculinidade”, mas em “masculinidades”. Na psicologia social e na sociologia, a literatura sobre o “papel sexual do homem” já havia reconhecido a natureza social da masculinidade. Mesmo antes do Movimento de Libertação das Mulheres, Hacker (1957) já apontava para as possibilidades de transformação na conduta dos homens ao longo do tempo.

Tendo em vista a ascendente discussão acerca das mudanças nos papéis masculinos e femininos na sociedade contemporânea, alguns teóricos afirmam que estamos vivendo uma “crise masculina”. Tal crise pode ter sido provocada pelos movimentos feministas, que provocaram novos olhares e questionamentos sobre questões de gênero e padrões de comportamento há tempos estabelecidos. No entanto, os homens encontram grande dificuldade em romper com as regras que regem sua masculinidade, repetidas há décadas em os nossos ambientes sociais, políticos e familiares, já que, “em nossa sociedade, estamos diante de uma exigência de coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática” (BUTLER, 2003).

Sob esse prisma, Badinter (1995) afirma que “ser homem significa não ser feminino na aparência física e nos gestos; não ser dócil, dependente ou submisso; não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens...” (p. 117). Contudo, com tantas

transformações na vida social contemporânea, as identidades sociais se tornaram mais flexíveis e plurais, não cabendo classificação que limite o que, aos poucos, está se expandindo. A presença da chamada masculinidade hegemônica foi ditada, ao longo dos anos, por um modelo cultural considerado “ideal”, que influenciou homens e mulheres. De acordo com Paechter (2009, p. 23), “a masculinidade não é simplesmente ‘o que os homens fazem’, é mais um tipo ideal que inscreve o que se espera que os homens típicos pensem e façam”.

Assim, a chamada crise da masculinidade hegemônica pode ser entendida como a ruptura desses padrões comportamentais preestabelecidos como pertencentes ao “modelo masculino”. O questionamento desses valores, porém, demonstra que a sociedade contemporânea ainda se encontra em pleno processo de mudança, como afirma Ramos (2000, p. 56):

Seria ingênuo pensar que as mentalidades mudaram radicalmente, pois isso leva tempo e, como se pode atestar, apesar das profundas transformações ocorridas nas últimas décadas no que diz respeito à relação entre os sexos, os simbolismos ou representações de gênero (em especial do masculino) ainda não sofreram grandes mudanças.

Dessa forma, é importante atentar para o fato de que muito embora a crise de identidade masculina seja considerada por muitos autores uma realidade, ela não está associada ao surgimento de um modelo específico de “novo homem”. Jablonski (2003) analisa as relações de poder entre homens e mulheres no funcionamento das famílias contemporâneas e sugere uma forte tendência ao igualitarismo, apesar da persistência de um sistema de crenças ainda marcado por estereótipos tradicionais e já ultrapassados em muitos aspectos.

Neste capítulo, conhecemos as bases teóricas que fundamentam este trabalho, bem como as contribuições de diversas áreas do conhecimento que, em diálogo transdisciplinar com a ADC, solidificam e fortalecem o embasamento teórico que nortearão as discussões e reflexões propostas neste trabalho. No próximo capítulo, veremos a conjuntura complexa, em uma perspectiva histórica, social e cultural, na qual o homem foi assumindo seu papel paterno nas sociedades.

CAPÍTULO 2

2.1. A voz e a vez do pai: escolhas metodológicas

Neste capítulo, apresento o percurso teórico-metodológico desta pesquisa, que, conforme explicitado na introdução, tem por **objetivo central** investigar, à luz da Análise de Discurso Crítica, as práticas sócio discursivas constitutivas das reproduções e das transformações referentes ao ‘lugar’ do homem-pai na sociedade, que desencadearam possíveis mudanças nas práticas sociais, nas identidades e nos discursos sobre a parentalidade, especialmente sobre a paternidade, que vigoram na atualidade. Por meio da análise linguístico-discursiva, buscarei averiguar ainda quais marcas discursivas, nos dados gerados, apontam para uma possível crise de identidade produzida por tais mudanças. Interessa-nos, portanto, a investigação da mudança discursiva em sua relação com a mudança social e cultural (Fairclough, 2001).

Cabe destacar brevemente que o termo “parentalidade” é de uso relativamente recente na comunidade científica, tendo sido utilizado inicialmente na literatura psicanalítica francesa, nos anos 60, para marcar a dimensão de processo e de construção no exercício da relação dos pais com os filhos. A Convenção dos Direitos da Criança (ONU/UNICEF, 1990) dispõe, no artigo 27º, que é da responsabilidade “parental” e de outros cuidadores assegurar, de acordo as suas competências e capacidades financeiras, as condições de vida necessárias para o desenvolvimento da criança.

Como exposto anteriormente, esta pesquisa tem natureza qualitativa de cunho etnográfico crítico e os dados empíricos analisados foram gerados, com base nas questões de pesquisa, em duas vias metodológicas que, para melhor compreensão, apresentarei divididos da seguinte forma:

❖ Dados gerados por meio de netnografia¹⁷: na internet, selecionei cerca de 10 blogs, além de páginas e canais em redes sociais administrados por homens-pais, aos quais acompanhei durante um ano. Entre os inúmeros textos publicados, li cerca de 260 textos, cataloguei a maioria, até, por fim, escolher **dois deles** para a análise, com abordagem similar acerca do papel do pai na criação dos filhos;

¹⁷ Apresentarei este termo de forma mais aprofundada adiante, bem como sua sistematização como metodologia no processo de geração de dados.

❖ Entrevistas abertas em grupo focal: a fim de empreender análises que dialogam com as questões postas e lograr o alcance dos objetivos desta pesquisa, escolhi dar voz a **cinco homens-pais**, com quem conversei pessoalmente em duas ocasiões. Utilizarei, em meu corpus de análise, alguns trechos gravados e transcritos das falas desses homens.

2.2. ADC como teoria e método: o arcabouço teórico-metodológico

Este trabalho foi realizado e está ancorado na Análise de Discurso Crítica (ADC), que, além de ser a teoria principal que o fundamenta, é também o método crítico que possibilitou e sistematizou sua execução. Isto “implica mostrar conexões e causas que estão ocultas; implica também intervenção – por exemplo, oferecendo recursos por meio da mudança para aqueles que possam encontrar-se em desvantagem” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 28).

Com esta finalidade, Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem um método de estudo sobre o discurso, que parte da concepção de que a vida social é constituída de práticas, e essas práticas sociais são “maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos – materiais ou simbólicos – para agirem juntas no mundo”. (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 21) Tendo em vista, então, o entendimento de que a ADC é tanto uma teoria quanto um método, optei por estruturar esta dissertação segundo o arcabouço teórico-metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), em sua versão recontextualizada por Juliana Dias (2011, p. 237).

Os moldes de 1999 partem da identificação de um problema e dos possíveis obstáculos para sua superação, de modo que orientam a análise na direção de uma reflexão acerca da possibilidade de transformação de práticas sociais particulares. A partir da percepção do problema, então, empreende-se a análise em três etapas: (i) a análise da conjuntura: “conjunturas são relativamente duráveis e analisam práticas relativamente permanentes, ao redor de um projeto social específico, num sentido amplo” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 22); (ii) a análise da prática particular da qual a pesquisa presente tratar; e (iii) a análise do discurso propriamente dito. Este arcabouço sugere, ainda, a apresentação da função do problema na prática e a busca de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos identificados. Por fim, os autores propõem que se faça uma reflexão sobre a análise, já que toda pesquisa crítica deve ser reflexiva, conforme ilustrado a seguir:

1) Um problema (atividade, reflexividade)
2) Obstáculos a serem resolvidos

<ul style="list-style-type: none"> (a) Análise da conjuntura, (b) Análise da prática em seu momento discursivo <ul style="list-style-type: none"> (i) Prática(s) relevante(s)? (ii) Relação do discurso com outros momentos? <ul style="list-style-type: none"> - Discurso como parte da atividade; - Discurso e reflexividade. (c) Análise do discurso <ul style="list-style-type: none"> (i) Análise estrutural: a ordem do discurso (ii) Análise interacional: <ul style="list-style-type: none"> - Análise interdiscursiva; - Análise semiótica e linguística
3) Função do problema na prática
4) Investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos
5) Reflexão sobre a análise

Quadro 2 – Arcabouço teórico-metodológico da ADC (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 60).

Utilizarei, mais precisamente, este arcabouço em sua versão recontextualizada por Juliana Dias (2011), por considerar que ela será mais proveitosa para minha pesquisa. Em sua releitura, a autora propõe adaptações, “em função de algumas reflexões baseadas nas orientações dos próprios autores, que sugerem que o arcabouço é um instrumento que pode ser adaptado à realidade de cada análise” (DIAS, 2011, p. 43). Assim, o arcabouço teórico-metodológico original da ADC é apresentado com alguns novos itens, como a substituição da nomenclatura “Problema” pelo que Dias (2011) chama de “Questão Motivadora”, além de outras alterações, conforme ilustrado no quadro a seguir:

1) Questão motivadora
2) Aprofundando a questão: <ul style="list-style-type: none"> a) Análise da conjuntura; b) Análise do discurso: <ul style="list-style-type: none"> (i) Análise interdiscursiva (ii) Análise linguística c) Análise das identidades
3) Definindo os principais desafios
4) Reconfigurando a questão
5) Refletindo sobre a análise

Quadro 3 – Arcabouço teórico-metodológico da ADC adaptado por DIAS (2011, p. 237).

No caso desta pesquisa, julgo a utilização do termo “Questão Motivadora” mais conveniente, já que não existiu, desde o início, uma problemática bem definida, mas uma série de conjeturas sobre as práticas da paternidade que vigoram na atualidade, de onde emergiram as motivações iniciais do trabalho. Além disso, tendo em vista as questões iniciais e a natureza dos dados gerados, mostrou-se mais produtivo para a obtenção dos objetivos expostos no início desta dissertação a ênfase que Dias (2011) dá em seu arcabouço ao estudo das identidades.

Dessa forma, o presente trabalho está configurado na mesma disposição do arcabouço supracitado (DIAS, 2011), de modo que: a introdução, intitulada *O parto: quando nasce um pai*, em que apresento a questão motivadora, a justificativa e os objetivos da pesquisa corresponde à etapa inicial do arcabouço, denominada 1) Questão Motivadora; o capítulo três, cujo título é *Quem é o pai? O lugar da figura paterna na história da humanidade*, corresponde à primeira parte da segunda seção do arcabouço, a saber 2) Aprofundando a questão: a) Análise da Conjuntura; e os capítulos quatro e cinco, nos quais apresento as análises, correspondem à segunda e à terceira partes da etapa dois do arcabouço, denominadas b) Análise linguístico-discursiva e c) Análise das identidades, além da terceira etapa: 3) Definindo os principais desafios. As Considerações Finais correspondem às últimas partes do arcabouço: 4) Reconfigurando a questão motivadora e 5) Refletindo sobre a análise.

Os capítulos um (teórico) e dois (metodológico), intitulados, respectivamente, *Primeiros passos: percurso teórico – os fundamentos da pesquisa* e *A voz e a vez do pai: escolhas metodológicas*, buscam apresentar a base teórica que sustenta e orienta todo este trabalho e a trajetória metodológica que tornou possível sua realização. Como já vimos, esta pesquisa está ancorada nas perspectivas epistemológicas da Análise de Discurso Crítica (ADC) como teoria e método, e em sua relação e diálogo com as contribuições da Psicologia Social e dos estudos sobre as identidades na modernidade tardia. O percurso teórico-metodológico está fundado, portanto, em Fairclough (2001[1992], 2003), Chouliaraki & Fairclough (1999), Hall (2000), Woodward (2000), Giddens (1991, 2002), entre outros.

2.3. Definindo o caminho: etnografia crítica e netnografia

A pesquisa qualitativa de natureza etnográfica busca conhecer, através de um método ou de um conjunto de métodos, uma dada realidade social, com a finalidade de investigar aquele contexto particular em diversos níveis, e identificar práticas sociais que podem ser

interpretadas e apreendidas como uma série de significações e representações, realizadas pelos próprios sujeitos da ação. Conforme postulam Denzin e Lincoln (2006):

A pesquisa qualitativa envolve a coleta e o estudo de uma variedade de matérias empíricas (estudo de caso); experiência pessoal; entrevista; história de vida; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais. (...) Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

A etnografia crítica, por sua vez, visa a um entendimento dos processos sociais de produção dos eventos a partir de um panorama interno ao processo de pesquisa, por meio da participação ativa durante seu desenvolvimento, e do uso reflexivo de diversos métodos. Ela parte do entendimento de que nos falta consciência plena dos recursos e processos simbólicos que permeiam nosso cotidiano e os diversos aspectos da vida social. De acordo com Thomas (1993, p. 6) a etnografia “oferece ferramentas para cavar abaixo da superfície das aparências (...) para mostrar uma multiplicidade de sentidos alternativos”. Assim, tanto a etnografia crítica quanto outras abordagens metodológicas de pesquisas qualitativas, procuram estar inseridas no contexto natural para ter acesso aos comportamentos, às interações e às experiências a fim de entender o dinamismo do objeto de estudo.

A chamada netnografia surge nesta perspectiva, a partir do interesse e da necessidade de se atualizar as possibilidades de análise nos estudos sobre as práticas sociais das novas formas de agrupamento social mediadas pela internet. O uso deste termo é recente na comunidade acadêmica, e não conta ainda com uma definição formal nem com um rigor metodológico específico para coleta de dados. Além dele, várias terminologias similares surgiram ao longo dos anos: como “etnografia virtual”, “etnografia digital”, “webnografia”, dentre outras.

Tendo sido utilizados os conceitos da etnografia tradicional adaptados para o ambiente virtual, considero neste trabalho como netnografia a abordagem metodológica que busca estudar as identidades e as práticas sociais de indivíduos e grupos na internet. É importante atentar para o fato de que tal transposição de metodologia, do espaço físico para o espaço *on-line*, demanda o emprego e a sistematização de procedimentos específicos acerca da tipologia dos objetos estudados. Kozinets (1997) apresenta alguns critérios de confiabilidade dentro das comunidades virtuais, acerca das análises e da contextualização da escolha dos grupos estudados, dos quais destacamos:

(1) indivíduos familiarizados entre eles, (2) comunicações que sejam especificamente identificadas e não-anônimas, (3) grupos com linguagens, símbolos, e normas específicas e, (4) comportamentos de manutenção do enquadramento dentro das fronteiras de dentro e fora do grupo. (...) A utilização desses quatro critérios garante que se está de fato estudando uma cultura ou uma comunidade e não simplesmente examinando uma reunião temporária” (KOZINETS, 1997, p. 9).

Isto posto, passo então ao relato da sistematização metodológica da geração de dados empíricos, por meio da netnografia e também da etnografia crítica, que compõem os *corpora* analisados e apresentados mais adiante nesta dissertação.

2.4. Empreendendo o caminho

a) A paternidade nos blogs e redes sociais

Conforme exposto na introdução deste trabalho, passei a perceber, ao me tornar mãe, uma crescente mobilização dos homens na internet acerca da temática da paternidade. Depois do grande *boom* de anos atrás das mães “blogueiras”, foi a vez dos pais começarem a ganhar voz nos meios virtuais. Blogs escritos por homens – além de páginas e canais nas redes sociais – também começaram a surgir e a fazer muito sucesso, disseminando uma série de textos, fotos e vídeos acerca do exercício de um tipo de paternidade que alguns deles intitularam de “paternidade ativa”.

Ao empreender a netnografia, selecionei dez blogs sobre paternidade, escritos por homens, dos quais acompanhei as publicações durante um ano, março de 2015 a março de 2016. Neste período, li cerca de 260 textos publicados formalmente nesses blogs (alguns replicados por revistas e páginas segmentadas para o público materno/paterno), além de páginas que conheci e visitei esporadicamente por indicação de pessoas que sabiam da minha pesquisa, e postagens pessoais feitas por alguns homens-pais que se tornaram verdadeiras personalidades. Apresento a seguir cada um desses blogs e seus administradores, bem como a sistematização do processo de geração de dados referente a cada um deles.

Devo esclarecer ainda, antes de passar à apresentação, que os seis primeiros da lista (cinco blogs e uma página pessoal no *Facebook*) foram escolhidos em razão de sua popularidade e prestígio, motivados principalmente pela notoriedade dos homens que os administram. Cerca de 80% dos dados gerados são oriundos desses cinco blogs e autores (os outros 20% foram gerados nos demais blogs, menos conhecidos, encontrados por mim ou indicados por terceiros). Elenco-os a seguir um a um, acreditando que o sucesso alcançado

por eles na internet fala muito sobre a vitrine em que se encontra a agenda de discussão em torno da paternidade na atualidade, e da qual trato neste trabalho. São eles:

1) “Paizinho, Vírgula!”, escrito pelo pai Thiago Queiroz: Thiago é engenheiro, casado e tem dois filhos. É criador do grupo “Criação com Apego” no *Facebook*, uma rede de homens em busca de apoio e acolhimento virtual (e, muitas vezes, também presencial) no que diz respeito a suas experiências paternas. É autor do blog Paizinho, Vírgula!, do canal homônimo no *YouTube*, onde publica vídeos sobre temáticas como “criação com apego”, “disciplina positiva” e “parentalidade consciente”, e também é criador e apresentador, junto com 3 amigos, do podcast (uma espécie de rádio virtual) “Tricô de Pais”.

Em sua página oficial na internet, Thiago afirma que é certificado como líder pela organização *Attachment Parenting International*, e criador do primeiro grupo de apoio oficial no Brasil, a API Rio. Além disso, é também certificado como educador parental para a disciplina positiva, pela *Positive Discipline Association*. Sua página pessoal no *Facebook* tem mais de 60 mil seguidores.

2) “Do seu Pai”, de autoria do Pedro Fonseca: Pedrinho Fonseca, como é conhecido, é fotógrafo, casado e pai de três crianças. Do Seu Pai nasceu em 2013 como blog, onde o autor começou a escrever cartas para suas filhas e seu filho em tom muito íntimo, pessoal e até poético, na intenção de que leiam quando crescerem e saibam de onde vieram. O blog fez tanto sucesso que em 2016 virou livro e foi lançado pela editora Zouk. Sua página no *Facebook* conta com mais de 30 mil seguidores.

3) “Vida de Pai”, de Renato Kaufmann: O blog Vida de Pai está hospedado no site UOL Mulher, na seção Gravidez e Filhos, e foi criado em setembro de 2012 pelo publicitário, escritor e pai, Renato Kaufmann. Ele é também autor dos livros “Diário de um Grávido” (2010) e “Como Nascem os Pais” (2011).

4) “Diário grávido”, também de Renato Kaufmann foi criado em 2008 e fez tanto sucesso que virou livro em 2010. Kaufmann tem duas filhas e viaja o país ministrando palestras e participando de eventos sobre paternidade. A página homônima ao livro no *Facebook* conta com quase 20 mil seguidores.

5) “Potencial Paterno”, de Hilan Diener: Com 36 anos, Hilan é pai de três filhos e marido de Luíza Diener, autora do blog Potencial Gestante, que tem mais de 130 mil seguidores no *Facebook*. Em pouco tempo, ele passou de marido da autora do blog a coautor,

largou o emprego formal para se dedicar ao espaço virtual, onde tem sua própria seção – intitulada Potencial Paterno –, em que escreve textos sobre sua experiência e seu olhar de pai. O texto “Trocador de fraldas em banheiros masculinos é apenas um começo”, que analiso nesta dissertação, foi publicado por ele inicialmente na edição de abril de 2015 da Revista M de Mulher, da Editora Abril, e posteriormente no blog, além de ter sido amplamente compartilhado nas redes sociais.

6) Marcos Piangers (página pessoal no *Facebook*): Piangers tem 37 anos, é casado e tem duas filhas. É jornalista, radialista, palestrante e escritor. Autor do best-seller “O Papai é Pop” (e também dos títulos “O Papai é Pop 2” e “O Pai é Top”), que já foi traduzido para o espanhol e o inglês, e chegou a vender mais de 150 mil exemplares no Brasil, Portugal, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos, Piangers viaja o Brasil e o mundo ministrando palestras, sua página no *Facebook* tem mais de 1,5 milhão de fãs e suas duas apresentações no TEDx acumulam mais de 30 milhões de visualizações no *YouTube*.

Apenas a título de curiosidade, Piangers é casado com a jornalista e socióloga Ana Cardoso, autora do livro “A Mamãe é Rock”, um compilado de crônicas sobre o que ela chama de “maternidade real”. Em sua página no *Facebook*, Ana descreve seu livro como sendo “o lado feminino do Papai é Pop” e possui pouco mais de 18 mil seguidores. Isto é, cerca de 1% do número de seguidores do marido.

Piangers é uma personalidade das redes sociais. Seus textos e palestras falam, principalmente, sobre paternidade. O texto escolhido para análise nesta dissertação, intitulado “Trocar a fralda é o básico” foi publicado em sua página no *Facebook* em 12 de agosto de 2015.

7) “Nerd Pai”, de autoria de Jorge Freire: O blog foi criado em 2009 por Jorge Freire, 40 anos, casado, e pai de um filho de 3 anos. É também criador e administrador do canal homônimo no *YouTube*, onde publica vídeos sobre temáticas relacionadas à criação de filhos e onde reúne quase 30 mil seguidores. No *Facebook*, sua página pessoal tem mais de 120 mil fãs.

8) “Papais Bananas”, de Gabriel Santos: O analista de sistemas Gabriel Santos é pai do pequeno Davi, fruto de seu relacionamento com a comissária de bordo Vanessa Damasceno. Juntos, eles escrevem o blog desde 2014, quando Vanessa descobriu-se grávida de Davi. No *Facebook*, a página do “Papais Bananas” tem pouco mais de 7 mil seguidores.

9) “Papai de Menina”, escrito por Jefferson Luciano: Com pouco mais de 6.500 fãs no *Facebook*, o blog reúne textos carregados de humor escritos por um “pai de primeira viagem”, como se apresenta Jefferson. Ele tem ainda uma página no Instagram e um canal no *YouTube*, além de ser criador o projeto a vocês o Projeto PaternidadeAtiva.org., um portal com o objetivo de disseminar conteúdo sobre criação de filhos direcionados aos homens-pais.

10) “Pai de prima”, de autoria de Ricardo Santos: Logo na capa, o título anuncia “*O Blog do pai de primeira viagem – Curiosidades, Dúvidas e Mitos que envolvem a Paternidade*”. Criado em 2009 por Ricardo Santos, publicitário, casado, e pai de Anne, reúne uma diversidade enorme de textos sobre sua experiência paterna e conta com pouco mais de 1.500 seguidores em sua página no *Facebook*.

b) A formação do grupo focal

Como relatado na introdução deste trabalho, depois de ficar um ano imersa na realidade virtual da paternidade, decidi ir ao encontro dos homens-pais da “vida real”, para escutá-los acerca das vivências e transformações por que passaram depois da chegada de seus filhos. A reunião desses homens não foi promovida por mim, mas pela parteira tradicional Ritta Caribé Pinho, que se interessou pela pesquisa e se ofereceu para ajudar, convidando pais a quem conheceu em sua caminhada profissional para conversarem comigo sobre paternidade.

Ritta é mãe, avó, e educadora perinatal há mais de 20 anos. Formada em Ciências Biológicas, com especialização em Saúde Perinatal e em Desenvolvimento do Bebê e da Criança, ela atua ainda como doula e professora de Yoga para gestantes. É também mediadora de rodas de prosa mensais, oficinas, workshops, vivências e treinamentos sobre o gestar, o parir, o criar e a saúde sexual da mulher. Ritta criou o Espaço Colaborativo Ventre Livre¹⁸, do qual abriu as portas para que a prof. Dra. Juliana Dias realizasse a coleta de dados de sua pesquisa¹⁹, há 10 anos.

Não definimos critério de seleção para a formação desse grupo de pais, não fizemos recorte por idade, nem raça, ou credo, ou classe social, nem escolaridade, ou orientação sexual ou estado civil. Não fizemos recorte algum. Ritta convidou pessoalmente cerca de 30

¹⁸ O Espaço Multidisciplinar Ventre Livre, que funcionou de 2004 a 2010, foi fundado por Ritta Pinho para acolher mulheres gestantes e mães em Brasília.

¹⁹ Dias (2007) realizou entrevistas semi-estruturadas com cerca de trinta e cinco mulheres gestantes em diversas fases de gestação.

homens-pais conhecidos dela, companheiros ou ex-companheiros de mulheres militantes do parto humanizado assistido em ambiente domiciliar. Desses, apenas cinco se voluntariaram para participar da pesquisa, dos quais omitirei as identidades por questões éticas e os apresentarei como Sujeito A, Sujeito B, Sujeito C, Sujeito D, Sujeito E.

c) A condução dos encontros

Foram dois encontros realizados na casa de Ritta, onde ela nos deixou a sós, eu e os sujeitos participantes da pesquisa. A sistematização do encontro se deu da seguinte forma: primeiramente, me apresentei, apresentei o estudo, seus objetivos e metodologia, e pedi que eles se apresentassem. Tudo foi gravado desde o início até a despedida. Logo na apresentação surgiram muitas questões e eles começaram a falar espontaneamente sobre os contextos familiares em que tiveram seus filhos, e sobre as mudanças que a paternidade trouxe para suas vidas, como as diversas crises que passaram a enfrentar nos âmbitos social, pessoal e conjugal.

Eram três casados, um separado e um solteiro, a maioria deles não se conhecia entre si. Mesmo assim, logo nos primeiros instantes ficaram muito à vontade, revelando uns aos outros suas urgências, seus questionamentos e gerando rapidamente uma atmosfera de muita confiança e empatia. No primeiro encontro, depois das apresentações, li para eles um dos dois textos gerados através da netnografia, a fim de orientar a discussão e provocar a reflexão sobre alguns dos aspectos abordados na publicação. Depois da leitura, para minha surpresa, eles pouco falaram sobre o texto. Continuaram compartilhando vivências e angústias comuns entre si, de modo que eu precisei fazer pouquíssimas intervenções e perguntas. A maioria dos dados emergiu, assim, das demandas próprias daqueles indivíduos, desveladas em seus discursos de forma muito espontânea e natural.

No segundo encontro, conduzido nos mesmos moldes (com exceção das apresentações), o comportamento foi exatamente igual: de muita abertura e sinceridade, como se participassem de uma conversa íntima entre amigos. Ao todo, foram quase 4 horas de diálogo gravadas em transcritas. Nos capítulos da conjuntura e análises apresentarei os trechos que se mostraram mais proveitosos aos objetivos da pesquisa. Um tempo depois, quando entrei em contato para agradecer a participação de cada um, o Sujeito C me disse: “espero que um bocado de pais perdidos tentando se achar tenham te ajudado de alguma forma”.

2.5. Constituição e definição dos corpora

De posse de todos os dados gerados nas duas etapas do trabalho de campo anteriormente relatadas, a saber (i) netnografia: leitura e catalogação de cerca de textos publicados por homens-pais em seus blogs e páginas pessoais em redes sociais no período de um ano, compreendido entre março de 2015 e março de 2016; (ii) entrevistas abertas com homens-pais integrantes de grupo focal; restava a definição e constituição dos *corpora* a ser analisados.

Como vimos, o material textual do universo paterno na internet é vastíssimo, e a quantidade e riqueza das falas geradas em grupo focal também era enorme, o que tornou o recorte e definição do corpus de análise deste trabalho uma tarefa nada fácil. Dada a pluralidade das temáticas em ambos os casos, constituí o corpus em duas partes, guiada pelos seguintes critérios de seleção:

Parte I: Dois textos midiáticos com abordagem similar sobre a representação identitária do homem-pai, no sentido de definir quem é o pai, como se constituem suas práticas sociais e quais as implicações ideológicas desta representação, a saber:

- *“Trocar a fralda é o básico”*, Marcos Piangers, 2015.
- *“Trocador de fraldas em banheiros masculinos é apenas um começo”*, Hilan Diener, 2015.

Parte II: Trechos transcritos das falas gravadas em grupo focal, divididos em macro categorias semânticas desveladas nos próprios discursos, conforme quadro a seguir:

1. A PATERNIDADE COMO IDENTIDADE RELACIONAL (foro privado)	2. A PATERNIDADE COMO IDENTIDADE SOCIAL (foro público)	3. A PATERNIDADE COMO CRISE DE IDENTIDADE (foro íntimo)
a) Com a família de origem	a) O pai-cuidador não validado	a) A crise da masculinidade <ul style="list-style-type: none"> ▪ O “não-lugar” ▪ A morte
b) Com o(s) filho(s)	b) O pai-cuidador glamourizado	b) A crise conjugal
		c) A crise de identidade paterna

Quadro 4 – Macro categorias semânticas e subcategorias mais proveitosas à macro análise dos dados.

Neste capítulo, conhecemos os caminhos metodológicos desta pesquisa e acompanhamos o processo de geração de dados e definição dos *corpora*. Como vimos, depois de passar um ano imersa nas leituras sobre paternidade no contexto virtual, permanecia em mim o entendimento de que os textos escritos passam sempre por algum grau de edição, com sublimações ou excessos sempre que necessário a depender da intenção da publicação. Por isso, decidi por complementar os textos midiáticos com as falas geradas em grupo focal, tanto para dar voz aos homens-pais neste trabalho de uma forma mais protagonista, quanto para dar mais peso e completude à totalidade de dados gerados. Veremos, no capítulo a seguir, a conjuntura em que estão inseridos os homens-pais desta pesquisa.

CAPÍTULO 3

3.1. Quem é o pai? A figura paterna na história da humanidade

“a gente entra no lugar da não existência né, ou seja, a identidade masculina para ela existir, você tem que estar ocupando alguma função, e você tem que estar protagonizando alguma coisa para que você possa sentir que você tem valor” (trecho da fala do sujeito B).

Para nos auxiliar a iluminar nossa compreensão do desenvolvimento da figura paterna desde a Época Neolítica até a constituição da família como a conhecemos hoje, busquei beber da fonte de diversas áreas do conhecimento e suas concepções acerca da história da formação dos grupos familiares. No entanto, esclareço que não tenho a intenção de desenvolver aqui um panorama completo a respeito da paternidade, pretendo apresentar aspectos conjunturais sobre as práticas sociais e discursivas que ancoram o lugar do pai nas sociedades ocidentais desde os tempos mais remotos até os dias de hoje.

De acordo com o teólogo e antropólogo Jacques Dupuis (1989), a descoberta da paternidade biológica é um fato relativamente recente na história da humanidade, já que apenas há seis ou sete milênios que as sociedades humanas mais adiantadas descobriram a relação entre o ato sexual e a procriação. Inicialmente, acreditava-se que os filhos não eram concebidos pelo pai, mas que, num estágio mais ou menos avançado de seu desenvolvimento, viriam a ocupar seu lugar no ventre materno em consequência de um contato entre a mulher e um objeto animal do meio cósmico circundante.

“A descoberta da procriação pelo ato sexual levou as sociedades a tomarem consciência da paternidade biológica. Tal novidade acarretou de modo imperceptível uma revolução profunda, que transformou as estruturas sociais, as religiões e os comportamentos sexuais.” (DUPUIS, 1989, p. 3)

A maternidade era evidente, mas a paternidade fisiológica foi ignorada por muito tempo. Isso justifica a grande quantidade de rituais e símbolos de fertilidade exclusivamente femininos na antiguidade e na pré-história. Antes de os homens serem reconhecidos como participantes ativos na procriação dos grupos, sua participação na sociedade era valorizada pela proteção e subsistência econômica, mas a continuidade do grupo era considerada possível pela sucessão das mulheres, mãe e filhas, cuja responsabilidade pela maternidade era certa.

Ainda de acordo com Dupuis (1989), foi durante o período neolítico que começaram a surgir as primeiras organizações familiares, ainda necessariamente matrilineares, pois só era reconhecida a função procriadora da mulher. É nesse período que se desenvolve a agricultura,

alterando a relação do homem com o solo: ele passa da noção de território de caça para a de território agrícola. Mas a apropriação privada do solo só se inicia quando a sociedade começa a se dividir em classes e começa a surgir o parentesco descritivo, em que o indivíduo passa a distinguir seus próprios herdeiros. É o princípio de uma evolução no sentido da diferenciação de identidades e funções em relação ao grupo todo.

Mesmo com a descoberta da paternidade biológica e o surgimento do parentesco descritivo, ainda era muito difícil para os pais reconhecerem seus filhos, já que nessa época a promiscuidade era prática comum: as moças eram defloradas muito cedo e estavam à disposição de todos os machos. A organização continuava sendo, então, matrilinear: a família nuclear, como a conhecemos hoje, não existia. Formava-se uma coletividade de jovens sem pais definidos.

Afirma Dupuis (1989) que é apenas com as primeiras guerras, o crescimento demográfico e a ocupação mais densa do solo, que nasce a família. O aumento dos atos de violência levou ao surgimento dos sistemas políticos mais extensos e organizados, e ao agrupamento de formações militares com chefes conquistadores. Surgem, então, os homens e as mulheres escravizados, e os bandos armados afirmam a superioridade dos machos, criando a sociedade de classes. Ocorre, assim, a ruptura dos clãs matrilineares, pois a mulher escravizada passa a ser uma coisa, um bem, submissa a um homem, o seu senhor. Os conquistadores se apropriam das mulheres e de seus filhos, em proveito das organizações viris que eles constituem. Essas alterações sociais aconteceram entre o 3o e o 4o milênio.

Dessa forma, surgem o casamento e o desejo de ter filhos, primeiramente como uma aliança, para que o homem afirmasse sua virilidade e assegurasse a transmissão de poder. O matrimônio é instituído, assim, como uma instituição de classe: era apenas para os conquistadores, a classe dominante. Se não houvesse patrimônio a transmitir, não era necessário casar-se. Entre os gregos, por exemplo, apenas os cidadãos se casavam, a classe média vivia em concubinato e os escravos, que eram proibidos de se casar, em regime de promiscuidade. Entre os romanos, o *pater familias* detinha o poder absoluto sobre sua mulher e sua descendência, e era comum abandonar a primeira criança de uma família, principalmente se fosse menina. (SOLIS-PONTON, 2014, p. 29)

O objetivo do casamento era, portanto, assegurar a perenidade da família existente, pela procriação de filhos legítimos: os bens e o poder de um grupo deveriam permanecer nesse grupo, sendo transmitidos por herança a seus familiares. A tomada de consciência da

existência de uma filiação e de uma comunidade patrilinear resulta da constituição de unidades econômicas de base, que correspondem ao domínio dos homens sobre a terra. Paralelamente, surge um parentesco descritivo, em que os irmãos passam a ser discriminados dos primos: a família nuclear se fecha em torno dos pais e dos filhos legítimos.

Ainda assim, na Idade Média, a criança era considerada um ser humano imperfeito e era integrada ao trabalho desde muito cedo. Para uma família pobre, a morte de uma criança era, na maioria dos casos, muito menos grave do que a de um porco ou um cavalo. Até nas famílias mais abastadas, bebês serem entregues às amas ou simplesmente abandonadas era prática comum e o sacrifício chegava a aproximadamente 30% das crianças. (FERRY, 2012, p. 99-101)

A evolução afetiva da família e da relação com a criança começa a acontecer no final do século XVIII, como explica Luc Ferry (2012):

“Não é porque a mortalidade infantil diminui com o progresso da medicina moderna que se pode aos poucos amar os filhos, mas o contrário: é porque se começa a amá-los, em consequência da mudança de atitude cultural e histórica, que a mortalidade começa a cair. É com a época moderna, com o surgimento do casamento por amor, que a afetividade, instalando-se no seio da família, vai se traduzir pelo estabelecimento de um sistema educativo específico para a criança, destinado a servir a seu desenvolvimento pessoal, e não mais aos interesses dos pais. A família se tornou um lugar de afeição necessária entre os esposos, bem como entre pais e filhos, o que ela não era antes.” (FERRY, 2012, p. 104-105)

A generalização das guerras deu aos pais um poder decisivo sobre os grupos sociais e lhes permitiu apropriar-se das mulheres, dando origem à chamada paternidade sociológica cuja evidencia mais clara é dada pela valorização do filho homem. Este passa a ser indispensável à perenidade do grupo familiar na sociedade patrilinear, já é que o pai quem garante a continuidade do grupo. Desse arranjo surge a figura da autoridade paterna, em muitos casos absoluta, chegando ao direito de decidir sobre a vida ou morte dos filhos, já que por meio deles a família transmitiria seus bens, poderes e tradições aos descendentes. Essa é a família patriarcal.

O lugar da mulher na sociedade se transforma completamente. Da liberdade de escolha sexual total, ela passa a ser exclusivamente dependente da vontade do chefe da família para seu casamento, que muitas vezes é combinado assim que a menina nasce. Também se atribui à mulher a função de assegurar a pureza da descendência por meio de uma fidelidade conjugal sem falhas, enquanto os homens nunca renunciaram à multiplicidade das

ligações sexuais. Essa função procriadora também afasta as mulheres dos estudos, tornando exclusivos do sexo masculino os privilégios do saber.

Não estando a instituição do casamento vinculada ao sentimento do amor, apenas à preservação do patrimônio, os homens continuavam responsáveis pelo trabalho e o sustento do lar, permanecendo distantes afetivamente de seus filhos e de sua esposa. Às mulheres o único amor que competia era o dos filhos. Por isso, a fraqueza do vínculo conjugal e a força da relação mãe-filho permanecem até hoje com uma característica de diversas sociedades. Na sociedade patrilinear, o amor existia apenas em casais marginalizados, no amor das cortesãs e no amor homossexual.

A partir do século XIX, acontecimentos como o surgimento da realidade urbana, o início da industrialização, a chamada primeira onda do feminismo, a abolição da escravidão e a imigração foram determinantes para a transformação da família, que passa a ter seus primeiros modelos conjugais com vínculos afetivos. Já no século XX, a diversificação das oportunidades de trabalho, a valorização da capacidade cognitiva e da instrução condicionaram o processo de libertação dos filhos da tutela do patriarca. Junto a isso, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, a realização do casamento por interesses particulares, a maior intimidade entre pais e filhos, e a redução dos castigos corporais são outras situações que contribuíram para o surgimento de uma nova família. (OSTERNE, 2004, p. 45-46)

Ao término da Segunda Guerra Mundial, torna-se crescente o interesse de estudiosos sobre a temática da família. Porém, muito antes de psicólogos, pedagogos e psiquiatras, foi o clero da ala conservadora da Igreja Católica quem se apropriou primeiramente do tema. As revistas católicas empenharam-se em definir o que seria um bom pai, boa mãe, amor e autoridade, mãe-mulher e esposa, pai-chefe religioso e educador. A partir da década de 1960, com o movimento feminista ganhando força no mundo todo, os principais temas que nortearam o pensamento católico foram: “a revalorização do pai de família, a definição de um bom pai à imagem de Deus, a restauração de sua autoridade, e a valorização da mãe sobre a mulher”. (HURSTEL, 1999, p. 39)

Em 1970, na França, foi promulgada a lei sobre a “autoridade parental”, que denominou em seu texto (art. 371-2) a “autoridade parental pertencendo ao pai e à mãe”, inaugurando um tempo novo, de ruptura com o pai enquanto representante do dogmático, do autoritário, do arbitrário.

Até 1981, a temática do “novo” torna-se repetitiva: “novo pai”, “nova paternidade”, “nova mãe”, ou ainda a noção de paternagem passa a ocupar um grande espaço. A partir de 1988, no entanto, todos estes temas começam a perder força. A historiadora Y. Knibiehler (*apud* HURSTEL, 1999, p. 53), sobre o desaparecimento do “novo”, diz: “Houve no passado ‘novos pais’ a cada virada da civilização, porque a paternidade é uma instituição sociocultural que se transforma sem cessar sob a pressão de múltiplos fatores”.

De fato, para o homem, a passagem do status de genitor ao de pai pode ser considerada um ato de nascimento social, um ato de cultura, em que cada sociedade define sua forma parental.

A mulher se torna mãe por um processo biológico, no instante da gravidez, enquanto o homem se torna pai por um processo psicológico no bojo das normas culturais e sociais. O pai pode assegurar a função educativa, de provedor, de papel amoroso da esposa, etc., mas é sobretudo pelo desejo de ser pai, a representação que o homem faz de si mesmo como pai, que o faz vir a ser pai, de modo que alguma coisa se transforma dentro dele e faz com que a função parental (paterna) comece. (SOLIS-PONTON, 2014, p. 57-58)

Cabe destacar brevemente que o termo “parentalidade” é de uso relativamente recente na comunidade científica, tendo sido utilizado inicialmente na literatura psicanalítica francesa, nos anos 60, para marcar a dimensão de processo e de construção no exercício da relação dos pais com os filhos. A Convenção dos Direitos da Criança (ONU/UNICEF, 1990) dispõe, no artigo 27º, que é da responsabilidade “parental” e de outros cuidadores assegurar, de acordo as suas competências e capacidades financeiras, as condições de vida necessárias para o desenvolvimento da criança.

3.2. O Movimento Feminista e os novos arranjos familiares

“Se o casal tiver mais saúde dentro dessa relação, cara, os papéis funcionam super bem, sejam eles fixos, ou seja, o homem fazendo o papel do que a gente diz que é da mulher e a mulher fazendo do homem. Não é verdade? Pode ter alternância numa boa, funciona bem a questão da parceria dentro da relação, quando tem a empatia entendeu?” (trecho extraído da fala do sujeito B)

Temos visto, então, que a família tradicional vem passando por diversas transformações ao longo da história. Foi, sobretudo, a partir da década de 1960, com o avanço do feminismo e o início da atividade remunerada da mulher, que começou a entrar em crise o antigo modelo patriarcal, em que o pai possuía a autoridade suprema e era – além disso, ou justamente por isso – o único provedor financeiro do lar. O movimento de emancipação da mulher deu início, então, ao enfraquecimento do arquétipo do autoritarismo masculino, na

figura do chefe de família, o que deflagrou também a redefinição dos papéis de pai e mãe na dinâmica familiar. (Silva, 2000)

Além disso, com o movimento feminista ganhando força no mundo todo, ocorre maior igualdade entre os sexos, maior controle da natalidade, maior incidência de separações e de novos casamentos, dando origem a novas formas de organização e arranjo familiares. Anthony Giddens (1993) observa o surpreendente número de famílias “reconstituídas” ou “recombinadas”, que se constituem em um novo modelo familiar. Os novos laços, sejam entre marido e mulher ou pais e filhos, antes sustentados pela autoridade patriarcal, são agora deslocados para uma negociação partilhada das funções e compromissos embasados muito mais na intimidade e muito menos na tradição.

Sobre essa mudança paulatina na estrutura e a dinâmica familiares, Romagnoli (1996) afirma:

A família nuclear, conjugal e modelo da sociedade moderna cedeu espaço a novas configurações de casamento e família, que se caracterizam por serem grupos sociais flexíveis e singulares em estrutura, função e hierarquia. (ROMAGNOLI, 1996, p. 71-72)

No texto “Homens, é hora de voltar pra casa?”, do livro “44 Cartas do Mundo Líquido Moderno” (2010), Zygmunt Bauman sugere que um dos fatores determinantes da mudança comportamental dos homens da metade do século XX até os dias atuais foi a grande crise econômica global. O autor aponta para o fato de que, no mundo inteiro, inúmeras empresas quebraram ou foram obrigadas a limitar a produção, o que causou uma enorme quantidade de demitidos, e as medidas tomadas pelos diversos governos ao redor do mundo têm produzido até agora resultados medíocres ou não mostraram efeito algum no que diz respeito à geração de empregos e retomada da economia.

Bauman (2010) afirma que, apesar de não ser novidade esta constatação – que ele chama de “deprimente” –, só agora estamos começando a refletir a respeito das prováveis consequências dessas novas condições econômicas sobre importantes aspectos de nossa vida cotidiana, como, por exemplo, a forma e a divisão de tarefas no interior da família. De acordo com o autor, há muitos indícios de que a perda de empregos em grande escala poderia atingir mais severamente os setores da economia (em especial as indústrias “pesadas”) que tradicionalmente, até um tempo atrás, empregavam mais homens. Setores conhecidos por empregarem mão de obra feminina (como serviços e comércio) podem ser menos afetados pela depressão. Se isso de fato acontecer, ele alerta: “a posição de marido e pai como

principal provedor da família deverá receber um novo e sério golpe, e a habitual divisão do trabalho, assim como todo o padrão de vida típico das famílias, poderia ser devolvido ao ‘olho do furacão’.” (BAUMAN, 2010, p. 158)

Por vários motivos, tanto por necessidade quanto por escolha, trabalhar fora de casa e ter um emprego remunerado já deixou de ser uma prática exclusiva ou predominantemente masculina, Bauman (2010) reconhece. Mas, apesar dos espetaculares avanços na libertação das mulheres, o autor chama atenção para o fato cultural de que “a situação de ficar em casa e cuidar dos afazeres domésticos enquanto o cônjuge vai trabalhar fora é um cenário menos atrativo e mais difícil de suportar para os maridos que para as esposas” (p. 158).

Na eventualidade de haver uma colisão entre as duas carreiras e for impossível conciliá-las, a prioridade sempre foi dada (por consentimento mútuo, embora nem sempre de coração e mais raro ainda com alegria) às exigências do trabalho do marido. Com a chegada de novos membros na família, o impulso “natural” sempre foi para que a mãe deixasse o emprego e dedicasse todo seu tempo e energia ao cuidado dos filhos. É possível que essa “lógica da família”, aceita de maneira tácita, venha a entrar em conflito com a nova “lógica da economia” e se depare com enormes desafios e pressões no sentido de ser repensada, renegociada e modernizada. (BAUMAN, 2010, p. 158)

No Brasil, de acordo com dados do último Censo Demográfico realizado em 2010, e publicado em 17 de outubro de 2012 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são muitas e diversas as mudanças que têm ocorrido no interior da família, tanto em relação à sua forma de organização, quanto aos níveis de reprodução, que têm sido observadas de perto ao longo dos anos pelos pesquisadores do Instituto e que apontam para uma diversidade maior em relação aos tipos de famílias. O documento constata:

“A esperança de vida aumenta cada vez mais, mas, por outro lado, as taxas de fecundidade diminuem. Os arranjos familiares são menos tradicionais, cresce o número de uniões consensuais e, com o aumento dos divórcios, há também um crescimento significativo das famílias reconstituídas, nas quais os filhos podem ser apenas de um dos cônjuges. Outro efeito conhecido das separações e dos divórcios é o aumento do número de crianças que crescem em famílias monoparentais. Em relação à economia doméstica, muitos casais têm optado por se estabelecer no mercado de trabalho antes de decidir ter filhos. Consequentemente, a postergação da fecundidade feminina gera mudanças nos padrões da organização da família.” (IBGE – Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão. Censo Demográfico 2010 – Famílias e Domicílios – Resultados da Amostra, p. 64)²⁰

O texto apresenta ainda que o aumento das famílias sob responsabilidade exclusiva das mulheres passou de 22,2%, em 2000, para 37,3% em 2010. Nos domicílios ocupados por

²⁰ Disponível no link:

http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/97/cd_2010_familias_domicilios_amostra.pdf

apenas uma família, 34,5% tinha a responsabilidade de manutenção do lar compartilhada entre o casal, um total de 15,8 milhões de casas. Já nas famílias secundárias, que convivem com a principal, foi verificado que 53,5% são chefiadas somente por mulheres. Pela primeira vez – o que já é por si um dado curioso –, o Censo incluiu no questionário perguntas sobre a situação dos filhos nas famílias. Foi verificado se o filho é do casal, apenas do responsável ou apenas do cônjuge, além de outras configurações. Essa nova classificação, chamada pelo IBGE de famílias reconstituídas, soma em torno de 16% do total de famílias brasileiras.

De acordo com o último levantamento do Censo Escolar realizado em 2016 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), ainda existem no Brasil 5,5 milhões de crianças sem o nome do pai no registro de nascimento. Só no Distrito Federal são quase 70 mil crianças sem a filiação paterna na certidão, segundo dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Para minimizar estes dados, as promotoras Leonora Brandão e Renata de Salles, da Promotoria de Justiça de Defesa da Filiação (Profide), do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) criaram, em 2002, o “Projeto Pai Legal nas Escolas”, para atender os alunos menores matriculados na Rede Pública de Ensino. A iniciativa busca garantir a crianças e adolescentes o direito de ter o nome do pai em seus registros e já proporcionou que mais de 5 mil brasileiros residentes no DF passassem a ter a paternidade em suas certidões de nascimento, conforme estabelece a Lei nº 8.560/92.

O MPDFT criou ainda a cartilha “Tati em busca de seu pai”, com o objetivo de levar ao conhecimento da população, de forma simples e esclarecedora, as informações sobre o direito de toda criança à filiação. Através da história de Tati, uma menina de 7 anos, filha de Sara, que “está na fase dos ‘porquês?’ e no último dia dos pais perguntou à sua mãe por que não tinha um pai para dar presente e abraçar”, a cartilha dá orientações sobre o reconhecimento da Paternidade. Na mesma linha, o CNJ criou o Programa Pai Presente, que traz na capa de sua cartilha os dizeres: “Pai Presente, o reconhecimento que todo filho espera. Para os filhos, mães e pais são igualmente fundamentais. Se você é pai, não perca a chance de estar presente na vida do seu filho! Se você é filho, saiba como pedir o reconhecimento de paternidade de forma fácil e prática.”

Segundo a Lei nº 8.560 de 29 de dezembro de 1992, o registro de nascimento feito sem o nome do pai deve ser comunicado ao Ministério Público pelos Cartórios de Registro

Civil. O MP chamará o suposto pai, podendo ele proceder ao reconhecimento da paternidade.

3.3. Outras concepções sobre o lugar do pai

“é o seguinte, tem o componente da competição, tem o componente da cooperação, e tem o componente da necessidade das crianças, então assim, quando você tá ligado nas crianças, você faz independente de estar com um parceiro ou não, porque se você ver que a criança tá precisando, você vai fazer” (trecho extraído da fala do sujeito B)

Para além deste percorrido histórico e geográfico preliminar, e a fim de obter uma visão mais ampla e diversificada acerca da conjuntura em que a figura paterna está inserida na modernidade tardia, retomo aqui meu diálogo teórico transdisciplinar com outros campos do conhecimento, mais especificamente com o Direito e a Psicologia, que certamente enriquecerão este trabalho.

3.3.1. Noções jurídicas: a função do pai aos olhos da lei

No Direito de Família, a função paterna diz respeito a deveres e direitos do pai exercidos em conjunto com a mãe, que constituem o chamado poder familiar. No Código Civil Brasileiro (Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002), o poder familiar determina a total equiparação entre homem e mulher dentro da família. O antigo Código de 1916 foi revisado, alterado e atualizado em função da Constituição de 1988, que ressaltou a proteção à dignidade da pessoa, ampliou o conceito de família, equiparou homem e mulher na sociedade conjugal e nas relações paterna e materna, bem como equiparou todos os filhos, independentemente da natureza da filiação.

De acordo com a advogada e mestre em psicologia Verônica Cezar-Ferreira, no livro “Ainda existe a cadeira do papai? – Conversando sobre o lugar do pai na atualidade” (2004), a verdadeira função do pai – e da mãe – vem de dentro: “vem da alma, vem do desejo de ter o filho, do calor de abraçar o filho, da possibilidade de se perpetuar no filho” (p. 82). De acordo com ela, a grande função dos pais é exatamente a mesma: amar. “E amar é priorizar o bem-estar do outro. No caso da função paterna, o outro é o filho” (p. 82), define. E o amor nessa relação, segundo a advogada, é expresso pelos cuidados materiais, educacionais, emocionais e espirituais, prestados afetivamente.

Neste entendimento, criou-se em 2014 a Lei nº 13.058, conhecida como Lei da Guarda Compartilhada, que altera os artigos 1.583, 1.584, 1.585 e 1.634 do Código Civil de 2002. O texto da nova lei dispõe no parágrafo 2º do Art. 1.583: “§2º Na guarda compartilhada, o

tempo de convívio com os filhos deve ser dividido de forma equilibrada com a mãe e com o pai, sempre tendo em vista as condições fáticas e os interesses dos filhos”. Isto é, unifica a responsabilidade de ambos os pais no crescimento e desenvolvimento dos filhos menores. Devem proporcionar, portanto, de forma compartilhada, o sustento e a educação dos filhos, independentemente da dissolução da união conjugal, em prol do melhor interesse da criança ou adolescente.

A recente lei da guarda compartilhada é, além de um grande ganho social e jurídico, um importante sinal de evolução cultural na compreensão da importância da figura paterna na criação dos filhos desde a primeira infância. A guarda, que deve ser naturalmente compartilhada entre pai e mãe desde o nascimento do filho, tem agora respaldo jurídico para continuar a ser exercido pelos pais de forma igual, na vigência do casamento – ou quando os mesmos viverem sobre o mesmo teto – ou no caso de sua dissolução.

No entanto, dado que tanto o pai quanto a mãe têm o poder familiar, quando o vínculo conjugal é extinto, a guarda dos filhos deve ser discutida, sendo dada a um dos pais, enquanto ao outro resta apenas o direito de visita. Busca-se entender e minimizar, então, o choque negativo do rompimento matrimonial na relação entre pais e filhos, tentando-se manter o envolvimento de pai e mãe em sua criação, principalmente tratando-se de filhos menores. Além disso, por ser um instrumento novo no ordenamento jurídico brasileiro, é necessário o máximo de diálogo e cautela em sua condução e viabilização.

3.3.2. Contribuições da psicologia: o ser e o fazer paterno

Em 1966, em meio às primeiras manifestações da insurreição feminista, o psicanalista Donald Winnicott escreve o artigo “A criança no grupo familiar”, em que ele aperfeiçoa suas teorias sobre o desenvolvimento emocional primitivo e sobre o relacionamento dual primário.

“O pai entra no quadro familiar de duas maneiras. Até certo ponto, ele é uma das duplicações da figura materna. Nos últimos 50 anos, tem havido uma mudança na orientação de tal modo que os pais se tornaram muito mais reais para seus filhos no papel de duplicações da mãe do que eles eram décadas atrás. No entanto, isso interfere na outra característica do pai, segundo a qual ele acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma em um ser humano, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado. (WINNICOTT, 1989, p. 105)

Faz-se necessário abordar de forma breve as noções winnicottianas de ser e fazer com relação a figura do pai. A dimensão do ser fala da identificação, função primeira e primária do

bebê que se identifica (ou seja, que se percebe a, e que com isso adquire uma identidade) com a figura que o protege e alimenta (nessa ordem, diz Winnicott, e não o inverso). A natureza do ser é evocadora do que os chineses chamam de yin. Já a dimensão do fazer é aquela que age, que se move, que modifica, que faz. É o yang dos chineses. As duas noções são paralelas, diz Winnicott, ao feminino e ao masculino, sem ter, porém, nada a ver necessariamente com homens e mulheres.

Homens e mulheres, a partir de Winnicott, estão mais livres tanto para sentir quanto para agir. Pai e mãe podem e devem completar-se, ao invés de complementar-se, pois o completar-se significa que duas pessoas diferentes podem se sobrepor em vários sentidos (de ternura, de ação, etc.), enquanto o complementar-se implica a ideia de duas pessoas radicalmente diferentes cujos atos totais perfazem um todo, sem sobreposição e sem semelhança entre um e outro. Em outras palavras, o pai pode e deve ter atitudes consideradas maternas, e a mãe pode e deve ter atitudes consideradas paternas, sem que isso ameace em nada a identidade específica de cada um. Para os filhos, esse modo de funcionamento é extremamente valioso, pois cria para eles a ideia de pessoas realmente totais e inteiras, em vez de deixá-los relegados a um pai que é só masculino e uma mãe que é só feminina.

Muitas distorções podem ser provocadas nos filhos por esse tipo de radicalização das duas figuras: os filhos tendem a se tornar insensíveis e dominadores, e as filhas, impotentes e subjugadas. Um dos problemas mais agudos da chamada figura paterna na atualidade é justamente da patologia dessa radicalização: o pai tende a ser tirânico (dependendo da classe sociocultural) ou apalermado (quando não suporta ser tirânico). Não lhes resta outra alternativa, já que foram criados por famílias em que a clivagem e subsequente repressão da dimensão oposta dominaram o cenário familiar. Na contemporaneidade, com a liquidez dos papéis sociais e parentais, essa dicotomia vindo sendo cada vez mais questionada, surgindo um número crescente de famílias não mais dominadas pelo binômio tirania (pai) + inermidade (mãe) ou inermidade (pai) + tirania (mãe), dando origem a organizações familiares em que o pai também é, e a mãe também faz, e em que os filhos podem crescer inteiros e tornar-se governadas por um *self* verdadeiro e maduro.

Neste capítulo de análise da conjuntura, construímos a contextualização da paternidade desde os tempos mais remotos até o contexto da modernidade tardia, tanto em aspectos histórico-culturais quanto sociais. Debruço-me, no capítulo a seguir, sobre as

análises dos *corpora* definido para esta pesquisa, no qual investigarei as práticas sociais relacionadas ao discurso de homens-pais nos âmbitos virtual e presencial.

CAPÍTULO 4

4.1. Empreendendo as análises

4.2. Divisão dos capítulos analíticos: “micro” e “macro” análises

Dada a pluralidade e a grande quantidade dos dados gerados, julguei mais proveitoso dividir as análises que compõem esta dissertação em dois capítulos, a fim de tornar a leitura mais didática e prazerosa. Assim, considerando os preceitos da Análise de Discurso Crítica (ADC) enquanto teoria e método, de modo particular o arcabouço teórico-metodológico proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) e recontextualizado por Dias (2011), os capítulos analíticos quatro e cinco, que se seguem, correspondem à segunda e terceira etapas do arcabouço: a análise do discurso (análise interdiscursiva e análise linguística), a análise das identidades, e a reflexão sobre os principais desafios que cingem a questão motivadora.

Para lograr responder às questões norteadoras desta pesquisa, bem como alcançar seus objetivos, depreendeu-se dos dados demandas de análise diferentes, às quais nomeei, com base nas concepções de Fairclough (2001), de “micro” e “macro” análises. De acordo com o autor (Fairclough, 2001), a análise da prática discursiva envolve um processo interpretativo sobre como os textos são produzidos, distribuídos e consumidos, e pode ser empreendida a partir da combinação de duas frentes, que se poderiam denominar ‘microanálise’ e ‘macroanálise’:

“A primeira (‘microanálise’) é o tipo de análise em que os analistas da conversação se distinguem: a explicação do modo preciso como os participantes produzem e interpretam textos com base nos recursos dos membros. Mas isso deve ser complementado com a macroanálise para que se conheça a natureza dos recursos dos membros (como também das ordens do discurso) a que se recorre para produzir e interpretar os textos e se isso procede de maneira normativa ou criativa.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 115).

Amparada, então, por tais preceitos teóricos e metodológicos, optei por empreender os capítulos analíticos nestes moldes, dividindo-os em dois momentos, segundo a natureza dos dados em cruzamento com a natureza da análise, de modo que: neste capítulo, que configura o primeiro momento analítico, apresentarei a microanálise (por meio de categorias linguístico-discursivas, conforme explicitado mais adiante) referente aos textos gerados através de netnografia; e, no capítulo cinco, que configura o segundo momento analítico, aplicarei a macroanálise (apoiada em macrocategorias semânticas-discursivas-sociais, que também serão explicadas no referido capítulo) dos dados gerados em grupo focal.

Para quedar mais clara e didática a compreensão desta divisão, segue a mesma topicalizada e visualmente mais organizada, dando-se da seguinte forma:

- Capítulo 4 – Primeiro momento analítico: **Microanálises linguístico-discursivas** dos textos que compõem o corpus recortado a partir dos dados gerados por meio de netnografia crítica²¹:
 - ❖ “Trocar a fralda é o básico”, Marcos Piangers, 2015.
 - ❖ “Trocador de fraldas em banheiros masculinos é apenas um começo”, Hilan Diener, 2015.
- Capítulo 5 – Segundo momento analítico: **Macroanálises semânticas e discursivas** das falas que compõem o corpus recortado a partir dos dados gerados por entrevistas abertas em dois encontros com grupo focal²²:
 - ❖ Trechos transcritos das falas de cinco homens-pais, com faixa etária entre 25 e 45 anos, sobre paternidade, masculinidades, crise de identidade, e temas afins.

Passo, então, a seguir, à apresentação da primeira parte das análises, referente à microanálise dos textos midiáticos selecionados.

4.3. Primeiro momento analítico

4.3.1. O que eles escrevem: uma microanálise da realidade virtual paterna

Empreendo esta primeira parte das análises apoiada na concepção de Fairclough (2003) de que o discurso figura de três principais maneiras na prática social: gêneros (modos de agir), discursos (modos de representar) e estilos (modos de ser/identificar-se). Segundo o autor, discursos, gêneros e estilos relacionam-se dialeticamente e essa relação é realizada nos textos em traços específicos, como vocabulário, gramática, etc.

No decorrer de sua obra, Fairclough (1999, 2001, 2003) sugere um vasto arcabouço de categorias linguístico-discursiva que podem nos orientar na análise de textos enquanto elementos de eventos sociais, ajudando-nos a identificar estas formas e significados textuais

²¹ Ambos os textos, seus autores, os veículos e os contextos em que foram publicados estão detalhadamente expostos no capítulo anterior, intitulado “*A voz e a vez do pai: escolhas metodológicas*”.

²² Os sujeitos participantes da pesquisa foram igualmente apresentados no capítulo metodológico e tiveram suas identidades ocultadas por razões éticas.

associados a maneiras particulares de agir, representar e identificar(-se) em práticas sociais. Ao empreender a análise dos dados empíricos desta pesquisa, algumas dessas categorias analíticas mostraram-se mais férteis à obtenção dos objetivos, a saber: avaliação, suposição, metáfora e representação de atores e eventos sociais. Vale ressaltar, contudo, que não restringi a análise ao norteamento exclusivo destas categorias. Tendo em vista a perspectiva transdisciplinar da ADC, mostrou-se proveitoso privilegiar também os estudos sobre ideologia e identidades, por serem aspectos sobressalentes dos textos midiáticos analisados.

Conforme apresentado no capítulo teórico, o sociólogo John B. Thompson (1990), define ideologia como sendo formas simbólicas inseridas em contextos sociais específicos, que estabelecem e sustentam relações de dominação. “Por ‘formas simbólicas’, eu entendo um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e por outros como construtos significativos” (THOMPSON, 1990, p. 79). Isto é, tais relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas por meio de construções discursivas²³ que operam, através de estratégias e construções simbólicas, de cinco modos. São eles os modos gerais de operação da ideologia²⁴, a saber: “legitimação”, “dissimulação”, “unificação”, “fragmentação” e “reificação”. (THOMPSON 1990, p. 81-89)

De acordo com Kathryn Woodward (2000), a identidade é relacional, depende de algo exterior a ela para existir, de uma identidade que ela não é, logo, diferente. Para a autora, então, a identidade é marcada pela diferença e essa diferença pressupõe a exclusão do sujeito: se você é ‘x’, não pode ser ‘y’, e vice-versa. (WOODWARD *In*: SILVA, 2000, p. 09) A esse respeito, Moita Lopes postula que os seres humanos, como usuários da linguagem, constroem a si próprios e aos outros, assim como a realidade social, por meio do discurso. Para o autor, a questão da identidade é, então, “relativa a como essas diferenças são representadas no discurso e como isso afeta o modo como as pessoas agem na sociedade” (MOITA LOPES, 2003, p. 47). Assim, continua o autor, “as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas são construídas nas interações com as pessoas” (p. 48).

A seguir, apresento a primeira parte das análises, referente aos textos midiáticos selecionados. Veremos que ambos estão focados na defesa de uma tese central, formulada em torno de reflexões acerca do papel do pai na criação dos filhos, e ambos são caracterizados por uma hibridização dos gêneros editorial, relato pessoal e artigo de opinião. No que se

²³ A ideologia é classificada por Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 26) como construções discursivas.

²⁴ Conforme constam explicados um a um de forma detalhada, com suas respectivas estratégias, no capítulo teórico.

refere à tipologia textual, o primeiro apresenta um caráter argumentativo predominante, enquanto o segundo texturiza a argumentação por meio de narrativas de experiências. Todavia, ambos ensejam estilos e formas de identificação específicas e similares. Como veremos abaixo, os textos serão apresentados e analisados na íntegra, divididos em trechos seguidos de análises, a fim de facilitar a leitura e a remissão.

4.4. A PATERNIDADE COMO LUGAR DE PODER

Primeiro texto:

Intitulado “Trocar a fralda é o básico”, o texto que será analisado a seguir foi escrito por Marcos Piangers e publicado por ele em sua página no *Facebook*, em 12 de agosto de 2015. O jornalista é uma personalidade das redes sociais, tem 1,5 milhão de seguidores no *Facebook* – o texto a seguir teve mais de 50 mil compartilhamentos – e suas publicações abordam principalmente questões relacionadas à paternidade.

Trocar a fralda é o básico (texto na íntegra)

Pai que é pai troca fralda. Óbvio. Me aborrece essas pessoas que me perguntam: "Mas você é pai de verdade? Troca a fralda dos filhos e tudo?". Me sinto em 1955. Só de existir essa pergunta a gente já vê que está tudo errado. Trocar a fralda é o básico. Dar banho é o básico. Colocar pra dormir é o básico. Acordar de madrugada é o básico. Dar comida de colher fazendo aviãozinho é o básico. É o básico do básico. Do básico.

Quero ver pai faltar ao trabalho pra ficar com os filhos. Sair mais cedo do trabalho pra pegar os filhos na creche. Faltar na cerveja com os amigos. Não comparecer ao amigo secreto do escritório porque o filho está com dor de garganta. Levar os filhos pro trabalho em um dia de reunião importante. Dizer não pra uma promoção porque precisa ficar mais tempo com os filhos. Trocar a fralda é fácil.

Quero ver abrir mão da sua vida por causa de outra pessoa. Quero ver dar dinheiro, tempo, sonho, amigos, juventude, todos os seus preciosos dias pra uma outra pessoa, pra que ela seja melhor. Pra que o mundo seja melhor com ela. Pra que a sua vida seja melhor, mesmo com todas as renúncias. Mães fazem esse tipo de coisa o tempo todo.

Quero ver falar sobre sexo com sua filha. Conversar sobre homossexualidade com seu filho. Quero ver esperar pacientemente seu filho de três anos tentar ler uma frase completa enquanto você atende um telefonema importante. Quero ver largar o celular por um sábado

inteiro. E um domingo. Estou falando comigo mesmo agora. Quero ver pedir demissão. Quero ver ensinar seu filho a ler, a escrever, a fazer contas, a andar de skate, a andar de bicicleta, a passar no vestibular, a dirigir, a tratar bem a namorada, a fazer intercâmbio, a casar, a cuidar bem do filho. Quero ver ensinar o seu filho a ser pai.

Quero ver, eu mesmo. Quero ver você orgulhoso no dia dos pais, daqui a vinte anos. Quero ver você orgulhoso de ter sido pai de verdade. Quero ver você feliz, com seu neto no colo. Quero ver você trocando fralda do seu neto.

Vô que é vô troca fralda. Isso é o básico do básico.

4.4.1. Microanálise texto 1:

“TROCAR A FRALDA É O BÁSICO”

Pai que é pai troca fralda. Óbvio. Me aborrece essas pessoas que me perguntam: “Mas você é pai de verdade? Troca a fralda dos filhos e tudo?”. Me sinto em 1955. Só de existir essa pergunta a gente já vê que está tudo errado. Trocar a fralda é o básico. Dar banho é o básico. Colocar pra dormir é o básico. Acordar de madrugada é o básico. Dar comida de colher fazendo aviãozinho é o básico. É o básico do básico. Do básico.

No primeiro parágrafo, o autor define, com uma afirmação valorativa, o que é ser pai para ele. Ele inicia o texto a partir da expressão “pai que é pai”, que carrega em si um juízo de valor positivo e reforçador da identidade com a qual ele representa a si mesmo e aos destinatários do texto, de modo que esta expressão poderia ser substituída, sem comprometer seu sentido, por expressões como: “pai que é pai **mesmo**” ou “pai **bom**” ou “pai **de verdade**”. Assim, por meio de um binarismo constante entre fragmentação e unificação, o autor desafia os homens a refletirem sobre o tipo de pai que são, se estão ou não no grupo do “pai que é pai”. Este tom desafiador aparece como um fio condutor ao longo de todo o texto e fundamenta-se em uma pressuposição de seletividade por diferenciação, excluindo o pai ao qual se refere da grande massa de pais.

Em seguida, Piangers começa a condicionar o valor do pai a uma série de práticas, a começar por “pai que é pai troca fralda”, sugerindo o entendimento de que apenas pode ser reconhecido e legitimado como um pai de qualidade o homem que troca a fralda dos filhos. O ato da troca de fraldas é reificado e naturalizado pelo uso da palavra “óbvio”, conferindo ainda mais força à afirmação de que “pai que é pai troca fralda” e dando a ela status e caráter

definitivo, uma espécie de tese sobre a qual não há discussão. Para tanto, o autor coloca-se em lugar de poder, de alguém que tem autoridade para fazer tais afirmações categóricas, não em tom de opinião ou conselho, mas taxativo e professoral.

Mais adiante, o texto traz uma estratégia discursiva que eufemiza esse lugar de autoridade, por meio do hibridismo genérico, ao trazer um relato de uma experiência pessoal e o sentimento provocado por ela. Na situação relatada em: “*Me aborrece essas pessoas que me perguntam: ‘Mas você é pai de verdade? Troca a fralda dos filhos e tudo?’*”, o autor utiliza-se de um tom de crítica e descontentamento em relação à voz do senso comum, com o emprego do verbo “aborrecer” conjugado na primeira pessoa do singular, referindo-se ao entendimento culturalmente estabelecido (pressuposto e naturalizado) de que são predominantemente as mães que trocam as fraldas de seus filhos. Com isso, o autor legitima e supostamente considera louváveis os homens que realizam esta tarefa, ao passo que expurga os homens que não o fazem. Neste ponto, além de o autor introduzir a tese defendida por ele em todo o texto, explicitada no título: “trocar a fralda é o básico”, ele se define como um ‘pai que é pai’. Assim, responde à pergunta (‘mas você é pai de verdade’) atribuída por ele a terceiros: “sim, sou”, a fim de gerar empatia no leitor, partindo da avaliação e da suposição de que a situação relatada é familiar e incômoda a todos os homens-pais.

Na sequência, o autor reforça o sentimento de descontentamento afirmando que se sente “em 1955” e lança um juízo de valor explícito: “a gente já vê que está tudo errado”. Ou seja, expurga e desqualifica o pai de outrora, colocando-se como injustiçado, alvo de perguntas descabidas de uma sociedade machista que supostamente não reconhece a ‘evolução’ dos pais, não tendo percebido ainda que é “óbvio” (como dito por ele no início do texto) que os homens de hoje trocam as fraldas de seus filhos. Justifica, assim, seu aborrecimento e esboça a representação do “novo pai” a partir da exclusão ou superação do “pai de 1955”. Mais do que isso, nas próximas cinco orações ele repete a construção lexical “é o básico”, carregada de modalidade deontica. De acordo com Fairclough (2003), a modalidade deontica é utilizada na troca de atividade e está relacionada à função da linguagem que denota obrigação ou necessidade (uma ordem), que pode ser expressada, por exemplo, por meio de prescrições (“trocar a fralda é o básico”).

Em termos ideológicos, observa-se também o modo de operação da unificação (por meio da estratégia da padronização) de vários atos que o autor considera “básicos”. Assim, iguala o ato da troca de fraldas a uma série de tarefas atribuídas culturalmente à mãe,

considerada até pouco tempo como principal cuidadora (dar banho, colocar para dormir, acordar de madrugada, dar comida de colher fazendo aviãozinho). Ao final do parágrafo, o autor unifica tais práticas e as padroniza, pressupondo-as como próprias também das atribuições paternas, ao afirmar: “(tudo isso) É o básico do básico. Do básico”.

Ou seja, o uso de repetição como estratégia argumentativa enfatiza e reforça: (i) o lugar de autoridade do autor/enunciador que, em termos ideológicos, é legitimado; (ii) o que é considerado por ele o mínimo que um pai deve fazer investido nesse papel social – a sequência de tarefas é utilizada como uma unificação ideológica do grupo de pais que cumprem com os preceitos pré-estabelecidos; (iii) a conclusão do parágrafo, em que a última repetição “Do básico” é escrita separadamente para enfatizar a exclusão e o expurgo dos pais que não realizam os afazeres listados como suposição de que são essenciais à paternidade.

Quero ver pai faltar ao **trabalho** pra ficar com os filhos. Sair mais cedo do **trabalho** pra pegar os filhos na creche. Faltar na cerveja com os **amigos**. Não comparecer ao amigo secreto do **escritório** porque o filho está com dor de garganta. Levar os filhos pro **trabalho** em um dia de **reunião** importante. Dizer não pra uma **promoção** porque precisa ficar mais tempo com os filhos. Trocar a fralda é fácil.

Os quatro próximos parágrafos, a partir do segundo, começam com a construção lexical “Quero ver”, apresentando então, a partir dessa repetição, um novo viés argumentativo. Em termos ideológicos, se antes o texto trabalhava para legitimar o pai participativo, a partir de estratégias como universalização e narrativização, a serviço da unificação desse grupo de “pai que é pai”; desse trecho em diante, o texto trabalha predominantemente com o modo de operação da ideologia da fragmentação, num tom provocativo, que diferencia e exclui os pais que não cumprem as exigências listadas e estipuladas pelo autor como supostos requisitos essenciais à caracterização do bom pai.

Além disso, a construção lexical “Quero ver” é utilizada não com a conotação literal do verbo ver, no sentido de enxergar, mas relexicalizada e utilizada em tom desafiador e provocativo, no sentido de “duvido”. Poderíamos, por exemplo, trocar todos os “quero ver” por “duvido” no texto sem comprometer o sentido das frases. O autor continua falando de um lugar de poder, em tom de autoridade, e no final faz outra suposição valorativa “trocar a fralda é fácil”. Fairclough (2003) postula que a suposição é utilizada para abarcar termos de teor implícito, como pressuposições, implicações ou acarretamentos lógicos. Ou seja, é tudo

aquilo que é dito, em contraste com o não-dito, mas tomado como dado. É questão de relação entre o texto e o que foi dito, escrito ou pensado em outro lugar (FAIRCLOUGH, 2003).

Ou seja, o autor supõe que o ato da troca de fraldas além de ser o básico, é fácil. Com isso, estabelece uma incoerência de entendimento: a mesma prática que ele considera um trunfo no início do texto, quase um termômetro, uma régua, para medir quão bom é o pai (“Pai que é pai troca fralda. Óbvio.”) é agora desqualificado por ele (“Trocar a fralda é fácil”). Em termos ideológicos, observa-se o modo de operação da dissimulação no uso da escolha lexical “fácil”, operada por meio da estratégia do deslocamento, já que a palavra “fácil” é deslocada do sentido literal de ser uma tarefa com pouca complexidade de execução, sendo empregada, neste contexto, para significar “pouco”. Pode-se depreender do texto também, neste ponto, o uso mais uma vez do modo de operação da ideologia da fragmentação, aplicado por meio da estratégia do expurgo do outro, no intuito de enfraquecer e desqualificar os homens que se acham bons pais “apenas” (suposição) porque trocam a fralda.

Sobre os negritos destacados neste excerto, podemos observar uma série de práticas elencadas a partir da escolha e recorrência de tópicos temáticos do campo semântico do ‘trabalho’. Assim, o autor constrói uma visão de mundo masculina e passa a desafiar o homem-pai a romper com ela, a partir de exemplos que envolvem a inclusão de seu filho em sua jornada de trabalho – faltar trabalho; sair mais cedo do trabalho; faltar amigo secreto do escritório; não aceitar a promoção. A maioria destas ações implica atitudes que retiram, que excluem o homem de seu ambiente de trabalho (vide emprego em sequência dos verbos “faltar”, “sair”, “faltar”, “não comparecer”, “dizer não”), operando como dissimulação, em termos ideológicos, ao deslocar o valor positivo atribuído a atividades consideradas genuinamente masculinas para as atividades do âmbito familiar (supostamente naturalizadas como femininas ou menos prazerosas ao homem do que as referentes ao trabalho).

Nos próximos parágrafos, o autor segue com a lista de práticas que legitimam a representação idealizada que ele faz do “bom pai” ou do “pai de verdade”.

Quero ver abrir mão da sua vida por causa de outra pessoa. Quero ver dar dinheiro, tempo, sonho, amigos, juventude, todos os seus preciosos dias pra uma outra pessoa, pra que ela seja melhor. Pra que o mundo seja melhor com ela. Pra que a sua vida seja melhor, mesmo com todas as renúncias. Mães fazem esse tipo de coisa o tempo todo.

Curiosamente, embora este parágrafo indique ter um aparente sentido de continuidade em relação ao parágrafo anterior, há aqui, na verdade, a construção de outro campo semântico, qual seja o campo dos sentimentos e valores de vida, como “abrir mão da sua vida”; “dar todos os seus preciosos dias”; “renúncias”. Desde o parágrafo anterior, o autor vem construindo uma linha de raciocínio que culmina neste: a comparação das práticas paternas com as maternas e a tentativa de mobilização dos homens em uma espécie de competição ou equiparação com as mulheres. Ele apresenta uma lista de tarefas supostamente sacrificantes, aludindo à avaliação implícita de que elas são maiores e mais importantes do que a única tarefa atribuída por ele aos homens até então: trocar fraldas. Ao final, essa lista é explicitamente atribuída às mulheres, quando ele afirma: “Mães fazem esse tipo de coisa o tempo todo”, propondo, assim, a seguinte representação binária: mulheres fazem muito, homens fazem pouco.

Além disso, a repetição do item lexical ‘melhor’ sofre um deslocamento de referente, pois sai do referente ‘pessoa’ (“pra que ela seja melhor”), vai para o mundo (“para que o mundo seja melhor com ela”), e termina na sua vida (“para que a sua vida seja melhor”), o que colabora com a construção de uma visão de mundo idealizada. Desse modo, o autor, neste segundo trecho, constrói uma visão de mundo feminina para dar continuidade ao desafio do bom homem-pai, o que é reforçado pela oração “Mães fazem esse tipo de coisa o tempo todo”. Com o uso do vocábulo ‘mães’ sem anteposição de artigo, cria uma concepção de feminino genérico e universal, unificando ideologicamente todas as mulheres como iguais e construindo a crença de que o bom pai é, na verdade, uma boa mãe.

Então, podemos perceber que, mais do que uma competição, essas construções discursivas colaboram para uma estratégia de projeção dos homens-pais no sentido de alcançarem o modelo avaliado e apresentado pelo autor como legítimo e verdadeiramente bom para a criação dos filhos: o desempenhado pelas mulheres. O encadeamento de afazeres descritos por ele como “tipo de coisa” que as mulheres fazem “o tempo todo” é apresentado sempre em seguida da construção lexical “Quero ver”, deixando margem ao entendimento de que os homens devem “correr atrás do prejuízo” para serem pais em pé de igualdade com as mães. Aqui, vemos claramente os atores sociais representados de forma desigual: para provocar os pais a uma espécie de emancipação, há uma negação ou exclusão desse pai como cuidador (de modo que é preciso desafiá-lo a assumir este papel), enquanto, por outro lado, há a pressuposição da mulher como cuidadora natural, já que o único momento em que ela é nomeada é no período: “mulheres fazem esse tipo de coisa o tempo todo”.

Paradoxalmente, mesmo que no parágrafo inicial do texto ele tente romper com essa divisão machista e patriarcal dos papéis familiares (“Me sinto em 1955”), nos dois parágrafos seguintes ele compactua implicitamente com ela. A figura feminina é nomeada uma única vez no texto, no uso da palavra “mãe”, no resto do texto ela está apenas pressuposta. Assim, em dois parágrafos, ao utilizar-se desse tom provocativo e desafiador na formulação de tarefas que propõe ao interlocutor (homem-pai), a paternidade é legitimada e valorizada apenas se o homem for capaz de colocar-se em pé de igualdade com a mulher idealizada que o autor representa, idealizando também, conseqüentemente, a paternidade.

Quero ver falar sobre sexo com sua filha. Conversar sobre homossexualidade com seu filho. Quero ver esperar pacientemente seu filho de três anos tentar ler uma frase completa enquanto você atende um telefonema importante. Quero ver largar o celular por um sábado inteiro. E um domingo. Estou falando comigo mesmo agora. Quero ver pedir demissão. Quero ver ensinar seu filho a ler, a escrever, a fazer contas, a andar de skate, a andar de bicicleta, a passar no vestibular, a dirigir, a tratar bem a namorada, a fazer intercâmbio, a casar, a cuidar bem do filho. Quero ver ensinar o seu filho a ser pai.

Logo no início deste parágrafo, o autor deixa pressuposto em seu discurso uma perspectiva machista, ao considerar que falar sobre sexo com seu filho (homem) é mais plausível do que “falar sobre sexo com sua filha”, ou seja, falar de sexo com filha (mulher) é tabu, com o filho não. Esta e todas as outras tarefas aqui elencadas são representadas como um grande feito, quase um ato heroico. Ao tratar do conceito de intertextualidade, Fairclough (2003) afirma que as pressuposições são maneiras de incorporar outras vozes ou outros elementos de diversos textos dentro de um mesmo texto. Segundo o autor, as pressuposições são utilizadas para sugerir proposições implícitas, tomadas pelo produtor do texto como já estabelecidas ou “dadas”.

Além disso, pode-se observar, ainda, ao longo de todo o texto, a ocorrência de um processo de identificação positiva do autor com o bom pai, deixando implícito que ele é o “pai de verdade”, executor de todas as tarefas listadas e que, portanto, tem autoridade para desafiar outros pais a fazerem o mesmo. Desse modo, em termos ideológicos, ele se apropria do modo de operação da unificação para se identificar com um pai idealizado, herói, e usa ainda, concomitantemente, o modo da fragmentação, operado pela estratégia da diferenciação, a fim de diferenciar ele próprio dos outros pais comuns, não-heróis, por meio de uma idealização construída sobre pressuposições ideológicas.

Isto fica claro no encadeamento oracional: “quero ver largar o celular por um sábado inteiro. E um domingo. Estou falando comigo mesmo agora”. A frase curta “e um domingo”, iniciada por uma aditiva, e utilizada com tom de oralidade – no que concerne à dimensão dialógica da linguagem –, colabora com a construção de um tom provocativo, como se um suposto leitor conversasse com o autor e respondesse que “*sim, ele seria capaz de deixar de lado o celular por um sábado*”. O autor coloca imediatamente, então, sua contraproposta, como se subisse o nível de dificuldade do desafio proposto na frase “e um domingo”.

No fim, ele afirma “estou falando comigo mesmo agora”, na qual a palavra “agora” é utilizada não no sentido do tempo da ação, mas de “neste ponto, neste quesito”. É usada para demarcar a diferença, ou seja, apenas “agora” (na questão de largar o celular durante o fim de semana) ele se inclui no desafio, deixando margem ao entendimento de que, dentre todas as tarefas que lista, só esta em específico ele encontra dificuldade em realizar.

Em seguida, o autor mistura os papéis sociais, listando funções que não são do pai, nem da mãe, nem do âmbito familiar. Do ponto de vista semântico, ele extrapola o masculino da primeira parte do texto e o feminino da segunda parte, partindo para uma idealização sobre-humana, como se fosse possível uma única pessoa executar todos esses papéis sociais. Trata-se de uma visão alegórica, mas que revela, subliminarmente, a desvalorização do pai comum e real.

No encadeamento que constrói neste parágrafo, o autor começa com: “Quero ver ensinar seu filho a” e elabora mais uma lista de tarefas, em uma crescente idealização do pai, que não se satisfaz em “apenas” trocar fraldas, dar banho, conversar com os filhos e todas as atividades descritas nos parágrafos anteriores, mas também deve desempenhar inclusive alguns papéis institucionais da sociedade, como ensinar o filho: “a ler, a escrever, a fazer contas” (papel da escola); “a passar no vestibular” (escola prepara para o vestibular); “a dirigir” (papel da autoescola). No período “a fazer intercâmbio, a casar” fica claro o efeito de incoerência que teve o distanciamento do verbo de seu complemento (ninguém ensina a casar, ninguém ensina a fazer intercâmbio, essas são escolhas possíveis aos filhos sobre as quais os pais podem orientar, conversar, etc.).

O parágrafo culmina em: “Quero ver ensinar seu filho a cuidar bem do filho. Quero ver ensinar o seu filho a ser pai”, que também são aprendizados não formais. O verbo “ensinar” é utilizado pelo autor neste encadeamento para apropriar-se do lugar de poder atribuído ao sistema institucionalizado de ensino, a fim de conferir mais força e status de

autoridade à sua própria voz. Em termos ideológicos, trata-se da dissimulação, novamente operada por meio do deslocamento do valor positivo e das atribuições formais das instituições de ensino para o uso particular desse super-pai idealizado.

Pode-se entender, então, que o autor se coloca novamente no lugar do pai ideal, com a competência de ensinar ao filho todas essas coisas (apropriando-se heroicamente de papéis que não são seus) e, portanto, com o poder de desafiar outros pais a fazerem o mesmo. Além disso, a oração “ensinar o filho a ser pai” é utilizada em tom romantizado, o que enfatiza a representação idealizada do pai que vem sendo construído desde o início do texto. O texto vai crescendo nessa idealização, nessa suposição de poder do homem-pai a tal ponto que, no último parágrafo, o autor chega a desafiar o homem-pai em uma perspectiva transcendental.

Quero ver, eu mesmo. Quero ver você orgulhoso no dia dos pais, daqui a vinte anos. Quero ver você orgulhoso de ter sido pai de verdade. Quero ver você feliz, com seu neto no colo. Quero ver você trocando fralda do seu neto.

Vô que é vô troca fralda. Isso é o básico do básico.

Nesse crescente de romantização e idealização, o autor finaliza o texto com a pretensão de atravessar gerações. Ele tenta ser projetivo, traçando uma linha do tempo que vai do pai até o avô e supõe como consequência dos bons pais de hoje os bons avôs do futuro. Assim, ideologicamente, reifica o “pai que é pai” por meio da eternalização, que o levará a ser um “avô que é avô”. O autor sugere, assim, um suposto valor transcendental ao desafio que apresenta, involucrando os homens em uma mudança de atitude que avalia como importante o suficiente para impactar “daqui a vinte anos”.

Ainda, apresenta aos homens uma recompensa: “você orgulhoso de ter sido pai de verdade”. A linha do tempo vai crescendo, então, em idealização: do eu-pai (que troca fraldas, o básico), superando a mulher-mãe (pressuposta na lista de tarefas), superando os outros pais (na representação dos homens machistas muito ligados ao trabalho), superando as instituições (na apropriação da competência do ensino em diversos âmbitos), ou seja: a representação do super-herói, do super-pai.

O texto todo, portanto, é permeado por dois aspectos predominantes: uma visão binária de suposição valorativa (o que não é ser bom pai x o que que é ser bom pai) e uma visão romantizada, idealizada na representação do ator social pai, do que é ser um “pai de

verdade”. Paradoxalmente, o autor incorre em uma contradição: na tentativa de provocar a criticidade, a suposta emancipação do homem-pai-leitor, ele na verdade provoca o contrário, a intimidação e a desqualificação do homem que está sendo desafiado, já que o tom provocador do texto alimenta-se na suposição de que o homem-pai-leitor não cumpre com as tarefas listadas pelo autor. Pode-se concluir, então, que se trata de um texto promocional, um simulacro.

Segundo texto:

O segundo texto analisado, intitulado “Trocador de fraldas em banheiros masculinos é apenas um começo”, de autoria de Hilan Diener, foi publicado inicialmente na edição de abril de 2015 da Revista M de Mulher, da Editora Abril (mdemulher.abril.com.br), no blog Potencial Gestante (potencialgestante.com.br), e amplamente compartilhado nas redes sociais, sobretudo no *Facebook*.

Trocador de fraldas em banheiros masculinos é apenas um começo

Pai de primeira viagem se mete em cada furada... Ainda me lembro da primeira vez que levamos o Benjamin à pediatra, com poucos dias de vida. Luíza e eu não tínhamos a menor noção de quem ela era, mas marcamos um horário por indicação do hospital em que o Joca nasceu. Relembrar aquela consulta me dá até raiva – a quantidade de bobagens que a médica falou e o número de coisas que eu até acreditei não está no gibi. Mas teve uma coisa que realmente me marcou: a médica só se dirigia à Luíza. Era um tal de “mãezinha, faz isso...” e “aí ~ m.ã.e.z.i.n.h.a ~ faz aquilo” enquanto eu fiquei ali apenas como mero expectador. Um ser de segunda categoria. Um figurante. Até tentei chegar mais pra frente na cadeira para ficar no campo de visão dela, mas parecia que eu tinha poderes mutantes de invisibilidade.

Sai de lá chateado com a situação, mas isso me fez pensar. A pediatra estava errada, sim, mas de certo modo eu entendo por que ela me tratou daquele jeito. Afinal, nós, homens, damos todos os motivos para isso. Começou ali, quando eu nasci com um cromossomo Y. Desde então minha família, meus parentes, depois a escola, a TV, os amigos, ou seja, toda a

sociedade, me criou como “menino” e, segundo nossa cultura, meninos não foram criados para exercer cuidados – mas, sim, para trabalhar, lutar e prover.

Os meninos são “treinados” para serem bons em tudo o que é divertido, atlético, ágil, matemático, mecânico e viril. Não sobra tempo para as ditas “coisas de meninas” (que deveriam ser de meninos também) e quando se tornam pais nada muda: continuamos vivendo – ao menos a maioria – a paternidade da mesma forma divertida, atlética, ágil, matemática, mecânica e viril que levamos a vida inteira.

Isso explica muita coisa, mas não justifica. Recentemente o ator Ashton Kutcher se tornou pai e começou a perceber a mesma coisa que notei alguns anos atrás com esse episódio da pediatra: a sociedade é machista e enxerga somente as mulheres como cuidadoras. Um exemplo disso é o fato de que em estabelecimentos, em geral, não existem fraldários masculinos. A maior parte dos trocadores (quando existem) está sempre dentro de um banheiro feminino. Então se você, pai, quiser trocar a fralda suja da sua criança ou vai ter que se fantasiar de mulher ou vai se aventurar em lugares bizarros, pequenos e sem nenhuma estrutura. Além disso, ainda terá que enfrentar olhares tortos de reprovação/nojo ou de uma estranha admiração pelo simples fato de ser um homem que cuida do filho que você pôs no mundo.

E é sempre bom lembrar que “ajudar” e “cuidar” são coisas bem diferentes. Quando alguém diz: “Nossa! Seu marido ajuda muito com a crianças” a impressão que dá é que o marido está ali apenas fazendo um favor temporário para a família. Até a nossa linguagem enxerga o homem como um ajudante descompromissado que, de vez em quando, por sorte da esposa, aparece pra dar uma ajudinha... Isso não é cuidar! Cuidar é uma responsabilidade conjunta. É assumir os filhos e tudo o que vem junto nesse pacote e criá-los.

Infelizmente, o mundo é machista. E sua mulher vai sofrer por causa disso e vai sobrar pra você também (que quer ser diferente). No final, todo mundo perde. O que fazer então? A minha esperança está na nova geração. Existem muitos pais por aí criando filhos aos trancos e barrancos como eu, mas de alguma maneira de uma forma mais inclusiva. Rompendo com um modus operandi de séculos a fio, começando a entender e também a exercitar o real significado de cuidar e criar um filho.

Eu ainda estou muito longe de entender esse senso de missão e responsabilidade que minha esposa tem. Confesso que não é fácil e nem sempre satisfatório. Geralmente tenho a

impressão de que estou correndo atrás de um prejuízo. Não é algo que eu naturalmente queira fazer. É preciso um esforço – quase que um empurrão interno – para ser um pai de verdade. É preciso muita coragem e é preciso ser muito macho. Porque esse papel pode ser extremamente frustrante, enlouquecedor e cansativo, mas também é incrivelmente transformador, emocionante e libertador.

Quem sabe nossos filhos cresçam nesse ambiente melhorado e, quando forem pediatras ou donos de empresas, percebam que homens e mulheres – com todas as suas diferenças e semelhanças – podem, sim, amar e cuidar das suas crias. E, quem sabe (finalmente e de uma vez por todas) instalem logo em todos os lugares possíveis esse bendito fraldário nos banheiros masculinos.

4.4.2. Microanálise texto 2:

“TROCADOR DE FRALDAS EM BANHEIROS MASCULINOS É APENAS UM COMEÇO”

“Pai de primeira viagem se mete em cada furada... Ainda me lembro da primeira vez que levamos o Benjamin à pediatra, com poucos dias de vida. Luíza e eu não tínhamos a menor noção de quem ela era, mas marcamos um horário por indicação do hospital em que o Joca nasceu. Relembrar aquela consulta me dá até raiva - a quantidade de bobagens que a médica falou e o número de coisas que eu até acreditei não está no gibi. Mas teve uma coisa que realmente me marcou: a médica só se dirigia à Luíza. Era um tal de "mãezinha, faz isso..." e "aí ~ m.ã.e.z.i.n.h.a ~ faz aquilo" enquanto eu fiquei ali apenas como mero expectador. Um ser de segunda categoria. Um figurante. Até tentei chegar mais pra frente na cadeira para ficar no campo de visão dela, mas parecia que eu tinha poderes mutantes de invisibilidade.

No texto, o autor começa relatando a experiência que o levou à constatação de que a sociedade é machista e não reconhece os homens como cuidadores. Logo no início, ele faz juízos de valor sobre a médica pediatra, mulher, representando-a como responsável pela primeira vez que ele se deu conta desta constatação. No excerto “Luíza e eu não tínhamos a menor noção de quem ela era”, o autor indica a suposição de que ela não era uma profissional “renomada”, e em seguida põe em xeque sua credibilidade, ao afirmar que a médica falou

uma “quantidade de bobagens” que ele até acreditou. O vocábulo “bobagens” é carregado de avaliação negativa, o que colabora para construção da desqualificação da médica, a partir da suposição da autoridade do autor como pai no que tange o cuidado com o filho, amenizando, assim, o inicial desequilíbrio de poder entre ele e a profissional, e marcando sua resistência.

Além disso, no excerto “a médica só se dirigia à Luíza”, ele também deixa pressuposto que a médica teve uma postura machista ao dirigir-se predominantemente à mãe da criança. Assim, partindo de avaliações e suposições de sua percepção, o autor deixa implicitamente representados os atores sociais no evento que descreve (a consulta pediátrica) da seguinte forma: médica despreparada/machista → mãe protagonista → pai figurante. Todos nomeados e com seus papéis intensificados. Trata-se de uma cadeia semântica descendente de auto representação identitária. O autor se coloca primeiro como ‘eu’ parceiro (Luíza e eu), lado a lado com a mulher; depois ele vai numa gradação semântica de inferiorização e exclusão, a partir do relato de como o lugar da exclusão é construído pela médica (“só se dirigia à Luíza”, em que a escolha lexical “só” marca a primeira exclusão); em seguida, novamente o eu, mas seguido de usos lexicais metafóricos com conotação negativa.

No trecho “eu fiquei ali apenas como mero expectador”, o encadeamento das escolhas lexicais “apenas” e “mero” indica a ênfase que o autor quis dar no sentido da palavra “expectador” (já que a oração poderia ter sido escrita “eu fiquei ali como expectador”, sem comprometer o sentido da frase). Há também, neste caso, um reforço da cadeia semântica descendente apresentada pelo autor, uma vez que “mero” denota literalmente “simples, genuíno, sem mistura”, mas foi empregado no texto com a conotação de “insignificante”, “sem importância” que, encadeado com a escolha lexical “apenas”, enfatiza no texto o papel “pequeno” e “sem voz” do “expectador”.

Esta intensificação do papel sem importância atribuído ao pai no evento que o autor descreve fica ainda mais clara com o emprego, na sequência, do encadeamento de vocábulos com o mesmo sentido metafórico: “expectador”, “um ser de segunda categoria”, “um figurante”, “tinha poderes mutantes de invisibilidade”. A metáfora aqui utilizada, marcada pela conotação irônica e até pejorativa, pode ser percebida conforme o entendimento de Fairclough (2011), segundo o qual as metáforas significam e constroem nossa realidade de uma maneira específica, estruturando “o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental” (FAIRCLOUGH, 2011, p. 241).

Ou seja, ao escolher metáforas como “figurante” e “invisível”, o autor marca sua representação identitária como um excluído do papel social de cuidador, portanto dispensável no evento simbólico da consulta do filho com o pediatra. Assim, a metáfora utilizada pelo autor constrói a crença de que ao homem é relegado o papel da reprodução, papel que não é aceito pelo autor, que, em seguida narra o movimento de seu corpo em reação à atitude da médica (“até tentei chegar mais pra frente na cadeira”), marcando sua resistência a esse lugar comum de exclusão.

Saí de lá chateado com a situação, mas isso me fez pensar. A pediatra estava errada, sim, mas de certo modo eu entendo por que ela me tratou daquele jeito. Afinal, nós, homens, damos todos os motivos para isso. Começou ali, quando eu nasci com um cromossomo Y. Desde então minha família, meus parentes, depois a escola, a TV, os amigos, ou seja, toda a sociedade, me criou como "menino" e, segundo nossa cultura, meninos não foram criados para exercer cuidados - mas, sim, para trabalhar, lutar e prover.

Neste parágrafo, o ‘eu’ (autor) ganha um adjetivo do campo semântico do sentir: “chateado”, marcando mais uma vez sua resistência. No entanto, logo em seguida o autor reifica ideologicamente a atitude da médica, por meio da naturalização presente em “mas eu entendo”, e coaduna com o discurso legitimado e recorrente em nossa sociedade de que os pais não participam da criação dos filhos (“eu entendo por que ela me tratou daquele jeito”). Com o uso do plural em: “nós, homens, damos todos os motivos para isso”, o autor se unifica com todos os sujeitos do universo masculino indiscriminadamente, pela generalização de “homens”, ao passo que constrói, concomitantemente, uma fragmentação ideológica por meio da estratégia do expurgo do outro, ao construir a figura desses homens como inimigos, culpabilizando-os por essa exclusão paterna. Em seguida, passa à legitimação dessa exclusão, por meio da estratégia da racionalização, ao dar uma explicação biológica para o fato (“Começou ali, quando eu nasci com um cromossomo Y”).

Em seguida, na oração “meninos não foram criados para exercer cuidados, mas, sim, para trabalhar, lutar e prover”, ele poderia ter utilizado o verbo simples “cuidar” ao invés da composição “exercer cuidados”, que, neste caso, sugere a ideia de um cuidado mais distanciado, impessoal, masculino, já que não apenas “cuida”, mas “exerce”, “produz”, “realiza” cuidado. Há ainda um reforço semântico no emprego de “exercer cuidados”, em oposição a “trabalhar, lutar e prover”, criando uma relação quase excludente entre os verbos (quem exerce cuidados não pode trabalhar, lutar e prover, e vice-versa), marcando então sua

atividade como parte da luta dos homens-pais pelo seu reconhecimento social como cuidadores.

Os meninos são “treinados” para serem bons em tudo o que é divertido, atlético, ágil, matemático, mecânico e viril. Não sobra tempo para as ditas “coisas de meninas” (que deveriam ser de meninos também) e quando se tornam pais nada muda: continuamos vivendo - ao menos a maioria - a paternidade da mesma forma divertida, atlética, ágil, matemática, mecânica e viril que levamos a vida inteira.

No início deste parágrafo, o emprego de “os meninos são treinados” indica a continuação dos argumentos que o autor começou a fornecer no parágrafo anterior para explicar a exclusão que sofreu na situação com a pediatra. Nota-se a permanência e o reforço do modo de operação da ideologia da legitimação, por meio da estratégia da racionalização, em que o autor traz tanto raciocínios biológicos quanto sociais para legitimar os homens como excluídos por natureza e pela sociedade. Além disso, a construção de sua fragmentação a serviço da vitimização também vai sendo paulatinamente construída.

Na sequência, o encadeamento dos adjetivos “divertido, atlético, ágil, matemático, mecânico e viril”, é associado ao gênero masculino, a partir da afirmação de que “os meninos são ‘treinados’ para serem bons” em atividades relativas a essas qualidades. Em seguida, o autor menciona o que ele chama de “coisas de meninas”, mas não lista quais são essas “coisas”, deixando a suposição de que utiliza a expressão “coisas de meninas” em oposição à lista de qualidades pressupostas como “coisas de meninos” (para as quais eles são treinados). Assim, o autor vai construindo sua identificação neste paradigma binário e num paralelismo entre gênero e parentalidade criado por ele no texto.

Esta oposição configura um binarismo machista que é repetido quando o autor repete o mesmo encadeamento lexical no trecho “continuamos vivendo - ao menos a maioria - a paternidade da mesma forma divertida, atlética, ágil, matemática, mecânica e viril que levamos a vida inteira”. Ou seja, o autor se inclui neste grupo e se unifica ideologicamente aos pais por meio da padronização de sua vivência paterna, ao conjugar o verbo viver na primeira pessoa do plural (nós oculto) em “vivemos a paternidade da mesma forma”. Assim, formula um raciocínio baseado em causa e consequência para reforçar a ideia de que os meninos não foram treinados pela sociedade para serem cuidadores e, por isso, quando se tornam pais “nada muda”: a maioria continua vivendo a paternidade “da mesma forma

divertida, atlética, ágil, matemática, mecânica e viril”. Além disso, com este encadeamento de adjetivos, o autor caracteriza traços de uma identidade paterna tida como a aceitável, a comum, a legitimada pela sociedade.

Partindo desta avaliação do próprio lugar na sociedade concernente a esse homem que era menino e se torna pai, o autor lança mão de uma construção argumentativa que retoma o referido grupo de adjetivos como se a identidade do homem estivesse pronta desde a infância, de modo que a responsabilidade do seu descontentamento com isso é colocada sobre sociedade, ou melhor, é culpa da mãe que criou esse menino para ser um homem que leva a vida, incluindo a vivência de sua identidade paterna, de maneira “divertida, atlética, ágil, matemática, mecânica e viril”.

A pressuposição que está por trás desse discurso sugere o entendimento de que os homens seriam melhores pais se fossem mais treinados para as “coisas de menina”, sobre as quais ele afirma: “não sobra tempo” e “deveriam ser de meninos também”. Embora não estejam nomeadas no texto as “coisas de meninas”, se nos valermos do tom de oposição binária entre as qualidades que ele nomeia e encadeia como sendo masculinas, podemos concluir que ele parte da suposição de que as “coisas de meninas” são aquelas reconhecidas socialmente como qualidades femininas. Então, se sobrasse “tempo” e se as coisas “de meninas” fossem consideradas “de meninos” também, os homens seriam treinados para exercer a paternidade de forma mais delicada, amorosa, devotada, afetiva (pressupostos nas qualidades reconhecidas culturalmente como sendo das mães, portanto, meninas). Assim, em uma suposta sociedade menos machista, os pais teriam sua relevância como cuidadores reconhecida socialmente.

Isso explica muita coisa, mas não justifica. Recentemente o ator Ashton Kutcher se tornou pai e começou a perceber a mesma coisa que notei alguns anos atrás com esse episódio da pediatra: a sociedade é machista e enxerga somente as mulheres como cuidadoras. Um exemplo disso é o fato de que em estabelecimentos, em geral, não existem fraldários masculinos. A maior parte dos trocadores (quando existem) está sempre dentro de um banheiro feminino. Então se você, pai, quiser trocar a fralda suja da sua criança ou vai ter que se fantasiar de mulher ou vai se aventurar em lugares bizarros, pequenos e sem nenhuma estrutura. Além disso, ainda terá que enfrentar olhares tortos de reprovação/nojo ou de uma estranha admiração pelo simples fato de ser um homem que cuida do filho que você pôs no mundo.

Neste parágrafo, o autor invoca o peso da voz de uma pessoa pública, o ator hollywoodiano Ashton Kutcher, que ganhou ainda mais visibilidade após tornar-se pai e envolver-se publicamente na militância em torno da paternidade. Hilan aproveita, então, a declaração do ator sobre a falta de fraldários em banheiros masculinos para dar credibilidade à sua própria voz e colocar-se, junto com o ator, em lugar de poder, validando a sua autoridade diante da tese que defende no texto todo. Em termos ideológicos, o autor do texto se unifica com o ator a serviço da autopromoção de uma identidade paterna que passa a ser representada como nova, fortalecida, presente e atenta. Para tanto, ele afirma que o ator “começou a perceber a mesma coisa” que ele mesmo (Hilan, autor do texto) já havia notado “alguns anos atrás com esse episódio da pediatria”. Ou seja, sustenta-se no fato de que tanto ele quanto o ator tiveram a mesma percepção (a falta de fraldários), representando positivamente a paternidade que ambos exercem, homens cuidadosos e envolvidos nas questões referentes à criação de seus filhos.

Na sequência, na frase “a sociedade é machista e enxerga somente as mulheres como cuidadoras”, o autor dá um diagnóstico categórico avaliativo, em tom de crítica negativa, e coloca-se mais uma vez num lugar de exclusão. Isto é reforçado nos trechos “vai ter que se fantasiar de mulher”, “olhares tortos de reprovação” e “estranha admiração”, em que o autor se utiliza de ironia para relatar como as pessoas reagem ao se depararem com um pai cuidador. A respeito da ironia, Fairclough (2001) considera sua natureza intertextual ao afirmar que um enunciado irônico ‘ecoa’ o enunciado de um outro, havendo, no entanto, uma disparidade de significado entre os dois: “a função real de meu enunciado é expressar algum tipo de atitude negativa sobre seu enunciado, seja ela de raiva, sarcasmo ou o que quer que seja” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 158). Ou seja, a ironia é utilizada para dizer uma coisa e significar outra e carrega em si caráter crítico, de censura, de denúncia.

Além disso, em termos ideológicos, os excertos “vai ter que se fantasiar de mulher” e “terá que enfrentar olhares tortos de reprovação” são carregados de fragmentação, operada pela estratégia da diferenciação, ao trazer imagens para reforçar que o pai não é mulher, realçando a ideia de que apenas as mulheres são legitimadas como cuidadoras pela sociedade, enquanto os homens-pais cuidadores são fragmentados e não validados pela sociedade.

Assim, ele se auto representa em uma nova oposição binária: o pai exemplar, que fala de um lugar de poder, que troca fraldas e está tão comprometido com os cuidados dispensados a seus filhos, a ponto de perceber a falta de fraldários nos banheiros masculinos; e, por outro

lado, o pai excluído, invisível, não reconhecido como cuidador pela sociedade machista, a partir da suposição no texto de que os homens não têm as mesmas condições das mães para cuidar de suas crianças. Tais orações reforçam a ideia inicial de que, culturalmente, espera-se que apenas as mulheres-mães troquem as fraldas dos filhos, além de outros cuidados que ainda são socialmente atribuídos exclusivamente a elas.

É importante observar também que o autor se dirige no texto a um leitor elitizado, que circula por espaços públicos em que banheiros comportam fraldários, mesmo que ele flexibilize esta afirmação na oração “quando existem”.

E é sempre bom lembrar que “ajudar” e “cuidar” são coisas bem diferentes. Quando alguém diz: “Nossa! Seu marido ajuda muito com as crianças” a impressão que dá é que o marido está ali apenas fazendo um favor temporário para a família. Até a nossa linguagem enxerga o homem como um ajudante descompromissado que, de vez em quando, por sorte da esposa, aparece pra dar uma ajudinha... Isso não é cuidar! Cuidar é uma responsabilidade conjunta. É assumir os filhos e tudo o que vem junto nesse pacote e criá-los.

Neste parágrafo o autor marca sua auto representação identitária como pai cuidador, rechaçando a representação binária do pai na sociedade: recusa, por um lado, o lugar do excluído (caracterizado no parágrafo anterior), e também recusa, por outro lado, o lugar do “ajudante”, “benevolente”, “generoso”, “herói” (partindo da suposição de que esse não é visto socialmente como seu papel: “de vez em quando, por sorte da esposa, aparece pra dar uma ajudinha”). Assim, posiciona-se de forma igualitária ao lado da mãe da criança, pressuposta na oração “cuidar é uma responsabilidade conjunta”. Ideologicamente, ele legitima sua identidade de pai cuidador pela racionalização, através de uma cadeia de raciocínio que constrói sobre a definição do verbo “cuidar”, na busca de persuadir o leitor a uma aprovação e apoio (“Isso não é cuidar! Cuidar é uma responsabilidade conjunta. É assumir os filhos e tudo o que vem junto nesse pacote e criá-los”).

Ainda, ao final do parágrafo, a afirmação “Cuidar é uma responsabilidade conjunta. É assumir os filhos e tudo o que vem junto nesse pacote de criá-los” é usada em tom romantizado, quase como uma frase de efeito, na qual ele dá uma significação positiva para a paternidade, na qual se inclui ideologicamente por meio da unificação com a mãe, padronizando seus papéis (“responsabilidade conjunta”), assumindo novamente uma posição identitária de poder e autoridade. Por suposição, depreende-se o entendimento de que o autor

é esse pai “bom” e “responsável”, que vive a paternidade exatamente segundo os moldes que construiu no texto.

Infelizmente, o mundo é machista. E sua mulher vai sofrer por causa disso e vai sobrar pra você também (que quer ser diferente). No final, todo mundo perde. O que fazer então? A minha esperança está na nova geração. Existem muitos pais por aí criando filhos aos trancos e barrancos como eu, mas de alguma maneira de uma forma mais inclusiva. Rompendo com um modus operandi de séculos a fio, começando a entender e também a exercitar o real significado de cuidar e criar um filho.

Neste parágrafo, a palavra “infelizmente” carrega uma avaliação negativa e denota descontentamento com toda a situação dos pais na sociedade descrita pelo autor no texto. Ele começa a encaminhar o discurso para uma conclusão, um fechamento, e faz isso com o uso de vocábulos do campo semântico dos sentimentos relacionados à tristeza (“sua mulher vai sofrer”, “vai sobrar pra você”, “todo mundo perde”). Em seguida, no excerto “que quer ser diferente”, vemos claramente a representação dos atores sociais: pais “diferentes” em oposição aos pais da grande “massa”. Em termos ideológicos, vemos o modo de operação da fragmentação por meio da diferenciação, já que ele se distingue dos outros pais para reforçar a identidade de pai cuidador que vem construindo para si ao longo do texto. Ao mesmo tempo, ele se utiliza da dimensão dialógica da linguagem ao dirigir-se ao leitor e unificar-se ideologicamente a ele, colocando os dois juntos em um suposto grupo seletivo de pais com comportamento padrão (“você que também quer ser diferente”).

Esta unificação por padronização também está presente no excerto “Existem muitos pais por aí criando filhos aos trancos e barrancos como eu”. Além disso, a expressão “aos trancos e barrancos” carrega uma avaliação negativa, de sacrifício, que confere ao ato de “criar filhos” um status de ato heroico, colocando-se pessoalmente como modelo (“como eu”) e buscando ideologicamente a legitimação de sua identidade de bom pai, por meio da racionalização.

Ao final do parágrafo, na oração “rompendo com um modus operandi de séculos a fio”, pode-se observar, ainda em termos ideológicos, o modo de operação da fragmentação pela estratégia do expurgo do outro, uma vez que há a desqualificação do modelo de paternidade que vigorou no passado e a marcação de uma resistência atual a esse “modus operandi”, através do emprego do verbo “romper”. O autor parte da suposição de que só os

pais de hoje (“existem muitos pais por aí”) entendem e exercitam o que ele avalia como “real significado de cuidar e criar um filho” O emprego do vocábulo “real” reforça esse expurgo e essa desqualificação suposta dos pais de outrora e também dos pais da grande massa, representando essa resistência como uma ação revolucionária, de ruptura e transformação social.

Eu ainda estou muito longe de entender esse senso de missão e responsabilidade que minha esposa tem. Confesso que não é fácil e nem sempre satisfatório. Geralmente tenho a impressão de que estou correndo atrás de um prejuízo. Não é algo que eu naturalmente queira fazer. É preciso um esforço - quase que um empurrão interno - para ser um pai de verdade. É preciso muita coragem e é preciso ser muito macho. Porque esse papel pode ser extremamente frustrante, enlouquecedor e cansativo, mas também é incrivelmente transformador, emocionante e libertador.

Neste parágrafo ele paradoxalmente atualiza (ainda que no início do texto ele conteste) discursos machistas que representam socialmente a maternidade e a paternidade em uma oposição binária: as mulheres como cuidadoras principais, que carregam em si um instinto “natural” materno, e os homens como seres aplicados em desempenhar um papel que apenas com muito esforço são capazes de assumir. Isto fica claro pela escolha do item lexical “naturalmente”, atribuído pelo autor ao “senso de missão e responsabilidade” que, segundo ele, sua esposa tem. Ou seja, esta representação parte da suposição de que, ao contrário das mulheres, os homens não nascem com um atributo natural para o cuidado e precisam construir-se “pais de verdade” por meio de “um esforço”, “um empurrão interno”, avaliado implicitamente como um ato de heroísmo, louvável, digno de reconhecimento.

Além disso, a escolha dos itens lexicais “muita coragem” e “muito macho” também sugere uma tentativa a mais de autoafirmação do autor na representação do “pai herói”, que é reforçada pelo encadeamento dos adjetivos: “frustrante”, “enlouquecedor” e “cansativo” (suposição do esforço mencionado por ele para ser “pai de verdade”) em oposição a “transformador”, “emocionante” e “libertador” (suposição das recompensas), para ratificar a ideia de que vale a pena essa atuação paterna representada por ele em vários momentos do texto como heroica.

Quem sabe nossos filhos cresçam nesse ambiente melhorado e, quando forem pediatras ou donos de empresas, percebam que homens e mulheres - com todas as suas

diferenças e semelhanças - podem, sim, amar e cuidar das suas crias. E, quem sabe (finalmente e de uma vez por todas) instalem logo em todos os lugares possíveis esse bendito fraldário nos banheiros masculinos.”

Ao concluir o texto, o autor coloca-se novamente em lugar de poder e autoridade, ao vislumbrar, partindo da suposição de uma paternidade vivida nos moldes sugeridos por ele, um futuro que ele avalia como “melhorado”. Essa mudança para melhor, da qual ele implicitamente se inclui como agente, é avaliada pela presença de fraldários em banheiros masculinos, possivelmente instalados por aqueles de quem os pais de hoje cuidam com tanto empenho: os filhos (médicos e donos de empresa do futuro).

Finalizamos, assim, a primeira parte deste capítulo analítico, com a constatação daquilo que os dois textos midiáticos analisados têm em comum: ambos estão focados na defesa de uma tese central, o reconhecimento perante a sociedade de sua identidade como pais cuidadores. Este reconhecimento é postulado por meio da utilização de elementos linguístico-discursivos (desvelados por meio de categorias analíticas como suposição, avaliação, metáfora e representação dos atores sociais), e pela predominância de alguns modos de operação da ideologia (como legitimação e fragmentação).

Pousando o olhar com mais atenção nestes termos ideológicos, vemos que há uma projeção da legitimação que permeia os dois textos, por meio da qual os dois autores postulam uma ratificação perante a sociedade de que é possível ser homem e cuidador. A partir da maior frequência do modo de operação da ideologia por legitimação, ramificam-se outros dois modos que trabalham a serviço de uma ideologia conjugada: unificação x fragmentação. Ambos os textos fragmentam os homens: (i) entre si e (ii) entre eles e as mulheres, ao passo que unificam os homens como machistas, para alçar, por meio da legitimação, a ideologia do pai-autor (de ambos os textos) como idealizado e superior. Diante de todo o exposto e, sabendo serem os autores dos textos homens com grande visibilidade na internet, conhecidos por sua militância em prol da chamada “paternidade ativa”, e pela recorrência de suas publicações nas redes sociais em torno desta temática, pode-se presumir que se trata de dois textos autopromocionais.

A fim de provocar reflexões acerca do papel do pai na criação dos filhos e do lugar desse pai na sociedade, ambos os textos são caracterizados por um tom provocativo (desafiador no primeiro texto e irônico no segundo), nos quais os autores se colocam em lugar de poder e autoridade. Além disso, há nos dois uma hibridização comum dos gêneros

editorial, relato pessoal e artigo de opinião e, no que se refere à tipologia textual, o primeiro apresenta um caráter argumentativo predominante, enquanto o segundo texturiza a argumentação por meio de narrativas de experiências. Contudo, ambos ensejam estilos e formas de identificação específicas e similares.

Vejamos, no próximo capítulo, o segundo momento analítico desta dissertação, referente à macroanálise semântica e discursiva das falas transcritas de homens-pais participantes de grupo focal.

CAPÍTULO 5

5.1 Segundo momento analítico

5.2. O que eles falam: uma macroanálise das vozes paternas da vida real

Nesta segunda seção, referente às análises dos trechos transcritos de falas geradas em grupo focal, priorizo especialmente os estudos sobre as identidades, concentrada particularmente nas concepções de Fairclough (2001), Hall (1990, 1992), Moita Lopes (2003), Woodward (2000) e Giddens (1991). Buscaremos compreender, de modo específico, como as identidades são constituídas através do discurso, já que, conforme postula Moita Lopes (2003), a construção da identidade social está sempre em processo, “pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares: os significados que os participantes dão a si mesmos e aos outros engajados no discurso”. (MOITA LOPES, 2003, p. 34)

Visto que o foco deste segundo momento analítico é a investigação das narrativas dos homens-pais enquanto construtos de identidades sociais, cabe situar aqui o entendimento das narrativas como discurso, isto é, “uso da linguagem como forma de prática social, através da qual as pessoas agem no mundo e constroem o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Investigar o discurso a partir dessa perspectiva é analisar, portanto, como os participantes envolvidos na construção do significado estão agindo no mundo por meio da linguagem – considerando essa ação em condições sócio-históricas particulares – construindo, desse modo, a sua realidade social e a si mesmos (MOITA LOPES, 2003, p. 31-33).

Nesta perspectiva, veremos como a paternidade é experimentada pelos homens participantes desta pesquisa nos âmbitos familiar e social, e em que medida as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas podem ter determinado a compreensão e o exercício de suas práticas sociais e discursivas, bem como a constituição de suas identidades. Os depoimentos analisados permitem entender, ainda, como o caráter mutante das identidades sociais possibilita, a qualquer momento da interação, reposicionamentos, questionamentos, negociações e, inclusive, a construção de novas identidades. Assim, devemos pensar sobre identidade como uma ‘produção’, que nunca está completa, “que está sempre em processo, sempre constituída dentro e não fora da representação” (HALL, 1990, p. 222). A este respeito, também postula Moita Lopes (2003):

“A escolha de nossas múltiplas identidades não depende de nossa vontade, mas é determinada pelas práticas discursivas nas quais agimos (...). Portanto, as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas emergem na interação

entre os indivíduos, agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados”. (MOITA LOPES, 2003, p. 37)

Destaco, ainda, as considerações de Hall (1992) a este respeito. Segundo o autor, as velhas identidades, que durante muito tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, visto até então como um sujeito unificado. Isto é, as paisagens culturais que forneciam, no passado, sólidas localizações como indivíduos sociais passaram por profundas e estruturais mudanças desde o final do século XX, transformando as identidades modernas e tornando-as cada vez mais “descentradas”, “deslocadas” ou “fragmentadas”. (HALL, 1992, p. 7)

Neste sentido, Hall postula, ainda, que tais transformações são parte de um processo mais amplo de mudança, que abala também a ideia que temos de nós mesmos, causando a perda de um “sentido de si”. De acordo com o autor, esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos – tem constituído uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo (HALL, 1992, p. 8-9).

Por último, recobro o conceito de reflexividade formulado por Giddens (1991), apresentado no capítulo teórico desta dissertação, e que considero fundamentalmente importante para a compreensão dos processos de (des)construção identitários que sobressaltaram de forma marcante dos discursos analisados nesta pesquisa. A respeito da fragmentação ou descentralização do indivíduo moderno, que Hall (1992) relaciona ao rápido, abrangente e contínuo processo de mudança pelo qual passam as sociedades na modernidade tardia, Giddens (1991) acrescenta ainda o alcance global de tal mudança, e assevera que “à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da Terra” (GIDDENS, 1991, p. 6).

Giddens (1991) observa que nas culturas que precederam a era moderna, a tradição era valorizada porque perpetuava a experiência de gerações, e afirma que a transição para os tempos modernos tem produzido uma forma de vida altamente reflexiva. Assevera o autor:

“A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 45).

Todas essas concepções teóricas, portanto, dão suporte à segunda parte deste capítulo analítico, composta pelas macro análises apresentadas a seguir, em que focalizo a

investigação dos mecanismos linguístico-discursivos que sustentam os depoimentos dos pais entrevistados, por meio dos quais revelam-se suas múltiplas identidades.

5.3. A PATERNIDADE COMO IDENTIDADE

Diante do grande volume de dados gerados e da pluralidade das problemáticas abordadas, considerei mais proveitoso empreender a análise a partir da seleção de temas comuns e recorrentes, emergidos das falas dos participantes e organizados em três macro categorias semânticas e discursivas que, por sua vez, são divididas em outras subcategorias, onde serão alocados os excertos transcritos. Sendo assim, os três principais eixos semânticos que estruturam esta seção analítica são:

1. A PATERNIDADE COMO IDENTIDADE RELACIONAL (foro privado)	2. A PATERNIDADE COMO IDENTIDADE SOCIAL (foro público)	3. A PATERNIDADE COMO CRISE DE IDENTIDADE (foro íntimo)
a) Com a família de origem	a) O pai-cuidador não validado	a) A crise da masculinidade <ul style="list-style-type: none"> ▪ O “não-lugar” ▪ A morte
b) Com o(s) filho(s)	b) O pai-cuidador glamourizado	b) A crise conjugal
		c) A crise de identidade paterna

Quadro 5 – Macro categorias semânticas e subcategorias mais proveitosas à macro análise dos dados.

Passo, então, à apresentação da análise macroestrutural do corpus selecionado dentro de um universo de dados empíricos gerados por meio de entrevistas abertas com homens-pais participantes²⁵ de grupo focal. Ressalto que tais dados são constitutivos das macro categorias semânticas e discursivas formuladas para esta seção, uma vez que sua definição só foi possível a partir das falas dos participantes. Isto é, as categorias e subcategorias que elenco abaixo emergiram do processo de análise, quando alguns trechos de falas me chamaram especial atenção, constituindo, assim, esses significados e significações.

²⁵ Os sujeitos participantes da pesquisa foram apresentados no capítulo 4, intitulado *A voz e a vez do pai: escolhas metodológicas*. Suas identidades serão preservadas por questões éticas e eles serão nomeados por letras (Sujeito A, Sujeito B, e assim por diante).

5.3.1 A PATERNIDADE COMO IDENTIDADE RELACIONAL

a) Com a família de origem

Excerto 1:

“Como a minha mãe sempre foi envolvida com questão de feminismo e tudo, e trabalhar mulher em comunidades carentes, trabalhar o negro também em comunidades carentes, então eu cresci vendo muito o discurso do feminismo, e o discurso da violência contra mulher e tudo mais (...) aí eu tracei pra mim todo um perfil de marido que eu não queria ser, que tipo de pai eu não queria ser.” (Sujeito C)

Excerto 2:

“Tem uma coisa que é a mentalidade de cada um, pela própria história, o que cada um viveu com pai e mãe, que muda muito a qualidade da maneira como a gente quer educar nossos filhos e quer ter filhos, e a maneira como a gente vê a nossa parceira, vê a parceria na relação né?” (Sujeito A)

Logo nos momentos iniciais de fala, durante as apresentações, no primeiro encontro com o grupo focal, três dos cinco participantes citaram as suas histórias de vida com suas famílias de origem – dos quais destaco dois nesta seção – para explicar como se tornaram os pais que são hoje. Do excerto 1, podemos destacar a recorrência de vocábulos de significação feminina, como “mãe”, “feminismo” e “mulher” associados a uma representação positiva, mencionados com orgulho, como marcadores da relação direta que o sujeito pai traça entre as experiências vividas com a própria mãe e a determinação do “perfil de marido” e do “tipo de pai” que ele “não” queria ser.

Vemos que as palavras de representação masculina – “marido” e “pai” – são utilizados com significação negativa, uma vez que a repetição da palavra “não” depois das construções “perfil de marido” e “tipo de pai” conduz à crença de que ele teve referências ruins de “marido” e “pai” com o qual ele não quer se identificar. Ainda, as palavras “marido” e “pai” são empregadas como sinônimos, de modo que sua junção com as palavras “perfil” e “tipo” seguidas de “não” construíram uma representação binária entre dois grupos supostos assim padronizados: o grupo dos maridos e pais “ruins” que ele tem por referência, e do qual se exclui; e o grupo dos maridos e pais “bons”, ao qual ele se projeta como pertencente.

No excerto 2, vemos mais claramente a verbalização da relação de causa e consequência traçada em uma linha do tempo que vai da “própria história” familiar, do que “cada um viveu com pai e mãe”, situada no passado e a história familiar que se quer construir no presente (“a maneira como a gente quer educar nossos filhos”). O Sujeito A utiliza o

vocábulo “qualidade” precedido pelo verbo “mudar” que sugere o entendimento de que a relação com os pais provoca transformações positivas no modo de ver a vida e projetar as relações familiares. Além disso, a palavra “filhos” é repetida duas vezes, mesma recorrência das palavras com significação conjugal (“parceira” e “relação”), de modo que a boa referência trazida da relação parental ultrapassa a projeção da paternidade que se quer exercer (relação de pais e filhos) e chega a influenciar também na “qualidade” do parceiro que se quer ser dentro de uma relação afetiva (homem e mulher).

b) Com o(s) filho(s)

Excerto 3:

“Eu sei que peguei a coisa muito para mim sabe? A minha primeira filhota assim, eu ficava muito com ela, eu dava banho de sol de manhã, chegava do trabalho à noite, colocava para dormir dançando forrozinho, sabe? Durante a madrugada eu pegava ela e colocava no peito da mãe, aí a gente capotava e depois eu colocava no berço de novo, ficava nessa sabe? Então eu fui muito, eu busquei muito essa coisa, de tentar ser um pai mais ‘pãe’, eu busquei muito isso, e acho que foi legal, acho que foi muito legal” (Sujeito C)

Excerto 4:

“A melhor amiga dela, por exemplo, sabia que eu tava grávido (...) eu ia para todas essas rodas de reunião para aprender como que seria o parto, porque eu queria que o meu filho nascesse na minha mão e tal, queria ser o primeiro a receber ele na hora que ele nascesse e tal” (Sujeito D)

Excerto 5:

“A diferença de ser pai ou não ser pai é o quanto você tá próximo. Assim, a intimidade que eu tenho com meu filho é desde ele sair da barriga, ter minutos de vida, eu tô cuidando dele, eu tô cuidando dele desde que ele brotou no mundo, então a minha intimidade com ele é de entender a respiração dele, de pegar nele e saber que ele tá com febre, de ver um movimento diferente e falar: ‘olha, aprendeu tal coisa’, porque é muita convivência.” (Sujeito A)

Nos três primeiros excertos, vemos a fala de pais profundamente vinculados aos seus filhos, engajados em exercer a paternidade da forma mais presente possível desde a gestação, passando pelo parto, até chegar nos cuidados com a criança. Tanto no excerto 3 quanto no excerto 4, os sujeitos empregam termos próprios do campo semântico do feminino atribuídos a eles próprios, homens, causando um estranhamento inicial acerca da recontextualização de

seu significado. É o caso das escolhas lexicais “grávido” (sujeito D) e “pãe” (pai + mãe), processos de lexicalização já conhecidos socialmente e compreendidos amplamente. Tais termos colaboram para a construção da representação de um homem que realiza tarefas consideradas da mãe, como “dar banho de sol”, “colocar para dormir”, “pegar (o bebê) durante a madrugada”, etc. Isto significa dizer que os homens, ao verbalizarem suas facetas identitárias em relação à paternidade, buscam sua legitimação na associação com a identidade materna, como se apenas pudessem ser validados como bons pais se assumirem o papel atribuído socialmente às mães.

No excerto 4, o sujeito D segue a mesma linha de raciocínio do Sujeito C no excerto anterior, empregando o termo “grávido” de forma metafórica, para indicar que ia ter um filho. É claro que quem estava grávida era sua mulher e, ao invés de “grávido”, ele poderia ter dito, por exemplo, “a melhor amiga dela sabia que eu ia ser pai”, sem alterar o sentido da frase. Mas a força semântica simbólica que “grávido” carrega é muito mais intensa. É interessante observar que nenhum dos dois usos lexicais, “pãe” e “grávido” necessitou de explicação para gerar significação. Seu entendimento automático se dá pela utilização recorrente e já naturalizada na sociedade de tais expressões.

No excerto 3, a mulher aparece nomeada apenas uma vez, de forma passivizada, sem agência. No trecho *“eu pegava ela e colocava no peito da mãe, aí a gente capotava e depois eu colocava no berço de novo”*, a ênfase do discurso é no pai e não na mãe, pois é o lugar de quem fala, deixando clara a associação desse pai a tarefas geralmente exercidas pela mulher. No excerto 4, a mulher não aparece nomeada, mas suposta nas escolhas lexicais “grávido” (quem estava grávida era a esposa) e “parto” (quem dá à luz é a mãe), o que colabora com a construção da representação do protagonismo paterno exercido pelo vínculo afetivo com o filho, desvelado claramente no trecho *“eu queria que o meu filho nascesse na minha mão e tal, queria ser o primeiro a receber ele na hora que ele nascesse”*.

Já no excerto 5, observamos que o discurso do Sujeito A é permeado pelo emprego de vocábulos do campo semântico da presença, da atenção, da vinculação afetiva, como o emprego das palavras “próximo” e “convivência”, e a repetição de “intimidade”. Com uma afirmação categórica, ele define o que entende por paternidade: *“ser pai ou não ser pai é o quanto você tá próximo”*, utilizando “ser” ou “não ser” em sentido figurado, não literal. Isto é, ele se refere à suposta qualidade do pai, de modo que “ser” ou “não ser” pai diz respeito a ter essa paternidade legitimada ou validada na medida do convívio desse homem com seu

filho. Além disso, o uso da palavra “próximo” pode ser associado ao campo semântico corporalidade (colo, corpo, calor), como veremos mais adiante.

Assim, no excerto 3, a construção identitária do “bom pai” é alçada em relação ao campo do cuidado, na medida em que o sujeito se apropria discursivamente das práticas referentes ao cuidado do filho e as trata como naturais e comuns a todo pai que é presente na vida dos filhos, como pode ser observado nos trechos “desde ele sair da barriga”, “ter minutos de vida”, “eu tô cuidando dele”, “entender a respiração dele”, “pegar nele e saber que está com febre”. Aqui, é possível observar novamente a ocorrência da associação dos significados de ‘próximo’ e ‘corpo’, referida pelo sujeito A em relação à convivência entre pai e filho, e não em relação aos conceitos de fusão e simbiose corporal, atribuídos pela psicologia e medicina como fenômenos originalmente da mulher e não do homem.

Além disso, é importante perceber que o verbo “cuidar”, repetido duas vezes, é o único conjugado sempre no gerúndio em uma linha do tempo contínua que vai “desde que ele brotou no mundo” até o presente, como uma ação contínua. Pode-se observar, ainda, a escolha do verbo “brotou”, que está relacionada ao campo semântico da semente, da fertilidade, de modo que “brotou” pode ser associado ao sêmen, ao espermatozoide que se ligou ao óvulo. Assim, pode haver aqui uma reivindicação sutil ou até inconsciente de lugar, de um espaço como gerador e cuidador desde que houve a fecundação até o “brotar” do filho nesse mundo.

Os sujeitos dos excertos acima, então, constroem suas identidades a partir de sua relação com os filhos, representando-se como pais dedicados não apenas no que concerne às tarefas relacionadas ao cuidar, mas também ao aspecto afetivo do vínculo entre pais e filhos.

5.3.2 PATERNIDADE COMO IDENTIDADE SOCIAL

a) O pai-cuidador não validado

Excerto 6:

“Eu andava com *sling*, ele com um mês de vida né? E tinha gente que me parava na rua, tipo brava: ‘cadê a mãe desse bebê?’ Tipo as pessoas não aguentam, não suportavam, é uma coisa assim que eu vi que era uma vontade de cuidado mesmo, e que as pessoas se continham, chegavam num ponto que elas explodiam: ‘chega, o que você tá fazendo com essa criança?’ Tipo assim, é um perigo para essa criança estar com um homem” (Sujeito D)

Excerto 7:

“Os dois primeiros anos é sobretudo muito da relação mãe/bebê, os pais, assim, não fazem parte do imaginário, a relação é mãe e bebê, ninguém coloca o pai como protagonista” (Sujeito B)

Excerto 8:

“Eu tava no banco né? Aí tá lá – banco, supermercado, tudo – caixa exclusivo, preferencial para: aí tá lá idoso, o desenho do idoso né? Com a bengalinha. A gestante, claro, é um desenho com vestido e a barriguinha. Aí crianças de colo... crianças de colo, brother, é sempre o desenho da mãe, tá ligado? O vestido com a criança, meu irmão! E o pai, velho? Sacou? Então assim, a sociedade é muito machista em todos os pequenos detalhes, se você for observando, assim, brother, ela tá contando que a criança vai vir com a mãe” (Sujeito D)

Nos excertos acima, vemos como a construção das identidades dos sujeitos é alçada em relação à sociedade, que não os legitima como cuidadores naturais. Como definido pelo Sujeito B no excerto 7, o senso comum concebe prioritariamente a relação de cuidado estabelecida entre mãe e bebê, de modo que um homem sozinho com uma criança em lugares públicos é quase sempre recebido com estranheza. No excerto 6, vemos a recorrência do uso de vocábulos com significação negativa (“brava”, “chega” e “perigo”) e de verbos que indicam ação de desconforto e indignação (“não suportavam”, “chegavam num ponto” e “explodiam”) atribuídos à reação de insegurança ou impaciência da sociedade diante de pais cuidadores, representada com vocábulos que indicam coletividade, como “tinha gente” e “as pessoas”. Essa indignação ou sensação de insegurança é atribuída à ausência da mãe, percebida socialmente como cuidadora natural ou mais capacitada para cuidar de uma criança (“cadê a mãe desse bebê?”, “vontade de cuidado mesmo” e “o que você – homem – tá fazendo com essa criança?”).

O mesmo pode ser observado no excerto 8, no qual o Sujeito D relata sua percepção ao utilizar espaços destinados ao público preferencial, nos quais as placas indicativas com a representação imagética dos usuários não contêm a imagem de um homem com criança de colo. Embora a lei determine “pessoas com crianças de colo”, o esperado (como disse o próprio Sujeito D) é que a criança esteja com uma mulher, fazendo com o que o pai se sinta excluído do grupo dos possíveis cuidadores da criança e, portanto, não legitimado socialmente como pai, levando-o à conclusão de que “a sociedade é muito machista em todos os pequenos detalhes”.

b) O pai-cuidador glamourizado

Excerto 9:

“Todo mundo tem esse discurso: ‘mas você é pai, que lindo’, tá sendo valorizado por causa disso, faz pouco e já tem muito reconhecimento” (Sujeito A)

Excerto 10:

“É uma questão mais de reconhecimento, e aí o lance de ser reconhecido tá no contexto cultural, a própria mulher não reconhece, porque ela cresceu numa sociedade machista. (...) Me sinto muito desvalorizado, demais. Apesar de sempre as pessoas: ‘ai que massa, você dá força, que massa que você faz...’” (Sujeito D)

Excerto 11:

Sujeito B: “A gente tá sendo muito bombardeado nos últimos anos, com a questão de como é legal ser pai, o papel produtivo da paternidade na sociedade, que é um papel extremamente valorizado, e se você for olhar a porta do céu é a paternidade (...) o cara é valorizado, apreciado, bem visto e isso também é uma mentira, o pai cuidador, como se ele tivesse fazendo mais alguma coisa além do dever dele numa relação de cuidado com filhos, que é cuidar de igual para igual. Assim, filho é uma sociedade (...) trocar fralda, fazer tudo que a gente faz, dar comida, colocar para dormir, não é porque a gente é legal, não é isso, é para compartilhar.”

Sujeito A: Se não cuidar morre.

Sujeito C: Você não tá fazendo favor nenhum.

Sujeito B: Isso, se não cuidar morre, se não cuidar o bebê morre”

Vemos nos excertos acima uma constatação paradoxal: nos três exemplos os sujeitos atestam que o papel do “pai cuidador” é valorizado socialmente, mas eles rejeitam veementemente essa representação identitária e não se sentem à vontade diante dessa valorização que recebem por exercerem cuidados que, em seu entendimento, são parte apenas de seu dever como pais. No entanto, por outro lado, o Sujeito D utiliza repetidamente as palavras “reconhecimento” e “reconhecido”, para depois afirmar que se sente “muito desvalorizado” reforçado em seguida pela palavra “demais”, que eufemiza sua insatisfação. Ele utiliza em seguida a conjunção adversativa “apesar” para ponderar que reconhece o recebimento dos elogios, mas ainda não os considera representativos de um pensar social comum, já que, de modo geral, ele não se sente valorizado ou validado como pai. No excerto 11, o Sujeito B deixa claro que considera o pai cuidador uma falácia, uma mentira.

Depreendemos desses excertos uma representação da sociedade binária e paradoxal, que se constrói a partir de uma mesma constatação: os homens não são vistos pelo senso comum como cuidadores principais ou naturais ou tão capazes quanto as mulheres. Por isso mesmo, por um lado causam estranheza por onde passam sozinhos com seus filhos a tiracolo e, por outro, causam encantamento por darem a sensação de que estão fazendo algo a mais do que aquilo que lhes é cabido socialmente. Ou seja, o pai cuidador não-valorizado e o pai cuidador glamourizado são como duas faces da mesma moeda: a sociedade machista.

5.3.3 A PATERNIDADE COMO CRISE

a) Nuances das crises das masculinidades:

Excerto 12:

“Lá em casa é ao contrário, é minha mulher que sai cedo (para trabalhar) e volta no fim do dia, e eu que tomo conta do nosso filho todos os dias (...) É muito *punk* ficar sem trabalho, o lance cultural do homem, da mulher estar ali 70, 80%, quem banca a casa é ela, e eu ter que segurar isso saca? Porque nas discussões várias vezes quando ela aponta isso para mim como homem, sacou ter que passar pelas questões culturais, sacou?”
(Sujeito D)

Excerto 13:

“Me impactou muito esse lance de você perceber que você sem ambição você se torna, você perde um pouco o seu status. Você, homem, sem ambição, sem querer realizar grandes coisas, você vai começando... eu acho que para a formação da masculinidade, da representação ainda do homem não ter ambição, não estar querendo fazer grandes realizações, eu senti, velho, vou te falar a real, como se fosse menos masculino assim, senti que tipo eu tinha menos reconhecimento das pessoas, que eu não estava compondo essa parte desse universo que era do homem” (Sujeito A)

Excerto 14:

“Isso que ele tá falando é uma crise da identidade masculina, eu passei por isso também. (...) Dentro da masculinidade, do padrão geral da masculinidade, a gente só sente que a gente tem valor para a gente mesmo, se a gente tiver provendo e gerando” (Sujeito B)

Excerto 15:

“Ao invés de eu estar dirigindo carro, eu tô sentado no banco de trás com meu filho, entendeu? A minha sensação às vezes é essa, tipo, e aí é por isso que eu tenho sentido muito ultimamente que eu tô para a partir do ano que vem eu fazer alguma coisa pra eu me sentir de novo...

Sujeito D: Na direção.

Sujeito A: Macho.”

Nos trechos de fala transcritos acima, observamos indícios de uma possível crise da identidade masculina sendo expostos em relação ao que se tem construído socialmente como construtos de masculinidades, de modo que a sociedade machista que esses sujeitos criticam e com a qual parecem querer romper em outros trechos de falas, é a mesma com a qual eles aqui compactuam. Ou seja, a consciência do que se tem estabelecido como padrões desde sempre em relação ao que se considera “feminino” e “masculino” dentro da sociedade produz nesses sujeitos uma ambivalência com a qual não sabem lidar: por um lado, buscam romper com esses padrões (ao reivindicarem, por exemplo, o reconhecimento social como cuidadores ‘naturais’ tanto quanto as mulheres), e, por outro lado, não suportam as consequências dessa ruptura (a sensação de que estão assumindo uma identidade em certos aspectos feminina e não masculina).

É possível observar essa ambivalência ocorrendo, então, em três níveis:

1. Em relação à sociedade: pelo uso das frases “ter que passar pelas questões culturais do homem”, “tinha menos reconhecimento das pessoas”;

2. Em relação a eles mesmos: pelas escolhas lexicais de representação masculina, como “ambição”, “realizações”, “a gente tem valor para a gente mesmo, se a gente tiver provendo e gerando”;

3. Em relação ao universo feminino: a mulher aparece nomeada apenas no excerto 12, quando o Sujeito D afirma que em sua casa é “ao contrário”, já que sua mulher trabalha fora e ele fica em casa cuidando do filho; nos demais trechos de fala, a mulher se encontra apenas pressuposta e não nomeada, como no caso da metáfora utilizada no excerto 15, em que estar “no banco de trás” do carro conota representação de coadjuvante, de passageiro, de alguém que não é o protagonista, e até mais do que isso: na perspectiva do espaço representado nesta

imagem metafórica, o sujeito não está nem ao lado da mulher – motorista pressuposta, ele está atrás dela com o filho, em lugar subalterno, inferiorizado.

Aqui temos, então, exemplos concretos acerca da afirmação de Moita Lopes de que as identidades se caracterizam por serem fragmentadas, contraditórias, heterogêneas, multifacetadas, dinâmicas e ambíguas (MOITA LOPES, 2002). A este fenômeno de fragmentação, Hall (1992) chama de ‘crise de identidade’.

▪ O não-lugar

Excerto 19:

“Eu larguei emprego, tinha um bom salário, (...) abri mão de tudo, da grana, do status, do lugar mesmo de poder, que é lugar de poder né? Porque você sai do lugar do provedor, ou da pessoa que está na frente da relação (...) você vai sumindo, você vai desaparecendo, você vai deixando de ter um lugar, que é um lugar seu dentro da sociedade (...) E você fala: ‘caramba, estar nesse lugar é quase insuportável’ (...) porque você tá indo na contra lógica do que os homens deveriam estar fazendo, tanto que a gente é louco para sair daí (...)” (Sujeito B)

Excerto 20:

“Eu acho que tem um lugar, que é esse lugar que cada um de vocês está falando, que eu sei que cada um tem, mas que (...) a gente entra no lugar da não existência, né? Ou seja, a identidade masculina para ela existir, você tem que estar ocupando alguma função, e você tem que estar protagonizando alguma coisa para que você possa sentir que você tem valor. Esse lugar de não valor, esse lugar de não existência, ele é sofrido (...)” (Sujeito B)

Excerto 21:

“Isso você deve ter passado também quando você entrou um pouco na coisa de entrar no lugar do provedor, que é ruim, porque o lugar do provedor também é sofrido, porque tu trabalha para c..., você fica pouco com filho, você fica sempre dividido, você fica sempre com pouca qualidade de tempo, é ruim, você perde muito também por um lado, e você ganha por outro.” (Sujeito B)

Excerto 22:

“Mas é isso que é contraditório, que é difícil, porque eu vejo que as pessoas reconhecem sim, o problema é quando você passa desse reconhecimento assim trivial, do dia a dia e tal, para você exercer outros papéis eu acho, tipo assim: você está com um grupo de amigos, e aí tá todo mundo falando o que tá fazendo da vida, o posicionamento das pessoas no mundo, tem um posicionamento masculino que é muito da força, das conquistas, e das próximas conquistas, e você quando você tá numa posição como essa de estar mais... (no papel do cuidador)” (Sujeito A)

Nesta seção, destaco algumas das muitas ocorrências de fala dos sujeitos entrevistados em relação ao que eles chamaram de “falta de lugar”. Como vimos nos excertos acima, esse não-lugar dialoga muito com a construção da possível crise de masculinidades já tratada anteriormente, uma vez que a crise masculina se dá justamente quando o homem percebe e sofre com essa “perda” de seu lugar social. Isso pode ser constatado não apenas pela verbalização dos vocábulos “lugar” e “posicionamento” repetidos diversas vezes, mas pela sua relação com verbos que denotam essa perda, como “sumindo”, “desaparecendo”, “deixando de ter (um lugar)”.

Além disso, como podemos observar acima, verificamos que essa perda é dupla: (i) do lugar dentro da relação conjugal homem-mulher (“da grana, do status, do lugar mesmo de poder”, “você sai do lugar do provedor, ou da pessoa que está na frente da relação”); e (ii) dentro da sociedade (“que é um lugar seu dentro da sociedade”, “indo na contra-lógica do que os homens deveriam estar fazendo”, “com um grupo de amigos, todo mundo falando o que tá fazendo da vida”, “tem um posicionamento masculino que é muito da força, das conquistas”).

▪ A morte

Excerto 23:

“é uma morte, então assim, se você não tem apoio, se você não tem suporte para atravessar essa morte, você sofre muito, porque é como se você tivesse toda hora o seu ego, toda hora sendo atacado, e desqualificado”

(Sujeito B)

Excerto 24:

“Às vezes eu sinto assim que eu tô surtando, eu tô pirando...” (Sujeito D)

Excerto 25:

“Graças a Deus que a casa é sua, e você tem 10 horas de trabalho por semana, que você sente que você trabalha, que você sai, você volta, porque senão você estava adoecendo, você ia morrer lá dentro, porque a gente vai morrendo.” (Sujeito B)

A morte aqui é mencionada pelos sujeitos de forma metafórica, para intensificar a sua perda de lugar, sua perda de identidade. A morte é representada como o nível extremo da crise, é como se a crise fosse sentida numa crescente interior de: sentir-se “menos macho” → sentir-se “sem lugar” → sentir-se “morrendo”. Além de ser nomeada verbalmente como

“morte”, ela também pode ser representada pelo uso dos verbos e expressões: “sofre muito”, “atacado”, “desqualificado”, “surtando”, “pirando”, “adoecendo”.

Caracteriza-se, aqui, o fenômeno chamado por Hall (1992) de “perda de sentido de si”. De acordo com o autor, as mudanças ocorridas desde o final do século XX afetaram as configurações identitárias pessoais, abalando as ideias que os sujeitos tinham de si mesmos como sujeitos integrados e estáveis. Houve, assim, segundo o autor, uma perda do “sentido de si”, desencadeando uma “crise” nas identidades individuais.

b) A crise conjugal

Excerto 26:

Sujeito D: “A relação desgasta muito, é justamente você falar do macho sacou? Eu sinto muito esse lance assim, de um afastamento dela, sacou? De ela não estar se sentindo atraída.

Sujeito A: Cara, é disso que eu tava falando, você achar que você vai ser reconhecido no campo do desejo por você ser um homem bom, você vai se f... (...) Eu acho que uma das coisas que f... a gente, é a divisão que ninguém explica para a gente, que é a divisão entre o que é moralmente certo, e o que é desejável sexualmente...

Sujeito D: Ela não chega tipo apaixonada. ‘Porra, que massa que você tá cuidando do nosso filho, a melhor educação’, ela podia ficar apaixonada por isso né, tipo ‘porra, cara, mil vezes melhor você estar com o nosso filho do que estar numa creche’.

Sujeito A: É o machismo.

Sujeito D: É o machismo.”

Excerto 27:

“A mulher chega, ela te destrói, ela caga na tua cabeça, ela não valoriza” (Sujeito B)

Excerto 28:

Sujeito D: “quando ela volta à noite, chega cansada, ela chega me pagando sapo: ‘você acha que eu tenho que trabalhar o dia inteiro, e ainda ficar com ele quando chegar?’ Que aí rola a discussão: ‘Eu acho não, tenho certeza, meu irmão, que você tem que ficar com ele’, e é quase que tipo assim...

Sujeito A: Aí você fica no papel da mulher chata né?

Sujeito D: É, aí eu fico no papel da mulher chata, isso mesmo.

Sujeito B: Mulher chata, cobradora e insatisfeita...

Com esta última parte, referente à crise conjugal, fechamos a seção intitulada “A Paternidade como crise” e finalizamos este capítulo analítico. Percebemos, aqui, a crise do homem-pai ainda muito ligada à crise da masculinidade, à perda de referência sobre o que é masculino ou não dentro da sociedade. Neste sentido, chegamos à crise conjugal, representada aqui como uma mortificação ainda mais profunda do que a “morte” referente a uma perda de valor social, a um “desaparecer” de seu lugar na sociedade. Este nível ainda mais extremo é apontado aqui como a morte do aspecto sexual de sua masculinidade, daquilo que é um dos maiores marcadores de masculinidade na sociedade: a virilidade.

Nas falas aqui transcritas, os homens representam a crise conjugal, ou a crise em sua relação sexual homem-mulher, como uma consequência de eles estarem no papel do cuidador, como se, saindo do lugar do provedor, se tornassem menos viris, menos desejáveis, o que pode ser verificado nos trechos: “(não) reconhecido no campo do desejo”, “ela não estar se sentindo atraída”, “ela não chega apaixonada”, “ela caga na tua cabeça”. No excerto 26, então, o Sujeito A dá um diagnóstico categórico para este fenômeno: “é a divisão que ninguém explica para a gente, que é a divisão entre o que é moralmente certo, e o que é desejável sexualmente”, sendo que no trecho “ninguém explica pra gente” está pressuposta a sua referência à sociedade, a um senso comum generalizado, ao qual posteriormente atribui a sentença: “é o machismo”.

c) Nuances das crises de identidades do homem-pai

Excerto 16:

“Eu dizia: nossa, não tô conseguindo ajudar, não tô conseguindo entrar, não tô conseguindo pegar a minha filha e paternar. Eu estava me culpando (...) aí eu entrei um pouco na crise assim, eu tendo a culpa de ser um pai à moda antiga, eu: ‘será que eu vou ser machista, será que eu vou em algum momento ficar tão engessadinho nesse perfil, e não conseguir ser um pai como eu acho que devo ser?’ (...) ela demorou a dormir comigo, mal dorme ainda, demorou a ficar só comigo, demorou a descer para brincar só comigo, eu acho que demorou, eu gostaria que fosse mais cedo” (Sujeito C)

Excerto 17:

Sujeito C: É uma crise cara, que eu tava, sinceramente, eu acho que eu tava mais preparado para uma situação feito a do Sujeito D... se eu tivesse muita grana, eu ia ficar em casa mesmo.

Sujeito B: Tipo assim, você é a vanguarda da revolução de gênero?

Sujeito C: isso.

Sujeito D: É isso que você queria?

Sujeito C: Não, velho, não tô dizendo que é fácil não, não tô dizendo que é fácil... Mas pra mim, seria uma crise menor do que a crise de me sentir enquadrado num casal da década de 50, é isso que eu tô falando entendeu? (...) Porque eu ia me sentir na vanguarda, e não retrógado, entende? Eu tô me sentindo retrógado.”

Excerto 18:

“Tem esse discurso que, por exemplo, quando ele chega nos primeiros 15 minutos, eu já tive esse discurso, de falar ‘pô, como é bacana eu ter meu filho, os dois anos eu passei pra ele’. É verdade? É verdade. Não é que você seja mentiroso, mas quando a gente vai aprofundando o discurso, você vê que tem outras coisas que estão junto disso, que não é só satisfação, não é só alegria, tem o lado positivo, mas todo mundo vê o lado positivo na aparência, entendeu? Quando você vai conversando, você vê que isso está sempre trazendo... sendo permeado por outras coisas que estão vindo” (Sujeito A)

No primeiro trecho de fala, pode-se observar a construção da identidade paterna em relação à mãe da criança, que tem seu papel definido como cuidadora principal, deixando o pai sem saber direito de que forma participar. Isto fica claro na repetição do verbo “conseguir” modalizado três vezes na forma “não tô conseguindo”, empregada em conjunto com outros três verbos do campo semântico referente ao cuidado: “ajudar”, “entrar”, “pegar a minha filha”, “paternar”.

Embora a mãe não apareça nomeada explicitamente nessas falas, podemos inferir que ela está pressuposta em todas as ações citadas: “ajudar (a mãe)”, “entrar (na díade mãe-bebê)”, “pegar a minha filha (dos braços da mãe)” e “paternar”, que é um neologismo referente ao cuidado paterno (“cuidar paterno” = “paternar”)²⁶. Além disso, também vemos a crise de identidade paterna sendo construída em relação à mãe, pressuposta no final do

²⁶ O termo “maternagem” é utilizado pela psicologia e medicina para conceituar “o processo de criação que gira em torno da díade mãe-bebê”, segundo a pediatra a pediatra Thelma Oliveira, autora de “O Livro da Maternagem” (2013). O termo “paternar”, então, é uma adaptação.

excerto 16, quando da repetição verbal “demorou”: “ela demorou a dormir comigo”, “demorou a ficar só comigo”, “demorou a descer para brincar só comigo”, o que certamente se estabelece na referência de tempo que o bebê levou para se vincular à mãe. Ou seja, o Sujeito C utiliza um tom de reclamação referindo-se ao longo tempo que “demorou” para que a filha se sentisse segura e conectada com ele, supostamente em comparação com a segurança e conexão automáticas que se dão entre o bebê e a mãe desde o nascimento.

Observamos, ainda, a repetição dos substantivos “culpa” e “crise”, bem como do verbo “culpando”, tanto no excerto 16 quanto no 17, empregados pelo Sujeito C para referir-se à construção de sua identidade paterna não mais em relação à mãe da criança, mas agora em relação aos pais de gerações passadas, grupo do qual ele se exclui amiúde. Isto pode ser constatado pelo emprego de léxicos com conotação negativa atribuídos ao que ele chama de “pai à moda antiga” ou “enquadrado num casal da década de 50”, ao qual classifica como “machista”, “engessadinho” e “retrógrado”. Por fim, sentencia que seria para ele uma “crise menor” a de sentir na “vanguarda” da revolução de gênero “e não retrógrado”, referindo-se à crise de masculinidade vivida pelo Sujeito D, que relatara sua “inversão de papéis” com a mulher, já que ela é a provedora e ele é o cuidador.

Ou seja, depreende-se das falas desses sujeitos o entendimento de que, qualquer que seja seu posicionamento na dinâmica familiar, os homens-pais passam por uma crise, ou uma “fragmentação”, nos termos de Hall (1992), não importando se estão no papel do provedor ou do cuidador (referentes aos dois locus possíveis nomeados pelos sujeitos, sem levar em conta os outros lugares de crise dessa paternidade, dessas masculinidades e dessas identidades). No excerto 18, o Sujeito A dá o diagnóstico referente ao sentimento de crise comum, de um modo ou de outro, a todos os pais daquele grupo: “você vê que tem outras coisas que estão junto disso (da paternidade), que não é só satisfação, não é só alegria”. Ao final, sentencia: “tem o lado positivo, mas (...) quando você vai conversando, você vê que isso está sempre trazendo... sendo permeado por outras coisas (negativas, como a crise) que estão vindo”.

Podemos retomar aqui, caminhando para a conclusão deste capítulo analítico, a afirmação de Bauman de que as identidades se tornam voláteis, algumas por escolha própria, outras lançadas por outras pessoas e entidades. Segundo o autor, o enfoque da identidade nasce da crise de pertencimento, da lacuna entre o “deve” e o “é” (BAUMAN, 2005, p 25). Questionar “quem você é”, portanto, só faz sentido ao acreditar que “possa ser outra coisa além de você mesmo” (BAUMAN, 2005, p 25)

Assim, ao finalizar a seção analítica desta dissertação, espero ter contribuído para a compreensão de parte das diversas e complexas questões que envolvem a paternidade na modernidade tardia (suas práticas, representações e identidades), apoiada na certeza de que as análises não se concluem nem se esgotam em si, sendo sempre passíveis de revisão e complementação. Ainda, considero que a paternidade, como temática social multidisciplinar, requer muitos outros olhares e, sobretudo no contexto acadêmico, merece interesse e esforços de investigação de diversos campos de estudo. Neste sentido, finalizo com um trecho da fala de um dos sujeitos participantes desta pesquisa, que em dado momento deliberou: *“Eu acho que essa evolução da paternidade tá em curso ainda, ela não é uma revolução disseminada, ela tá acontecendo”* (trecho de fala do Sujeito B).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Sujeito A: Eu acho que o difícil mesmo é como a gente vai ser feliz do jeito certo. É isso que é meu grande desafio.

Sujeito C: O jeito certo?

Sujeito A: Porque tem um jeito certo novo né, a gente tá superando o modelo, tá entrando em outro modelo, que tem um monte de diretrizes, de recomendações que eu concordo, sou a favor, só que eu tenho dificuldades às vezes de entender como é que a gente consegue isso com a vida real, conseguir isso com o mundo concreto.” (trecho de diálogo entre os sujeitos da pesquisa).

Para além de um trabalho acadêmico, esta dissertação é fruto de uma jornada pessoal profunda, calcada de muitos desafios. O primeiro deles foi conseguir transformar um tema de meu interesse pessoal, como mãe, em objeto de pesquisa relevante tanto para a sociedade quanto para a comunidade acadêmica da qual faço parte. Minha principal intenção era a de promover uma reflexão lúcida acerca das emergentes mudanças ocorridas nas práticas e nos discursos dos homens-pais acerca de seu papel e seu ‘lugar’ na família e na sociedade, partindo da observação de uma paternidade exercida responsável e afetivamente, apesar da consciência de que ela constitui uma realidade muito específica de uma limitada parcela da população, na qual me incluo.

Dada a pluralidade de homens-pais que existem, e diante da diversidade de variáveis como idade, classe social, orientação sexual, etc. que certamente interferem na história pessoal de cada um e na paternidade que exercem, definir um recorte claro e preciso para esta pesquisa não foi tarefa fácil. Além disso, outro delicado desafio foi encontrar o tom adequado na condução e na escrita final deste trabalho, com muito cuidado para que **não configurasse** (i) por um lado, uma complacente homenagem aos pais-cuidadores, fazendo coro com o discurso que os ‘glamouriza’; nem, (ii) por outro lado, um demérito àqueles que de fato têm assumido uma postura mais ativa na criação de seus filhos.

Considero desafios vencidos e sinto-me satisfeita tanto com o recorte definido quanto com o tom utilizado na condução desta pesquisa, embora não seja minha pretensão, nem poderia ser, enquadrar esta temática nestes moldes de forma definitiva; ao contrário, reconheço com alegria que existem outras infindáveis possibilidades de abordar a mesma problemática a partir de novos paradigmas, o que permitirá explorar de maneira aprofundada

os diferentes aspectos emergentes da reflexão aqui iniciada, que nunca será possível esgotar em um único trabalho.

Neste mesmo entendimento, considero também alcançados os objetivos geral e específicos, que buscavam investigar, a partir do paralelo traçado entre os homens-pais autores dos textos no contexto virtual e os sujeitos participantes do grupo focal, as práticas sociais e discursivas constitutivas dos processos de transformação ou reprodução referentes ao papel do pai na sociedade atual, bem como seu impacto nas práticas e nos discursos sobre a paternidade que vigoram na atualidade. Ainda, buscamos averiguar quais marcas discursivas, desveladas tanto nos textos midiáticos quanto nas falas dos homens em encontros presenciais, revelam uma possível crise de identidade pela qual estão passando estes sujeitos em função de tais mudanças.

Foi possível observar, então, nos dois âmbitos nos quais as análises ('virtual' e 'real', se assim podemos chamar), uma semelhança: a crítica recorrente à sociedade machista. Tanto nos textos publicados na internet quanto nas falas dos sujeitos participantes do grupo focal, houve uma grande permanente crítica à sociedade que, segundo eles, reconhece apenas a mulher/mãe como cuidadora, não validando os homens que assumem os cuidados de seus filhos. No entanto, a constatação do que se tem estabelecido desde sempre como padrões, em relação ao que se considera "feminino" e "masculino" dentro da sociedade, parece produzir nos homens (tanto nos autores dos textos quanto nos colaboradores do grupo focal) uma ambivalência com a qual não sabem lidar: por um lado, buscam romper com esses padrões (ao reivindicarem, por exemplo, o reconhecimento social como cuidadores tanto quanto as mulheres), e, por outro lado, não suportam as consequências dessa ruptura (que lhes causa a sensação de que estão assumindo uma identidade em certos aspectos feminina e não masculina). A este fenômeno de fragmentação, Hall (1992) chama de 'perda de sentido de si' ou 'crise de identidade'.

Neste percurso de reflexão acerca das mudanças sociais e discursivas ocorridas nos últimos séculos e seus impactos nas práticas identitárias dos homens-pais e nas vivências familiares na modernidade tardia, focalizei algumas questões que me ajudaram a nortear o processo de análises, todas referentes às ações, representações e identificações dos homens-pais e seus discursos, tanto nos textos midiáticos quanto no grupo presencial, que considero também respondidas nesta pesquisa.

Segundos os preceitos da ADC, há três significados principais do discurso, do uso da linguagem: ação (como um texto, ou um autor de texto age no mundo a partir de seu texto), representação (como um texto representa o mundo, as pessoas, as práticas sociais, etc.) e identificação (como um texto identifica pessoas, atores sociais, seu próprio autor, etc.). Neste sentido, para desvelar estes significados, bem como suas implicações ideológicas, nos dados analisados, fez-se muito proveitosa a divisão da análise a partir de ‘micro’ e ‘macro’ categorias. A aplicação delas produziu resultados analíticos que apontam para uma realidade contrastante acerca da paternidade na modernidade tardia: de um lado, a voz de poder dos homens-pais que constroem representações e (auto)identidades idealizadas sobre o pai contemporâneo na internet; e, de outro, pais da ‘vida real’, que revelaram em seus discursos ampla e recorrente menção à sensação de falta de ‘lugar’ como homens-pais-cuidadores dentro da sociedade.

Ou seja, tanto os textos midiáticos quanto os trechos transcritos, ambos discursos masculinos paternos, constroem significados que criam ou servem de base para a formulação de identidades ainda não bem definidas, mas em pleno processo de transmutação social. Este trabalho, portanto, possibilitou a reflexão sobre diversos aspectos da vida social de homens e mulheres, a partir da contemplação de como a paternidade é experimentada nos âmbitos familiar e social, pelos homens que conhecemos nesta pesquisa, e em que medida as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas podem ter determinado a compreensão e o exercício de suas práticas sociais e discursivas, bem como a (des)construção de suas identidades.

Assim, considero que a principal contribuição deste estudo é a abertura ao diálogo entre mães e pais, mulheres e homens, interessados na construção de uma sociedade mais igualitária tanto nas vivências familiares, em prol do maior benefício possível para os filhos advinda de uma criação equilibrada e o mais compartilhada possível entre os papéis materno e paterno, quanto nas práticas sociais mais diversas nas quais os universos masculino e feminino possam complementar-se através do diálogo e da colaboração mútua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Lisboa, Presença, 1983.
- BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAKHTIN, Mikail (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do Mundo Líquido Moderno*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas. O que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh University Press, 1999.
- CONNELL, Robert W. *Políticas da Masculinidade*. Educação & Realidade, 1995.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006
- DIAS, J. F. *Analistas de discurso e sua prática teórica e metodológica*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, v 12 (2), UnB: 2011, p. 213-246.
- DIAS, Rafaela Cyrino Peralva. *Resenha: modernidade e identidade*. Revista Psicologia & Sociedade, vol.17 n°3. Porto Alegre, 2005.
- DUPUIS, J. *Em nome do pai. Uma história da paternidade*. São Paulo: Martins Fontes; 1989
- ENGELS, Friedrich. *A Origem da família, da Propriedade Privada e do Estado*. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, [1992] 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FERRY, Luc. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

- FOULCAUT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento na prisão*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, [1986]2004.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, [1972] 2012.
- FROTA, Maria Helena de Paula; OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira (orgs.). *Família, Gênero e Geração: temas transversais*. Fortaleza, CE: Ed. Eduece, 2004.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HACKER, H. M. "The New Burdens of Masculinity." *Marriage and Family Living*, v. 19, n. 3, p. 227-233, 1957.
- HALL, Stuart. *A identidade em questão: a identidade cultural na pós-modernidade*, (Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro 4 ed.). Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HARVEY, D. *The Condition of Postmodernity*, Oxford: Blackwell, 1990.
- HARVEY, D. *Justice, Nature and the Geography of Difference*, Oxford: Blackwell, 1996.
- HURSTEL, Françoise. *As Novas Fronteiras da Paternidade*. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- JABLONSKI, B. *Afinal o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca*. In: FÈRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.
- KOZINETS, R. V. *Netnography: doing ethnographic research online*. Sage Publications, 2010.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.
- PAECHTER, C. *Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminilidades*. Porto Alegre: ARTMED, 2009
- POLITY, M. Z. Setton; COLOMBO, S. F. (Org.). *Ainda existe a cadeira do papai? Conversando sobre o Lugar do pai na atualidade*. São Paulo: Editora Vetor, 2004.
- RAMOS, Murilo e TORRES, Flávia. *Novidade: A igualdade está ficando igual*. VEJA, São Paulo, Edição especial, n.48, p.66-70. Maio, 2000.
- ROMAGNOLI, Roberta C. *Novas formações familiares: uma leitura institucionalista*. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Cap. 2, A família no Brasil através da história, p. 41-89.

- ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.
- THOMAS, J. *Doing Critical Ethnography*. London, New Delhi, Sage, 1993.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage, 2001.
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. In: SILVA, Tomaz Tadeu. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, História e Poder*. Revista de Sociologia e Política v. 18, N° 36: 15-23 Jun, 2010.
- SILVA, Marco Aurélio Dias da. *Todo Poder às Mulheres: Esperança de Equilíbrio para o Mundo*. São Paulo: Editora Best Seller, 2000.
- SOLIS-PONTON, Leticia (dir.); SILVA, Maria Cecília Pereira da (org.). *Ser Pai, Ser Mãe – Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- VAN LEEUWEN, T. *Genre and field in critical discourse analysis*. Discourse & society, v. 4, n. 2, p. 193-223, 1993.